

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO,  
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**DISSERTAÇÃO**

**OS FINLANDESES DE PENEDO: UMA VIAGEM UTÓPICA EM DIREÇÃO AOS  
TRÓPICOS**

**LILA ALMENDRA PRAÇA DE CARVALHO**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO,  
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**OS FINLANDESES DE PENEDO: UMA VIAGEM UTÓPICA EM DIREÇÃO AOS  
TRÓPICOS<sup>1</sup>**

**LILA ALMENDRA PRAÇA DE CARVALHO**

*Sob a Orientação do Professor*

**Jorge Osvaldo Romano**

Dissertação submetida como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Ciências, no  
Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais em  
Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

Rio de Janeiro, RJ  
Abril, 2014

---

<sup>1</sup>O título da dissertação faz referência ao livro publicado por Toivo Uuskallio sobre sua primeira viagem ao Brasil, em 1927, cuja edição mimeografada brasileira tem como título “Na viagem em direção à magia do trópico”.

304.82  
C331f

T

Carvalho, Lila Almendra Praça de.

Os finlandeses de Penedo: uma viagem utópica em direção aos trópicos / Lila Almendra Praça de Carvalho, 2014.

113 f.

Orientador: Jorge Osvaldo Romano

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

Bibliografia: f. 109-113.

1. Imigração - Teses. 2. Utopia - Teses. 3. Identidade - Teses. 4. Finlandeses – Teses. I. Romano, Jorge Osvaldo. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO,  
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**LILA ALMENDRA PRAÇA DE CARVALHO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências.

Dissertação aprovada em 04/04/2014

---

Jorge Osvaldo Romano, Dr. UFRRJ/CPDA  
(Orientador)

---

Claudia Job Schmitt, Dra. UFRRJ/CPDA

---

Mirian Alves de Souza, Dra. UFF/PPGA

[...] O apelo do caminho do campo fala apenas enquanto homens nascidos no ar que o cerca forem capazes de ouvi-lo. São servos de sua origem, não escravos do artifício. Em vão o homem através de planejamentos procura instaurar uma ordenação no globo terrestre, se não for disponível ao apelo do caminho do campo. O perigo ameaça, que o homem de hoje não possa ouvir sua linguagem. Em seus ouvidos retumba o fragor das máquinas que chega a tomar pela voz de Deus. Assim o homem se dispersa e se torna errante. Aos desatentos o Simples parece uniforme. A uniformidade entendia. Os entediados só vêem monotonia a seu redor. O Simples desvaneceu-se. Sua força silenciosa esgotou-se.

O número dos que ainda conhecem o Simples como um bem que conquistaram, diminui, não há dúvida, rapidamente. Esses poucos, porém, serão, em toda a parte, os que permanecem. Graças ao tranquilo poder do caminho do campo, poderão sobreviver um dia às forças gigantescas da energia atômica, que o cálculo e a sutileza do homem engendraram para com ela entravar sua própria obra.

O apelo do caminho do campo desperta um sentido que ama o espaço livre e que, em momento oportuno, transfigura a própria aflição na serenidade derradeira. Esta opõe-se à desordem do trabalho pelo trabalho: procurando apenas por si o trabalho promove aquilo que nadifica.

[...]

Após a última batida, o silêncio ainda mais se aprofunda. Estende-se até aqueles que foram sacrificados prematuramente em duas guerras mundiais. O Simples torna-se ainda mais simples. O que é sempre o Mesmo desenraiza e liberta. O apelo do caminho do campo agora é bem claro. É a alma que fala? Fala o mundo? Ou fala Deus?

Tudo fala da renúncia que conduz ao Mesmo. A renúncia não tira. A renúncia dá. Dá a força inesgotável do Simples. O apelo faz-nos de novo habitar uma distante Origem, onde a terra natal nos é devolvida. (Martin Heidegger, 1948)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico postumamente a meus avós Talitha e Frederico, herdeiros da busca por simplicidade e harmonia do povo de cabelo cor de palha.

## **AGRADECIMENTOS**

A Lana e Gustavo, que contemplam a poesia roceira; ele, despojado de ismos e normas, só tem valor o que é humano. Ela, de uma generosidade transbordante e mística.

À colaboração essencial do meu orientador Jorge Romano e à consultoria da professora Cláudia Schmidt bem como ao ensinamento de todos os professores do CPDA; à essencial ajuda de Heitor Levy e à colaboração de Gianna Larocca.

Agradeço ao CNPq pela bolsa disponibilizada e que me permitiu dedicação ao projeto. Aos finlandeses de Penedo e da Finlândia, que foram informantes essenciais no processo de realização da pesquisa: Helena, Soile, Mika, Eeva, Raul, Anneli, Ismo, Teuvo e Anja.

Finalmente, à Bel Nogueira e ao Alan Tygel, companheiros pacientes e amorosos nesse percurso.

## **RESUMO**

CARVALHO, Lila Almendra Praça de. **Os finlandeses de Penedo: uma viagem utópica em direção aos trópicos.** 2014. 113 p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

A pesquisa tem como foco a trajetória de vida e o processo de construção da identidade finlandesa dos migrantes estabelecidos em Penedo, no sul do Estado do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Através do olhar sobre suas narrativas e discursos, pretendeu-se problematizar a configuração da identidade finlandesa nos trópicos, tanto durante como após a dissolução do projeto coletivo de colonização. Em fins do século XIX e início do XX houve na Finlândia uma onda de emigrações relacionadas a ideais nacionalistas, socialistas e anarquistas, dentre ideologias convergentes. O contexto da imigração utópica para Penedo, em 1929, integra esse fenômeno – chamado de “febre dos trópicos” por alguns autores – cujos inúmeros estabelecimentos baseavam-se em ideais de novas sociedades. Constituída por imigrantes dotados de expectativas específicas em relação à construção de um modo de vida mais saudável nos trópicos, os ideais do projeto da colônia penedense – personificados por seu líder Toivo Uuskallio – visavam estabelecer uma comunidade harmônica, livre da lógica capitalista e próxima à natureza.

**Palavras-chave:** Imigração, Utopia, Identidade, Finlandeses

## ABSTRACT

CARVALHO, Lila Almendra Praça de. **The Finns of Penedo: an utopian journey to the tropics.** 2014. 113 p. Dissertation (Master of Social Sciences in Developing, Agriculture and Society). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

The study seeks to focus on the trajectory of life and the process of reformation of Finnish identity among migrants of Penedo in the southern part of the state of Rio de Janeiro during the first half of the 20th century. Through the perspective of their trajectories and discourses, the goal was to problematize Finnish identity in the tropics, during and following the dissolution of the collective colonization project. Towards the end of the 19th century and in the beginning of the 20th Finland underwent a large wave of migration that was connected to nationalist, socialist and anarchist ideas, as well as converging ideologies. The context of the utopian migration to Penedo in 1929, integrates this phenomenon – referred to as the "tropic fever" by some authors – where numerous establishments were based on conceptions of new societies. Composed of immigrants who carried specific expectations in relation to a new, healthier way of life in the tropics, the ideal behind the Penedo colonial project – personified by their leader Toivo Uuskallio --, sought to establish a harmonic community, free of capitalist logic and close to nature.

**Key words:** Immigration, Utopia, Identity, Finns

## TABELA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Eino Saarinen toca violino em Penedo. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>22</b>
<b>Figura 2</b> Grupo emigrante parte de Helsinki, em fins da década de 1920. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>27</b>
<b>Figura 3</b> Vista do Penedo na década de 1930. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>29</b>
<b>Figura 4</b> Finlandeses tomam banho no ribeirão das pedras, em Penedo. Foto: Maarti Aaltonen. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>33</b>
<b>Figura 5</b> Grupo imigrante no piso superior do casarão da fazenda. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>37</b>
<b>Figura 6</b> Vista do casarão da fazenda Penedo, em 1952. Foto: Jorma Pohjanpalo. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>40</b>
<b>Figura 7</b> Pioneiros finlandeses na lavoura. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>54</b>
<b>Figura 8</b> Comemoração de feriado finlandês em Penedo, 1952 Foto: Jorma Pohjanpalo. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>56</b>
<b>Figura 9</b> Gottfried (ou Godofredo) Bertell fazendo massagem em Penedo, 1952. Foto: Jorma Pohjanpalo. Fonte: Institute of Migration, Turku.	<b>63</b>

- Figura 10** 64  
Artesã finlandesa faz chapéu de bucha. Penedo, 1952.  
Foto: Jorma Pohjanpalo Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 11** 66  
Toivo Asikainendeu início ao cultivo de bucha em Penedo. Elas eram usadas em chinelos, bolsas, chapéus, pegadores de panela, tapetes, etc. Imagem da década de 1950.  
Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 12** 68  
Pensão finlandesa dos Bertell, 1952.  
Foto: Jorma Pohjanpalo. Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 13** 71  
Banho de rio em Penedo.  
Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 14** 74  
Banho de rio em Penedo.  
Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 15** 78  
A casa e o cacho de banana, Penedo.  
Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 16** 81  
Lavando roupa em Penedo, à direita Liisa Uuskallio.  
Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 17** 88  
Penedo na década de 1970.  
Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 18** 89  
Sauna finlandesa em Penedo, 1952.  
Foto: Jorma Pohjanpalo Fonte: Institute of Migration, Turku.
- Figura 19** 91  
Danças folclóricas no quintal da casa grande da fazenda.  
Fonte: Institute of Migration, Turku

**94**

**Figura 20**

Danças folclóricas no quintal da casa grande da fazenda, provavelmente em 1979, por ocasião da comemoração dos 50 anos da colônia.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

**96**

**Figura 21**

Martti Aaltonen fantasiado de bailarina. Penedo, década de 1970.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

**99**

**Figura 22**

Placas turísticas em Penedo

Fonte: Institute of Migration, Turku.

**101**

Liisa Uuskallio em frente ao monumento erguido por ocasião da celebração dos 50 anos da Colônia finlandesa de Penedo, em 1979.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

**102**

Placas turísticas e chegada da luz elétrica na atual rodovia Rubens Mader, próxima à entrada de Penedo.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
Metodologia e estrutura de dissertação	16
Da relação íntima com o objeto	18
<b>I. O PROJETO DE IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL</b>	<b>20</b>
1.1 Antecedentes históricos finlandeses	21
1.2 O contexto finlandês e as emigrações utópicas	24
1.3 O contexto brasileiro	27
1.4 Apontamentos ideológicos para a imigração penedense	30
1.5 O chamado aos trópicos	36
1.5.1 A ideologia uuskalliana e a locação ideal	38
<b>II. A COLÔNIA FINLANDESA DE PENEDO</b>	<b>42</b>
2.1 A escolha dos imigrantes	42
2.2 Jornada aos trópicos	46
2.3 Chegada à fazenda	50
2.4 Princípios utópicos na realidade	53
2.4.1 Dificuldades na manutenção da estrutura coletiva	60
2.5 Venda da fazenda e diversificação das atividades	64
<b>III. TRAJETÓRIAS, REPRESENTAÇÕES E RE-CONFORMAÇÃO DA IDENTIDADE FINLANDESA EM PENEDO</b>	<b>69</b>
3.1 Lideranças, trópicos e utopias	69
3.2 Dos alimentos para corpo e alma	76
3.3 Finlandeses nos trópicos: impressões e representações das diferentes narrativas	81
3.4 Turismo, clube finlandês e sauna: modos de ser finlandês em Penedo	87
3.4.1 A sauna	87
3.4.2 O clube finlandês	90
3.5 Heranças utópicas e a representação de uma identidade coletiva	96
3.5.1 Estabelecidos e recém-chegados	97
<b>CONCLUSÕES: PRINCÍPIOS UTÓPICOS E OS FRUTOS PENEDENSSES</b>	<b>106</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

Apesar de integrarem o fluxo histórico, as migrações ocorrem também a partir de fenômenos locais, entrelaçando aspectos das mais variadas ordens. A partir do entendimento do fenômeno das migrações, desenvolvemos uma análise mais detalhada das contingências da formação da colônia Penedo, e do contexto específico de deslocamento desses migrantes europeus e seu estabelecimento em área da Mata Atlântica – cuja natureza lhes era tão nova quanto a cultura local<sup>2</sup>.

No universo da produção intelectual sobre as migrações para o Brasil, existe uma bibliografia<sup>3</sup> que trata das principais rotas, como aquelas vindas da Itália, Alemanha e Japão. Em relação a fluxos migratórios relacionados a teorias utopistas, são conhecidas algumas colônias anarquistas e de linhas teóricas variadas, principalmente no sul do Brasil. Sobre a configuração da colônia Penedo e sua formação utópica urbana, há no Brasil dissertação e tese realizados por um de seus descendentes, Sergio Fagerlande<sup>4</sup>, cujos estudos foram desenvolvidos no âmbito do Urbanismo, pela UFRJ.

A colônia Penedo se insere em um campo específico de “emigrações utópicas” (PELTONIEMI, 1985), constituído por diferentes grupos que saíram da Finlândia e se estabeleceram em territórios em geral menos frios com o intuito de fundar uma pequena sociedade. Apesar de entender tal fato como dado, o desenvolvimento do trabalho resgata narrativas que desafiam uma constatação histórica já legitimada e contribui ao jogar luz sobre uma rede de relações conformadora da sociedade e das representações finlandesas em Penedo.

Aqui, o termo utopia ou colonização utópica é utilizado na referência à busca por uma nova forma social, fundada na vontade coletiva de homens virtuosos, que consolidariam uma sociedade tolerante e harmoniosa, seguindo preceitos religiosos. Esses elementos aparecem em More (1997), autor base das utopias, e seguem guiando a noção de utopia que se desdobra em diversos autores, inclusive o escritor russo Liev Tolstoi, sabidamente uma referência para Toivo Uuskallio, notório líder da colônia Penedo. Outro termo que cabe explicar aqui é ideologia, entendido como um corpo coerente de ideias e imagens compartilhadas (OLIVEIRA, 1976), e que age como orientação para os corpos, ainda que de modo objetivado, pois que sua prática não expressaria o todo abstrato que a constitui.

Na mesma linha argumentativa, o antropólogo Fredrik Barth (2000) entende que a noção de cultura comprehende algo em constante transformação, cujos agentes criamativamente suas construções socioculturais ao terem suas próprias percepções sobre suas práticas e anseios. Assim, mais do que identificar um “todo” abrangente e generalizador, busco a compreensão em torno da dinâmica geradora de tais fenômenos, consciente de que a cultura não é uma instituição monolítica ou compartilhada da mesma forma. Dado que cada

<sup>2</sup> Tanto natureza como cultura são conceitos que se opõem como símbolos de nossa cultura dualista, mas podem muitas vezes carregar distintos padrões simbólicos, para diferentes grupos étnicos (GEERTZ, 1973).

<sup>3</sup> Alguns exemplos desses autores são: Basto, Castro Gomes, Seyferth, entre outros, cujos trabalhos versam sobre a imigração brasileira.

<sup>4</sup> FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. **Penedo: uma utopia finlandesa**. Rio de Janeiro: Editora Baluarte, 2013.

relato é parte de uma experiência individual e subjetiva, cada um deles integra o fenômeno coletivo de estabelecimento nos trópicos, uma “realidade cultural” onde diversas vozes ecoam e se embaralham.

Aqui, a reconstrução da identidade finlandesa relaciona-se à concepção ideológica da colônia, de modo que as experiências vividas ali influenciam o modo como as interações se realizavam, e a forma como esses atores passaram a se narrar. Nesse sentido, é também tarefa complexa a de conceber um conceito válido e completo acerca da identidade finlandesa em Penedo, e por isso nos referimos a ela através das representações que a informam pelo pertencimento à etnia, língua, nação. Portanto, a ideia de uma identidade finlandesa simplifica diferenças a favor de que uma comunidade simbólica (HALL, 1987) que represente a nação possa emergir.

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade (HALL, 1987:65).

A identidade aqui trabalhada, em Penedo, representa a consolidação de um deslocamento nacional para fora de suas fronteiras, portanto tem traços de sua origem somados a elementos traduzidos nos trópicos, conformando assim uma identidade finlandesa nos trópicos, cujos elementos culturais foram reatualizados ou reapropriados. Essa identidade reconfigurada se distancia, na prática, daquela que continua sendo construída e vivenciada na Finlândia. Ainda que mantenham elementos em comum, ela deixa de ser produto da história finlandesa. Em geral as identidades mantidas e reconfiguradas por migrantes mantêm certos elementos originários, e reconstruem as relações simbólicas entre si, idealizando a noção de identidade original. Em certos casos os migrantes, em discurso, se tornam mais finlandeses que os finlandeses, em função desse reforço étnico.

Se a elaboração dos relatos autobiográficos, escritos ou falados, se funda sobre a memória e se constitui em algo vivido, sabido por terceiros, ou mesmo vivido “por tabela”, foge então da possibilidade de verificação do discurso histórico ou científico (KLINGER, 2011). Em diálogo, essas práticas de autoconhecimento colaboram na conformação da noção do que seria uma identidade finlandesa nos trópicos, e, posteriormente, sua ressignificação.

O material utilizado se divide entre textos de meus familiares sobre Penedo e os finlandeses (meu pai, avô e avó), relatos autobiográficos de colonos vindos no primeiro momento da colônia (entre 1929 e 1931), e relatos e entrevistas de imigrantes vindos em segundo momento, entre a década de 40 e 50, além de filhos e netos dos primeiros colonos. Por último, fiz trabalho de campo na Finlândia, onde entrevistei pesquisadores – que serão mais à frente apresentados – e travei relações com o país e com a sobrinha do líder, aqui considerado mobilizador étnico, Toivo Uuskallio. Pude me deparar com elementos que lembravam o Penedo onde nasci, a sauna, as frutinhas do bosque, o jeito mais fechado dos finlandeses.

O intuito inicial dessa dissertação seria o de percorrer a reconformação de uma identidade finlandesa nos trópicos, a partir da fundação da colônia Penedo, em 1929, até sua dissolução, em 1942. Tal empreendimento mostrou-se difícil tanto pelo escasso material empírico quanto pela falta de conhecimento da língua finlandesa e relativo curto período de

elaboração. Dessa forma, reúno nessa dissertação<sup>5</sup> tanto um relato histórico como minhas interpretações culturais (GEERTZ, 1973) oriundas dos diferentes discursos sociais, heterogêneos e não concomitantes, com os quais pude travar relação.

Esta tarefa ofereceu dificuldades no desenvolvimento de uma exposição argumentativa linear, por pretender demonstrar a complexidade dos processos de construção cultural e identitário desse grupo, para assim melhor atribuir aos diversos agentes seus papéis. Por outro lado, a polifonia (GEERTZ, 1975) colaborou no sentido de enriquecer uma realidade cultural (CLIFFORD, 1998) bastante fragmentada, que me foi transmitida via memória e registros escritos, e que consequentemente gerou lacunas e desafios na construção de uma coerência narrativa. “[...] As multiplicidades ultrapassam a distinção entre a consciência e inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma. As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 1995:8). Ao compreender que os significados que as pessoas atribuem às coisas são dados posteriormente, Deleuze e Guattari (1995) afirmam que o eu não existe solitariamente, mas ele é algo conjuntamente com o que se sustenta enquanto sociedade. Em conformidade com tal pensamento, entendo que os participantes do empreendimento de Penedo elaboraram seus discursos em relação às especificidades da transição vivida e do universo no qual se inseriam.

A partir de um quadro aproximado do processo de reconformação das identidades finlandesas em Penedo – consolidado através das trajetórias de vida e dos relatos acerca do estabelecimento da colônia – a hipótese central tratava do reflexo das teorias utópicas relacionadas à natureza e à saúde nas representações que informam a própria noção de identidade cultural para diversos dos agentes participantes da colônia. Aqui, os temas de nutrição e saúde funcionam como dispositivos em torno do projeto utópico e são relevantes para os processos de agência individual, tensionados a partir de dogmas do projeto colonizador finlandês. Como hipótese secundária intuímos que traços de uma identidade finlandesa bastante influenciada pelas utopias dominantes na colônia seriam vistos nas demais gerações, cujo discurso teria sido informado pelo estabelecimento e atualização do projeto colonial de 1929.

Portanto, cabe aqui indicar que comprehendo ser este trabalho – e seu recorte específico – fruto da construção narrativa que me coube validar, também originária de um certo olhar e de uma trajetória de vida específica, cuja formação interdisciplinar pode ter influenciado uma liberdade textual que foge às normas das Ciências Sociais. Espero que, apesar disso, o trabalho contribua na direção de um maior contato entre os diversos saberes, e que possa enriquecer nossa visão sobre a sociedade – especialmente os migrantes – e sobre nós mesmos. Estou ciente da linguagem de que me utilizo, também influenciada pela minha formação em Comunicação Social, diferencia-se da corrente acadêmica. Entretanto, acredito ter me expressado razoavelmente, sem contudo apagar as raízes que me mantêm confortável no processo de narrar a mim e aos outros.

## Metodologia e estrutura da dissertação

Sobre a metodologia ensaística de Chesterton: Os mais diversos assuntos se acotovelam, numa vital anarquia, que é, realmente, a manifestação visível de uma ordem profunda. Poderíamos dizer, em outras palavras, que os mais diversos assuntos se acotovelam porque não são diversos. As

<sup>5</sup> Esta dissertação é uma espécie de etnografia póstuma, uma vez que não pude realizar observação ou descrição do que foi a colônia, mas elaborei sobre seus textos *a posteriori*, a partir de discursos registrados e colhidos nas entrevistas realizadas.

associações improvisadas e inopinadas, geralmente acompanhadas de um bom riso, constituem um dos recursos principais do método chestertoniano. (Gustavo Corção, 1961)

O processo de construção deste trabalho reuniu três diferentes métodos: cerca de dez entrevistas semi-estruturadas, pesquisa bibliográfica e documental, e observação participante em menor escala. As entrevistas foram realizadas com pesquisadores finlandeses que estiveram anteriormente em Penedo e elaboraram material sobre a colônia, com finlandeses que chegaram após sua desagregação coletiva e com alguns dos descendentes dos imigrantes pioneiros e moradores de Penedo atualmente. Utilizei material escrito das mais variadas espécies, artigos jornalísticos, literários e entrevistas anteriores, além de autobiografias de pioneiros, como Eila Ampula e Nilo Valtonen, e o livro de autoria do líder Toivo Uuskallio: *Na viagem em direção à magia do trópico*.

A junção de diferentes elementos e espaços-tempo foi um desafio para concretizar uma obra que fosse minimamente palatável e coerente e que ainda contribuísse no avançar do tema. Em busca de uma organização que orientasse a pesquisa, ela foi dividida segundo três eixos de tensão que problematizamos conforme avançamos.

O primeiro trata do processo migratório finlandês e suas idiossincrasias em Penedo. Nele introduzo bibliografia específica relativa às diferentes abordagens das utopias e analiso a emergência do processo emigratório finlandês, bem como o contexto histórico do país. Utilizo também entrevistas realizadas com pesquisadores que haviam travado contato com os pioneiros em sua língua nativa durante o século XX.

O segundo eixo trata da formação da colônia Penedo, que pode ser melhor representada por um grupo étnico diferenciado estabelecido em Penedo, ou os finlandeses nos trópicos. Aqui tento unir um viés histórico a outro de faceta antropológica, ao discorrer acerca da viagem e do estabelecimento dos finlandeses em Penedo a partir de múltiplos discursos e configuro uma espécie de cotidiano da colônia, a fim de contextualizar sua vida rotineira e dar voz aos seus habitantes.

Finalmente, o terceiro eixo aprofunda diferentes visões desse cotidiano e do processo de sobrevida da colônia através de um discurso polifônico capaz de situar o leitor frente à linha mestra desenrolada pela etnografia. Aqui, os finlandeses de diversas épocas unem-se a brasileiros, visitantes e turistas, de modo a configurar o que representou o Penedo e as heranças dessas representações que são notadas ainda hoje, em práticas e discursos.

Vale dizer que materiais heterogêneos são aqui entremeados em busca de uma tessitura social e de práticas posteriormente abordados a partir da memória. Entendo, entretanto, que esse emaranhado de vozes e tempos pode contribuir na reconstrução parcial de relações sociais e domésticas. Foram aqui usados os materiais e entrevistas possíveis, que geram por vezes lacunas, as quais tentamos gerir no intuito de construir uma narrativa relativamente coerente com suas variadas vozes.

Assim, o primeiro capítulo abordará o contexto histórico e político finlandês e o fluxo de suas emigrações em fins do século XIX e início do XX. Seguiremos tratando brevemente do contexto específico do sul do Vale do Paraíba, onde se localizava a fazenda Penedo, e de algumas das imigrações utópicas ocorridas no Brasil anteriormente, a fim de ilustrar o quadro sociocultural em que ocorre o estabelecimento dos migrantes. Por fim, delinearemos o projeto utópico atribuído a Toivo Uuskallio, considerado o líder mobilizador da transferência de indivíduos da Finlândia para o Brasil.

Por seu turno, o segundo capítulo apresentará elementos delineadores do empreendimento colonizador em Penedo, desde a vinda dos migrantes, seu estabelecimento e cotidiano, até a desagregação do projeto coletivo e de seu funcionamento ideal (aspirado pelas lideranças). Ilustram esse contexto relatos da chegada a Penedo, da rotina de atividades

coletivas e posteriormente da transição para modos de reprodução social mais individualizados, bem como acerca das subsequentes mudanças nos padrões culturais dos ali envolvidos.

No terceiro e último capítulo quisemos entrelaçar diferentes falas a fim de esboçar relações de poder, conflitos e disputas que colaborassem no sentido de enquadrar a re-conformação de uma identidade étnica finlandesa, a partir da qual se evidencia o sentido de pertencimento dos colonos. Essa identidade emerge das representações desse pertencimento, que atravessam questões étnicas, linguísticas, religiosas e nacionais, com as quais tentamos trabalhar neste texto. Mais alguns elementos colaboraram na direção dessa atualização identitária, como a natureza, a sauna e o clube finlandês. Em síntese, denominadores culturais comuns articulados a renovações culturais advindas de um novo ambiente foram aqui entrelaçados no sentido de configurar o que substancia “ser finlandês” em Penedo, a partir de um *habitus* (BOURDIEU, 1989) aqui compartilhado e reconfigurado.

Utilizamos, para tal, elementos da análise do conteúdo e do discurso, não adentrando na questão linguística propriamente dita, tanto por não ser esse nosso enfoque quanto pelo fato de que finlandeses falando o português tenham características e idiossincrasias próprias, e que mereceriam todo um trabalho linguístico específico. Dessa forma, tratamos de, na análise dos discursos e auto narrativas em torno da imigração penedense, nos atermos à dimensão social dos discursos, sendo eles lúdicos ou autoritários, nos revelando ambiguidades, expectativas e ideologias atreladas.

Evidente que no processo de elaboração textual acentua-se a tendência marcadamente cartesiana do pensamento. Assim, a tentativa de lidar com o conteúdo de modo mais tênue e conformar argumentos menos angulosos se evidencia como um processo a se levar para a vida. Cabe destacar que não incluí capítulo teórico à parte, estando o aporte teórico, quando citado, integrando os capítulos desenvolvidos a partir de material empírico. Finalmente, apresento conclusões que se relacionam com as hipóteses da pesquisa, consciente de que tais reflexões podem contribuir no entendimento das utopias sustentáveis em uma época em que a modernização era corrente.

## **Da relação íntima com o objeto**

Penedo foi uma fazenda parte do município de Resende que em 1991 integrou-se ao município de Itatiaia, quando de sua emancipação. Esta região, cortada pelo rio Paraíba do Sul e pelas montanhas da Mantiqueira, tem como marca a presença da Mata Atlântica e sua localização considerada privilegiada em meio do caminho entre Rio de Janeiro e São Paulo, por onde passa a rodovia Presidente Dutra.

Ao integrar a terceira geração de uma família que manteve contato com os finlandeses de Penedo, escrevo a partir de uma posição privilegiada. Meus avós, Talitha Praça e Frederico de Carvalho, foram alguns dos primeiros brasileiros a narrar essa história e construíram sua casa de veraneio no Penedo na década de 1950. Frederico, que trabalhava também como cronista e publicitário, escreveu sobre Penedo em jornais como *O Globo* e contribuiu na sua idealização como local exótico de modo a reproduzir um discurso que remete à utopia da vida na natureza. Meu pai, Gustavo Praça, se estabeleceu em Penedo na década de 1970, e fundou dois periódicos, o extinto *O Pé da Serra* e o ainda em vigor *O Ponte Velha*. Entrevistou alguns dos remanescentes, como Eila Ampula, Liisa Uuskallio e Nilo Valtonen e foi um importante interlocutor no processo de pensar esse trabalho.

Cresci indo a almoços na casa da tapeceira Eila Ampula, acompanhada de meus pais e avós, e sendo reconhecida como a neta do Frederico ou a filha do Gustavo. Minha família foi reconhecida pelos finlandeses por ser produtora de literatura e informação jornalística sobre

Penedo e os finlandeses. Frequentei o clube finlandês desde os 12 até os 15 anos, religiosamente aos sábados, onde ia mais cedo treinar danças típicas com o grupo folclórico que se apresentava no baile, e era uma das mascotes. Nossa casa, por onde passa o ribeirão das pedras, se localiza no alto do Penedo e tem uma sauna que utilizamos com frequência, à beira do Rio, da mesma forma como os finlandeses as tinham.

Tal pertença facilitou-me o diálogo com agentes e informantes, embora tenha trazido o desafio da desnaturalização de inúmeros sensos comuns. Ir à Finlândia, em 2013, representou um encontro com raízes que não são as minhas, mas que são minhas vizinhas. A conversa com os pesquisadores Eevaleena Melkas, Teuvo Peltoniemi e Ismo Söderling e com a sobrinha de Uuskallio, Anja, trouxe esclarecimentos em relação à situação política e à formação identitária e nacional dos finlandeses. Durante minha visita ao Instituto de Migração de Turku, na Finlândia, encontrei um artigo (aqui citado) escrito por minha avó Talitha, cuja revista tinha sua dedicatória aos finlandeses que admirava e com quem convivera por 40 anos, segundo escreve ela mesma.

Um dos motivos que me estimulou a empreender essa pesquisa foi a mudança de atitude em relação à natureza e à noção de desenvolvimento local, me parece que mais fortemente acentuada durante a minha infância e juventude, nos anos 90, quando o sonho ainda vigente de preservação e infra estrutura sanitária era pleiteado por um grupo de ativistas, entre moradores e empresários locais, identificados como “Pró-Natureza”. Posteriormente, a sensação de falta de perspectiva tomou o lugar da luta, também em função do crescimento desordenado do Penedo e da construção da “Casa do Papai Noel”, empreendimento que atraiu mais empresários e turistas para a região, sem correspondente infraestrutura.

Vivi em Penedo até os meus 18 anos, e para lá retornei de março a agosto de 2013, período durante o qual participei dos bailes finlandeses mensais e de algumas das comemorações realizadas no Clube Finlândia, como o baile de carnaval *Vappu*, que comemora no norte a chegada da primavera após longo inverno. A convivência me gerou impressões diferentes do que havia sido o Clube Finlândia na minha adolescência, e seguramente diferente do que foi sua origem em fins dos anos 30 e do clube onde participou meu pai, nos anos 60 e 70.

Por este estreito contato sociocultural me foram facilitados o acesso a acervos pessoais e institucionais, constituídos por livros, cartas, fotos e documentos, bem como a possibilidade de realizar entrevistas e breve observação participante com remanescentes e seus descendentes, que vivem ainda hoje no Penedo. Apesar dos obstáculos enfrentados, acredito que esta dissertação contribui, timidamente, na ampliação de horizontes relacionados às noções de imigração e de adaptação no Brasil. Dessa forma, iluminamos uma das facetas das imigrações internacionais transatlânticas, também reforçadas no período pós Primeira Guerra Mundial.

## I. O PROJETO DE IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

A zona hiperbórea, ou polar, é muito fria para favorecer o crescimento duma árvore de pomos. O jardim das Hespérides tem que ser incompatível com os gelos do norte. Deve ficar em clima quente ou temperado. (LOBATO, 1956:206)

Nesse capítulo inicial trataremos de questões mais amplas a fim de contextualizar algumas das influências que integram o projeto de colonização finlandês no Brasil, bem como introduzir elementos que nos parecem pertinentes tanto em relação à realidade finlandesa quanto ao território e contexto social brasileiro do início do século XX.

Assim, abordaremos o contexto histórico e político finlandês e o fluxo de suas emigrações em fins do século XIX e início do XX. Seguiremos tratando brevemente do contexto específico do sul do Vale do Paraíba, onde se localizava a fazenda Penedo, e de algumas das imigrações utópicas ocorridas no Brasil anteriormente, com o intuito de ilustrar o quadro sociocultural em que ocorre o estabelecimento dos migrantes. Por fim, delinearemos o projeto utópico<sup>6</sup> atribuído a Toivo Uuskallio, considerado o líder mobilizador da transferência de indivíduos da Finlândia para o Brasil.

Trataremos então dos antecedentes históricos e ideológicos atuantes na formação da Colônia Penedo e na construção da identidade finlandesa ali presente. Essa identidade é inicialmente forjada a partir das ideologias que compunham o projeto de comunidade utópica no Brasil, e se expressa nos discursos oriundos de diferentes trajetórias de vida dos participantes do projeto coletivo de Penedo e de seus herdeiros. A tensão entre a utopia de novo mundo e a utopia de si mesmo<sup>7</sup> é para nós essencial no intuito de escutar as diferentes vozes e narrativas superpostas que dão forma ao que entendemos ter sido uma colônia utópica<sup>8</sup> estabelecida a partir de um projeto inicial de Uuskallio e seus seguidores próximos.

Identificamos que, em função do novo contexto e dos diferentes desafios no Brasil, práticas culturais são renovadas a partir de novas experiências, o que influencia nos padrões socioculturais que gradativamente tornam-se referência do que integra o grupo étnico (BARTH, 1995) de finlandeses da colônia Penedo. Dessa forma vão se delineando entre as práticas auto atribuídas por esses agentes aquelas que são mantidas, esquecidas ou apropriadas e atuam na formação sociocultural de um grupo étnico deslocado de sua pátria-mãe, confrontado com distintas realidades.

<sup>6</sup> “[...] a mentalidade utópica pressupõe não somente estar em contradição com a realidade presente, mas também romper os liames da ordem existente. Não é somente pensamento, e ainda menos fantasia, ou sonho para sonhar-se acordado; é uma ideologia que se realiza na ação de grupos sociais” (BOBBIO; MATEUCCI; PASQUINO, 2004:1285).

<sup>7</sup> A utopia de novo mundo se relaciona à noção de construção de uma nova forma de sociedade, coletiva, ao passo que a utopia de si mesmo trata dos anseios existenciais próprios do sujeito humano, intimamente relacionados a sua própria existência (LACROIX, 1996).

<sup>8</sup> O termo “colônia utópica” é utilizado por autores como Peltoniemi (1985) e Melkas (1999) ao tratar do fenômeno migratório finlandês desse período, que buscava novas construções sociais a partir da orientação de diferentes correntes teóricas. Dessa forma, as colônias estabelecidas nesse período, dotadas de ideais variados, são conhecidas como utópicas.

## 1.1 Antecedentes Históricos Finlandeses

O território finlandês, colonizado e dominado durante sete séculos (1150 a 1809) pela Suécia, era constituído por povos que falavam originalmente o idioma finlandês e que o mantiveram enquanto idioma popular – falado pelos camponeses principalmente –, enquanto o sueco passou a ser a língua oficial do país. A dominação sueca instaurou na Finlândia a fé cristã e estabeleceu os sistemas legal e social escandinavos (COSTA; KOJO, 1985), instituindo o idioma sueco durante muitos séculos nas escolas e universidades, onde não figurava o ensino ou a produção acadêmica em finlandês<sup>9</sup>.

Para o escritor russo Kropotkin<sup>10</sup> (1885), o domínio sueco foi inicialmente benéfico ao povo finlandês, pois do contrário seu território seria dominado pela Rússia ou Alemanha, e embora deslocando o idioma finlandês das atividades educacionais oficiais, o domínio sueco possibilitou a perpetuação dele na cultura oral e o estabelecimento de um corpus político finlandês, dando mais liberdade às suas características étnicas do que outro domínio teria permitido. Entretanto, segundo o mesmo autor, o controle sueco sobre a Finlândia foi gradualmente tornando-se desvantajoso pois, apesar de ser permitido o uso da língua finlandesa e possibilitada a organização popular em instituições políticas e sociais, ele também estabeleceu o poderio da nobreza sueca sobre a população finlandesa e impôs taxações, fazendo com que dois terços do território e das riquezas finlandesas passassem a pertencer a esta aristocracia, que monopolizava também os negócios no território finlandês (KROPOTKIN, 1885).

No século XVIII, a Suécia perdeu para a Rússia parte do território leste – que seria hoje finlandês –, onde se localiza a Carélia<sup>11</sup>. A Suécia tornou então mais rígido o controle político sobre o território finlandês na tentativa de evitar uma perda maior e gerou, no fim do século XVIII, uma situação de fome, miséria e instabilidade social, possibilitando que, em 1808, com o apoio de Napoleão, o czar Alexandre I lograsse anexar a Finlândia à Rússia, e mantivesse seu território como um grão ducado russo, até sua independência, por ocasião da revolução de 1917. □ A Finlândia de então já não era mais parte de um outro país, mas um território autônomo do império russo.

Ainda segundo Kropotkin (1885), no início do domínio russo sobre a Finlândia, o Czar Alexandre entendia ser o povo finlandês constituinte de uma nação, e respeitava sua sociedade e cultura enquanto tal, o que estimulou enquanto singularidade étnica a legitimar sua diferença cultural em relação aos suecos, gerando ondas nacionalistas e a ideia de uma identidade finlandesa. Apesar de ter sido dominado por tantos séculos, o povo finlandês constituía-se de traços antropológicos próprios e singulares, idioma e aspirações, o que os unia em torno de uma unidade nacional comum – ainda que falantes da língua sueca também a constituíssem (KROPOTKIN, 1885).

Durante o período como território autônomo da Rússia o movimento nacionalista finlandês floresceu: publicou-se a epopeia nacional *Kalevala*, o livro mais importante da Finlândia, que reuniu cantigas tradicionais da cultura finlandesa; e, em 1882, a língua finlandesa foi alçada à oficialidade. Durante o século XIX, enquanto em nações europeias já constituídas ocorriam movimentos de valorização da cultura nacional com o intuito de criar

<sup>9</sup> O finlandês se tornou a língua oficial após a consolidação de resistência nacionalista e publicação da epopeia *Kalevala*, em 1882.

<sup>10</sup> Kropotkin foi um dos principais pensadores políticos do anarquismo no fim do século XIX, fundador da vertente anarco-comunista.

<sup>11</sup> Essa região, historicamente disputada entre Suécia e Rússia, teve suas fronteiras inúmeras vezes alteradas em função de conflitos bélicos. O líder da colônia, Toivo Uuskallio e vários de seus seguidores são originários daí, das cidades de Antrea ou Viipuri.

uma comunidade imaginada (HALL, 1987)<sup>12</sup>, na Finlândia, embora houvesse um povo auto identificado entre si e com o território e suas práticas, ainda se buscava sua fundação enquanto nação (KROPOTKIN, 1885).

O uso da sauna, a conexão com as florestas e lagos, a coleta e uso da madeira e o artesanato de lã fazem parte de um modo de vida compartilhado por todos os finlandeses, ultrapassando o fenótipo ou o idioma falado – parte deste continuava a falar sueco –, e desde o período de controle sueco os finlandeses identificam-se a si e a seus pares como parte de um mesmo povo e território (KROPOTKIN, 1885). Curioso que em fins do século XIX Kropotkin identifique elementos que, como veremos, são retomados e adquirem significados chave na colonização de Penedo. Uma das características que o autor atribui ao indivíduo comum finlandês é a capacidade de meditação e contemplação frente à natureza, e a importante conexão desse povo com elementos naturais como os lagos e florestas.



**Figura 1.** Eino Saarinen toca violino em Penedo. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Com a ascensão de Nicolau II, em 1894, os russos foram progressivamente diminuindo a autonomia do grão-ducado da Finlândia, e instaurou-se no país um processo conhecido como a “russificação”. Esse período é conhecido como o fim da era de decadência da monarquia czarista russa, sendo a crise política presente não só na Finlândia, mas em toda a sociedade russa. Em fins do século XIX, esse projeto buscava diminuir as minorias não-russas e dar fim à autonomia do território finlandês e suas especificidades socioculturais, bem como de outros territórios por eles dominados (COSTA, KOJO, 1985). O escritor russo Tolstoi<sup>13</sup>, escreve, em 1902, uma carta ao Czar em que diz<sup>14</sup>:

Um terço da Rússia está submetida a uma contínua vigilância policial; o

<sup>12</sup> Segundo Hall, a ideia de estado-nação surge das representações que nutrem as identidades culturais, e consequentemente as identidades nacionais. Portanto, a cultura nacional surgiria de um discurso, oriundo das representações de uma identidade finlandesa.

<sup>13</sup> Os escritos de Tolstoi influenciaram uma corrente anarquista cristã e a fundação de comunidades, como a de Penedo e outras comunidades estabelecidas fora da Finlândia.

<sup>14</sup> Carta a Nicolau II, data de 16 de janeiro de 1902.

exército de policiais conhecidos e secretos aumenta sem cessar; as prisões, os centros de deportação e os calabouços estão repletos; fora os duzentos mil criminosos comuns, há um número considerável de condenados políticos entre os quais consta agora uma multidão de operários. A censura com suas medidas repressivas chegou a tal grau que superou os piores momentos dos anos que se seguiram a 1840. As perseguições religiosas não foram nunca tão frequentes nem tão cruéis como o são agora, [...].

É nessa atmosfera que se encontra o povo finlandês, também defendido por Tolstoi, que condena as ordens governamentais russas, characteristicamente violentas e controladoras. Neste período os finlandeses foram obrigados a utilizar o idioma russo e adotar as instituições e normas russas, bem como integrar seu exército, tal como haviam integrado o exército sueco (MELKAS, 2013). Este processo gerou uma onda de emigração nacionalista, principalmente para a Suécia, bem como o florescimento da luta pela libertação na Finlândia. Em 1906 foi criado o parlamento nacional finlandês, eleito por sufrágio universal, – sendo o primeiro país europeu a permitir o voto ao gênero feminino – num ensaio em direção à independência (FAGERLANDE, 2007).

No início do século XX, em luta por liberdade política, o país viu-se dividido em relação à adesão à União Soviética, eclodindo em 1914 uma guerra civil, conflito que culminou em sua independência, em 1917. Essa guerra civil é tida como a mais traumática para o país, quando vizinhos se dizimaram em nome de diferentes convicções políticas<sup>15</sup>, divididos entre vermelhos (sovietes e seus apoiadores) e os brancos (opositores ao regime russo, entre os quais estavam os suecos e alemães).

Também pelo fato de terem sido dominados tanto pela Suécia como pela Rússia, a história do povo finlandês foi permeada de luta pela manutenção de sua identidade cultural, e seu idioma sobreviveu anos pela prática popular até tornar-se oficial (GODOY, 1979). Por isso um livro que registrasse características tradicionais do povo finlandês, o *Kalevala*, editado em 1835, exerceu papel primordial no registro da língua e cultura próprias, e na conformação de uma identidade finlandesa. A tradição da história oral, a dança e o canto foram mantidos de geração em geração, perpetuando as marcas de manifestações culturais próprias frente ao domínio externo, só publicados oficialmente na ocasião da compilação do *Kalevala*. Historicamente o povo mais humilde falou o finlandês enquanto aqueles que recebiam educação formal utilizavam o idioma sueco<sup>16</sup> e, até os dias de hoje, parte da elite finlandesa se distingue por ter o sueco como idioma materno. Nos dias atuais a Finlândia é oficialmente um país bilíngue, pois 6%<sup>17</sup> da população tem o sueco como língua principal, embora haja intensas discussões em torno da ideia de se excluir o idioma sueco desta condição de oficialidade.

Antecipando a busca por um tipo de vida mais modesto e harmonioso das posteriores colônias utópicas finlandesas, ainda em fins do século XIX, Kropotkin afirma que “a simplicidade de vida rege todas as classes da sociedade finlandesa, a insalubre luxúria das cidades europeias é desconhecida dos finlandeses” (1885:3). O folclore finlandês caracteriza-se por seu idealismo, e a contemplação da natureza expressa através das canções faz parte do modo finlandês de ser<sup>18</sup>. Essa conexão com a natureza de seu território pode ter contribuído

<sup>15</sup> Helena Hildén (2013) conta que havia conflito entre aldeias próximas, incluindo aí crianças e mulheres.

<sup>16</sup> As primeiras universidades da Finlândia tinham origem sueca, mas tal distinção é atualmente vista como decadente, pois após a independência o uso da língua finlandesa adquiriu uma conotação de resistência e de sentido patriótico, e o sueco foi relativamente rechaçado pelo nacionalismo mais radical.

<sup>17</sup> Fonte: [http://europa.eu/about-eu/countries/member-countries/finland/index\\_pt.htm](http://europa.eu/about-eu/countries/member-countries/finland/index_pt.htm), consultada em 25 de julho de 2013.

<sup>18</sup> Tais características são notadas mais tarde na busca pelo estabelecimento colonial de Penedo.

para que mais tarde grupos finlandeses estabelecem-se nas ilhas do Canadá e em Penedo, onde havia clima de montanha e rio de águas fartas.

Ainda segundo ele, o povo finlandês comunga características culturais em seus modos de vida: mesmo os falantes de sueco entendem a importância do finlandês na configuração da nação, e a religião protestante é em geral presente. Distinguindo-se os fenótipos em três tipos ideais, os *tawastes*, do oeste, de face quadrada, louros e de olhos azuis; os *carelianos*, do leste do território, de faces alongadas e cabelos e olhos escuros, e os do centro, *sawos*, que mesclam características dos dois grupos e os conectam em um único povo, os finlandeses partilham em conjunto o sentido da nacionalidade unificada (KROPOTKIN, 1885).

Ademais, a perseverança e a tenacidade características do povo finlandês são também herança de sua relação com o território, majoritariamente composto por florestas, lagos, brejos e pântanos. O autor acredita que os desastres, a fome, a miséria e as más colheitas, com as quais o agricultor finlandês teve muitas vezes que lidar, instituem-lhe a capacidade de aceitação do destino, embora a relativa liberdade que sempre testemunhou o tenha prevenido do espírito da resignação, que tantas vezes afeta o seu vizinho russo.

Durante o processo conhecido como russificação da Finlândia, muitos finlandeses fizeram excursões à América Latina, em busca de locais onde pudessem se estabelecer caso se concretizasse uma invasão russa. Essa seria uma das razões pelas quais houve alguns anos mais tarde a idealização dos trópicos, fenômeno denominado por alguns autores como febre tropical, quando muitas colônias utópicas finlandesas foram estabelecidas na América Latina (SÖDERLING, 2013). Além das questões políticas explicitadas, há no país intenso frio<sup>19</sup> e escuridão durante a maior parte do ano, terras pouco férteis e pobres em minerais. Não bastante, a Finlândia do começo do século XX era também um país pobre em recursos financeiros. São estes os elementos que – somados aos traumas sofridos pelas guerras – influíram na vontade de seus habitantes de buscar novas pátrias através das emigrações (PELTONIEMI, 1985).

## 1.2 O Contexto Finlandês e as Emigrações Utópicas

Tal processo foi iniciado ainda no século XVII, com uma corrente migratória de suecos e finlandeses para a América do Norte (KOIVUKANGAS, 2005). No século XVIII tem-se o primeiro registro de um estabelecimento utópico finlandês, o qual não perdurou mais que um ano: *New Jerusalem*, uma colônia finlandesa-sueca-inglesa fundada em Serra Leoa ainda em 1792 (PELTONIEMI, 1985). Durante o século XIX as imigrações finlandesas se relacionaram mais estreitamente a questões políticas: os finlandeses sofriam o processo de “russificação”, que lhes impunha pouca ou quase nenhuma liberdade, o que os estimulou a sair de seu território em busca de uma melhor situação social, onde pudessem exercer o “ser finlandês” de forma autônoma (LÄHTEENMÄKI, 1979), fundando colônias com ideais nacionalistas.

Parte da população que não desejava unir-se à União Soviética vislumbrava alternativas nacionalistas para libertar a Finlândia desse controle, e a corrente emigratória em massa – também pela fuga da obrigação de servir no exército russo – foi negativa para a sociedade finlandesa, que perdia potenciais trabalhadores e soldados (FAGERLANDE, 2007). Esse fluxo migratório ficou conhecido como utópico por conjugar diferentes ideais políticos na fundação de colônias emigrantes. Ainda em 1868 houve uma colônia utópica de base socialista fundada por finlandeses na Rússia, a *Amurinmaan Yhio*, que durou quatro anos.

No começo do século XX ocorria na Finlândia o que se convencionou chamar “febre

<sup>19</sup> Durante o longo inverno finlandês as temperaturas aproximam-se dos menos trinta graus celcius.

tropical”<sup>20</sup> (PELTONIEMI, 1985). A sociedade finlandesa vivera dias dramáticos durante a primeira guerra mundial e a guerra civil, elemento incentivador da corrente migratória, que teve sua efervescência nesse período, estimulada ainda por crenças religiosas e alternativas ideológicas. Também em função do processo de intensa industrialização por que passava a Europa e a ascensão do cientificismo, cresceu nesse momento a busca por uma “nova medicina” (MELKAS, 1999) e por mais saudáveis modos de vida. Difundia-se a ideia de ida para o sul, onde fazia mais calor e era viável o estabelecimento de uma vida mais próxima à natureza, segundo diferentes ideais, que variavam de acordo com o caráter de cada grupo migrante.

A Finlândia era um país pobre, cuja economia baseava-se na agricultura, no extrativismo florestal e na pesca. O controle russo, a alta taxa de desemprego e o apelo exercido pelas terras disponíveis e oferta de trabalho nos Estados Unidos eram outros elementos que influíam na onda emigratória em direção à América e a outros países que favoreciam a entrada de imigrantes. A maioria das colônias utópicas era dirigida por um líder carismático (WEBER, 1991), cujos seguidores passavam a apoiar o projeto de construção de uma nova sociedade. Muitas vezes as diferenças em seus ideais estimulava cisões e o estabelecimento de colônias de fundos diversos em diferentes localidades. As colônias utópicas tinham em geral entre 50 e 150 integrantes no princípio, com exceção da colônia socialista na região da Carélia Soviética – fronteira com a Finlândia, cujo território abarcava parte da região da Carélia – que somava de 6 a 8 mil integrantes.

Geralmente esses estabelecimentos enquanto micro-sociedades duravam pouco tempo; em seu primeiro ano cerca de metade dos imigrantes voltava à Finlândia, ou migrava para outra colônia, na expectativa de melhor adaptar-se (PELTONIEMI, 2013). As colônias estabelecidas ao norte do Equador em geral tinham clima parecido ao da Finlândia, sendo mais fácil a adaptação dos imigrantes do que naquelas dos países de clima quente, de onde muitas vezes retornavam rapidamente a seu país natal<sup>21</sup> (LÄHTEENMÄKI, 1979).

As primeiras das colônias finlandesas de cunho utópico<sup>22</sup> tiveram como principal pano de fundo a ideia de fundar uma nova Finlândia fora da Europa, na tentativa de evitar o controle social russo. Foi o caso da *Red Deer*, fundada no Canadá ainda em 1899, a de *Pennistus*, em Cuba em 1906, e a *Colônia Finlandesa*, também fundada em 1906 na Argentina, todas de caráter nacionalista. Foi ainda fundada em 1906 a colônia *Itabo*, em Cuba, mesclando ideais nacionalistas e socialistas (PELTONIEMI, 1985). Segundo Lähteenmäki (1979), 1906, foi também marcante na história da emigração do país, evidenciando o intenso momento político vivido no início do século XX, o qual culmina na independência finlandesa em 1917.

Outras colônias utópicas fundadas no início do século XX por finlandeses têm ideais variados e entrelaçados, e mantinham em comum alguns traços nacionalistas como aqueles acima citados. São elas e suas respectivas principais ideologias: *Chillagoa*, de base socialista, fundada na Austrália em 1900; *Sointula*, também socialista, fundada em 1901 no Canadá; ambas liderada por Matti Kurikka, um dos principais nomes das utopias finlandesas, que fundou também a colônia de *Sammon Takojat*, em 1905, no Canadá, agora mesclando ao socialismo as crenças teosóficas (PELTONIEMI, 1985).

Kurikka tinha seus ideais baseados em três tradições: o socialismo marxista, a teosofia e o legado de Tolstoi. Além disso, era apreciador do *Kalevala* e de sua mensagem de cunho

<sup>20</sup> Ou “febre do Brasil”, segundo Lähteenmäki (1979:26), em tradução de Niilo Valtonen. Aqui ele pode ter se referido aos trópicos e não somente ao país.

<sup>21</sup> Também Penedo, houve problemas na adaptação dos finlandeses ao intenso sol tropical e à profusão de insetos característica da Mata Atlântica.

<sup>22</sup> Apesar de diversas e variadas premissas, todas as colônias tiveram em comum o ideal de construção de sua própria sociedade, baseada em alguns elementos que variam em torno de ideais vegetarianos, cristãos, anarquistas, nacionalistas ou democratas socialistas.

nacionalista, e cristão-democrata adepto do novo testamento – cujas influências se refletiam na abordagem de igualdade e fraternidade (PELTONIEMI, 1985). Kurikka se vinculava ao movimento socialista marxista finlandês, defendia a organização comunitária de produção e o fim da propriedade privada, bem como ideais anarquistas, como o fim da família monogâmica e a defesa do sexo livre. Diferentemente de Kurikka, Toivo Uuskallio<sup>23</sup>, embora também influenciado por alguns dos ideais acima descritos, principalmente os cristãos – tinha no cerne de seu projeto a questão da saúde e do retorno à natureza, com foco no vegetarianismo, conceito menos importante para outros líderes, como para o próprio Kurikka (PELTONIEMI, 2013).

Algumas das colônias estabelecidas pelos finlandeses segundo princípios socialistas e cooperativistas foram *Redwood Valley*, na Califórnia, em 1912; e *Georgian Ossufarmi*, em 1921, na Geórgia, ambas nos Estados Unidos; e a *Karjala-Kuume*, também socialista, na área soviética da Carélia, em 1920.

No começo da década de 20, são três as colônias finlandesas estabelecidas na América Latina: a do Paraguai, *Colônia Villa Alborada* em 1920; a da República Dominicana, *Villa Vakka* em 1930, e a do Brasil, *Colônia Penedo* em 1929 (LAHTEENMAKI, 1979). Todas têm caráter parecido – ideais vegetarianos e cristãos e crenças na construção de um mundo novo e melhor – embora a de Penedo tenha se tornado mais conhecida por seu rumo turístico no decorrer do século XX. Os grupos de Uuskallio e o de Oskari Jalkio, líder na República Dominicana, eram bastante próximos, mas foram fundadas duas colônias principalmente pelo fato de Jalkio e seus seguidores serem mais radicais quanto à vacinação e à cura do corpo pela natureza. Como no Brasil a vacinação era obrigatória para estrangeiros, eles buscaram outro país onde ela não fosse (MELKAS, 1999).<sup>24</sup>

O líder do estabelecimento finlandês no Paraguai, Heikel, trabalhava como servidor do governo finlandês quando juntou-se, em 1919, a Thure Edgard e Paul Edwin Erickson, e fundaram a *Exotic Fruit Company*, que objetivava a exportação de frutas, embora não tenham logrado ir além da compra de um pedaço de terra. Heikel, no intuito de manter-se longe da Europa cujo futuro via tão pessimisticamente, não desistiu do Paraguai e estabeleceu a *Colônia Villarica*, onde produzia vinho juntamente a outros imigrantes finlandeses, acreditando que um número grande de pessoas sob o regime de cooperação poderia funcionar nos trópicos, onde seria viável um modo de vida natural e sem o perigo das guerras. Heikel estava em contato com Uuskallio, de quem havia sido professor, e comungava de seus ideais: ambos pertenceram ao grupo de pioneiros que estabeleceram colônias utópicas finlandesas na América Latina, no início do século XX (MELKAS, 1996).

Antes do empreendimento da Colônia Penedo, em 1929, um grupo de finlandeses fundou a *Paradiso*, uma colônia-balneário, em 1925, no sul da França, baseada em ideais vegetarianos e terapias e atividades naturalistas<sup>25</sup> (PELTONIEMI, 1985). O empreendimento não funcionou como planejado, mas foi uma das molas propulsoras para a colonização utópica no Brasil, de cunho também vegetariano e naturalista, somado aos ideais religiosos e de retorno à natureza. Alguns membros do balneário *Paradiso* juntaram-se ao líder Toivo Uuskallio e se estabeleceram na Fazenda Penedo a partir de 1929, como a família Bertell.

Havia na Finlândia no início do século XX uma profusão de sanatórios – espaços dedicados à cura de doenças, emagrecimento e desintoxicações através de métodos naturais – que eram parte do movimento naturalista e vegetariano em voga, também difundido por jornais e revistas, como a *Terveys*<sup>26</sup>. Heranças desses conceitos estimularam o projeto da

<sup>23</sup> Toivo Uuskallio foi o fundador da Colônia Penedo.

<sup>24</sup> Peltoniemi (2013) confirmou essa informação.

<sup>25</sup> Quando dizemos naturalista nos referimos a práticas que buscam a conexão do ser humano com a natureza, e não à corrente ideológica naturalista, seja ela filosófica, literária ou artística.

<sup>26</sup> *Terveys* significa saúde em finlandês.

Colônia Penedo, e muitos dos leitores dessas publicações e participantes desses sanatórios – o de *Kirvu* principalmente, localizado na Carélia – constituíram parte do grupo seguidor de Uuskallio e de seu planejamento de fundação de uma comunidade social e politicamente diferenciada nos trópicos<sup>27</sup>.



**Figura 2.** Grupo emigrante parte de Helsinki, em fins da década de 1920.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

### 1.3 O Contexto Brasileiro

A fim de contextualizar o objeto, supondo que não devemos minimizar a influência do espaço sobre a sociedade<sup>28</sup> (SANTOS, 1979), desenvolvemos aqui breve relato sobre a formação social da região ocupada pelos finlandeses, em 1929, localizada no Vale do Paraíba. A Fazenda Penedo no começo do século XIX era formada por “500 alqueires de planta de milho”, e dita de “cultura e criação”, pertencente à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre da Paraíba Nova, atual cidade de Resende<sup>29</sup> (BARCELLOS, 2012). A região de sua localização havia sido ocupada pelos índios puris, e compunha-se, já na transição para o século XX, predominantemente por fazendas, cuja atividade principal era a pecuária, levada a cabo por pequenos e médios proprietários, paralelamente à ascensão e queda da atividade cafeeira.

A tardia ocupação das tropas reais e construção de vilas nessa região deveu-se ao fato dos caminhos do ouro utilizados para escoamento do produto desde as Minas Gerais passarem por Ayuruoca–Paraty ou Petrópolis–Rio (PRAÇA, 2012), tendo a região de montanhas fronteiriças à Mantiqueira sido pouco atrativa até o século XIX, quando o café trouxe importância especialmente às áreas mais planas do vale fluminense, como a Fazenda Penedo. Com o fim do ouro das Gerais, os mineiros gradualmente se deslocaram para a Paraíba Nova

<sup>27</sup> Um dos intuições, nos primórdios do projeto da colônia Penedo, era a construção de um sanatório em Penedo, que recebesse visitantes para tratamentos naturais e que fosse também fonte de renda (FAGERLANDE, 2013).

<sup>28</sup> Santos enfatiza que o espaço deve ser considerado numa concepção que ultrapasse o ecológico e abranja as questões sociais (1979:9).

<sup>29</sup> Hoje o distrito de Penedo pertence ao município de Itatiaia, emancipado em 1991, e que anteriormente também constituía o território resendense.

(atual região onde se localizam Resende, Itatiaia e Penedo) e plantaram milho e feijão para seu sustento (WHATELY, 1987). Foi nessa ocasião que teve início a produção de café em Resende, município precursor no Vale do Paraíba fluminense, já marcada pela monocultura e trabalho escravo.

Tal característica regional de propriedade fundiária pequena e mediana manteve-se também no período de produção cafeeira, diferindo-se da grande monocultura latifundiária em geral existente no Brasil dos tempos do “café com leite”. Em fins do século XIX havia em Resende uma ampla maioria de remediados, e a ausência de milionários e indigentes (WHATELY, 1987). Também devido à formação social marcada pela autoridade da comunidade, das famílias e da Igreja – e à relativa ausência de um Estado até a transição do Império à República (BARCELLOS, 2012) –, o grau de autonomia das pequenas sociedades do entorno da serra da Mantiqueira – os arredores rurais da cidade de Resende – era alto em relação a um Brasil obediente às normas imperiais e à onda positivista.

O período de quase um século de produção do café (1795-1875) não deslocou completamente a vocação pecuarista regional. A formação da cidade de Resende foi – durante e depois desse fluxo – estreitamente relacionada à cultura rural leiteira, principalmente a partir de 1880 (BARCELLOS, 2012). Ironicamente, exatamente no que concerne ao consumo de leite, ato repudiado por Toivo Uuskallio em Penedo, o produtor rural Eduardo Cotrim, localizado em Campo Bello (hoje Itatiaia), incentivava um maior consumo do alimento pela população e o considerava indispensável às crianças. Cotrim editou volume intitulado *A Fazenda Moderna – guia de criador de gado bovino no Brasil*, no qual, a partir do ideário em voga na época, orientava a criação de gado segundo métodos considerados mais modernos e higiênicos. Integrando o grupo de ruralistas que fundaram a *Sociedade Nacional de Agricultura*<sup>30</sup> e que seguia o ideário de modernização da agricultura nacional, Cotrim clamava pelo progresso e defendia o crescimento da pecuária leiteira regional e nacionalmente, de modo que o resfriamento do leite fosse adequado com o que convinha o saber moderno que havia visto na Argentina e nos Estados Unidos, por exemplo.

Como amostra dessa ideologia modernizante, diz ele que “As trevas de hontem sucedem os primeiros lampejos precursores de aurora de amanhã e o Brasil está reservado, pela natureza, para ser um dos maiores, senão talvez o mais importante centro de produção de gado bovino [...]” (COTRIM apud BARCELLOS, 2013:15). Aqui Cotrim evoca a ascensão da mentalidade de modernização da agricultura nacional, no início do século XX, e representa o setor ruralista, que via no progresso do campo o caminho em prol de uma afirmação nacional. Em 1920, a região de Resende respondia a 10,89% da pecuária leiteira brasileira, e o próprio presidente Getúlio Vargas pedia que lhe enviassem a manteiga Agulhas Negras, considerada a melhor do Brasil. De fato, ainda em 1986, Resende é a segunda maior bacia leiteira do Brasil, só superada por Campos (WHATELY, 1987).

Cotrim supõe que a mentalidade primitiva do fazendeiro do Vale e sua falta de técnica na lida com a terra já usada colaborou para a derrocada dos cafezais e para a falta de perspectiva de novas estratégias para a vida rural...

A maior parte das grandes fazendas desses grandes latifundiários do imenso Valle do Parahyba está agonizando e com ela agonizam os seus proprietários sem saberem como sahir dessa cruciante posição em que eles próprios se collocaram. São propriedades desvalorisadas porque o lavrador brasileiro entende que só têm valor terras virgens em que se pode plantar o cafeeiro ou os capoeirões em que se plantavam alguns cereais deixando o restante

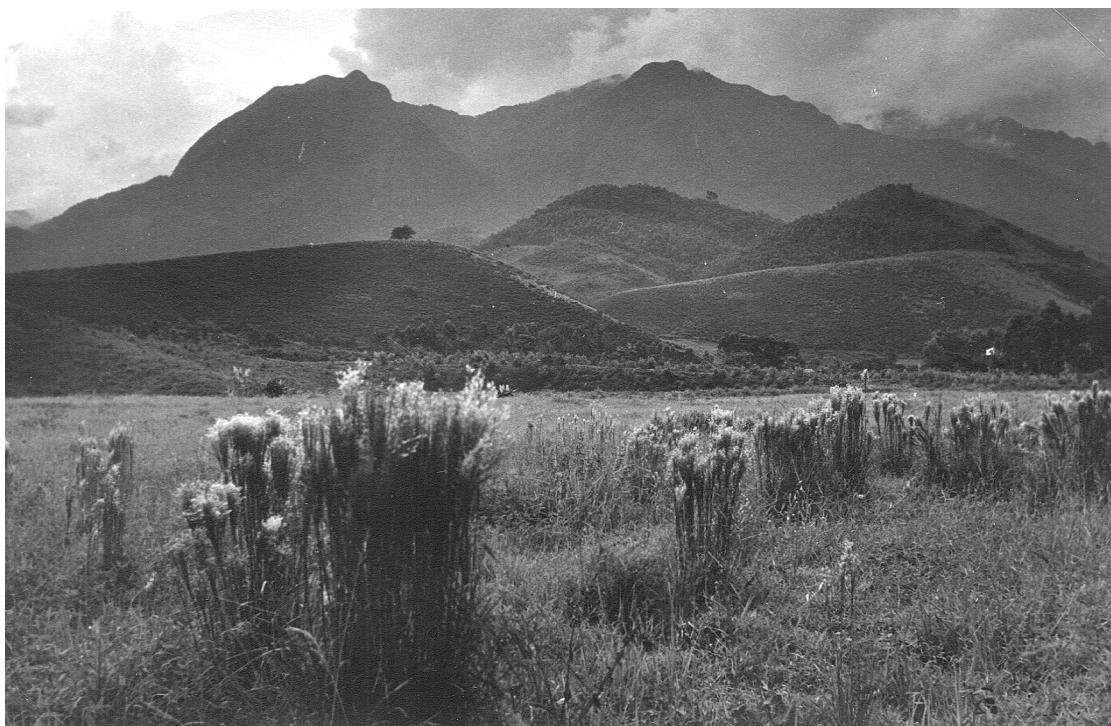
---

<sup>30</sup> “A Sociedade Nacional de Agricultura foi resultado de inúmeras tentativas de organização dos segmentos dominantes agrícolas do sudeste do país, intimamente afetados pelo fim da escravidão.” (Barcellos, 2013:13)

entregue aos “sapezaes” e aos “gorduras que servem mais de pasto aos fôgos do que aos animaes (COTRIM *apud* BARCELLOS, 2013:14).

Também em função da predominância de pequenos e médios produtores, a maioria deles não teve fôlego – na ocasião da crise do café – para trocar trabalhadores escravos por mão de obra livre ou máquinas modernas, e o ápice da produção transferiu-se daí para o Oeste Paulista. Ademais, em 1870, também como marco dessa transição de um mundo marcadamente rural à ascensão da ideologia modernizadora, se instala a estrada de ferro ligando Rio de Janeiro a São Paulo – mais tarde utilizada pelos finlandeses.

Da mesma forma como Cotrim, segundo Hildén (2013), Uuskallio criticava o primitivismo da agricultura brasileira, embora seus argumentos fossem acentuadamente na direção do que hoje vemos nas premissas da agricultura orgânica ou familiar, ao passo que os argumentos de Cotrim advogavam em prol do que viria a ser a revolução verde. Apesar dessas críticas ao modo de cultivo da terra e sua posição contra o consumo de leite de vaca ou qualquer produto de origem animal, Uuskallio escolheu estabelecer-se em uma região tomada por fazendas de pecuária leiteira, onde o acesso pela linha férrea era relativamente fácil e o Estado não lhe ofereceria barreiras ao projeto utópico de comunidade.



**Figura 3.** Vista do Penedo na década de 1930. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Na Finlândia de fins do século XIX e início do XX, havia, em reação à industrialização e ao acelerado processo de mudança de vida, do campo para a cidade, e aos fatores já explicitados das guerras e dificuldades sociais, um intenso movimento em torno da busca de novas sociedades, relacionado às tendências da medicina alternativa, do socialismo e do anarquismo presentes em autores como Steiner e Tolstoi. Dessa forma, entendemos que o contexto de onde partem os finlandeses já exibe certa via crítica em torno da industrialização e de seus resultados vistos nas cidades europeias, enquanto os produtores rurais do sul fluminense, aqui representados através de Eduardo Cotrim, vibravam com a modernização e a chegada do progresso em um Brasil visto como atrasado, e que precisaria aparelhar-se para competir com os mercados internacionais de leite, carne e produtos agrícolas.

Além dos finlandeses em Penedo, outros imigrantes estabeleceram-se no sul do Vale do Paraíba. A maioria desses grupos foi incentivada a emigrar devido à política brasileira pós-abolição, que buscava reposição de mão-de-obra e um – ainda discutível – branqueamento da população. Foram eles os italianos vindos para Porto Real/Resende em 1874, os alemães e suíços que se estabeleceram em Mauá em 1915 e ainda grupos de alemães, franceses e suíços para Itatiaia, entre outros estabelecidos na região, entre fins do século XIX e início do XX. Os colonos de Mauá, que também culminaram utilizando o turismo como atividade principal, ganharam passagem, terras e incentivo do governo para fundar sua vila, e também não eram, em geral, trabalhadores originalmente do campo, assim como a maioria dos finlandeses (ARDHIS, 2001:54).

Antes do estabelecimento da Colônia Penedo<sup>31</sup> houve algumas tentativas de colonização utópica no Brasil, principalmente no sul do país. A primeira delas foi o *Falanstério do Saí*, comunidade socialista estabelecida em 1842 em Santa Catarina. Idealizada pelo homeopata francês Benoit Jules Mure seguindo os ideais de Fourier – como muitos outros falanstérios<sup>32</sup> pelo mundo – a comunidade durou apenas dois anos. Tal como na experiência realizada pelos finlandeses no Penedo, muitos imigrantes vieram sem adquirir grande conhecimento sobre a realidade brasileira, seguindo a ideologia da vida farta e quente dos trópicos, e muitos deles tinham razoável situação financeira na terra natal. Para o *Falanstério do Saí* foram selecionados pelos organizadores mil imigrantes, dentre os dois mil interessados em emigrar (SILVA, 2007), da mesma forma como para Penedo, cujos participantes deveriam ser aprovados pelos organizadores, a fim de serem aceitos no projeto.

Uma segunda tentativa foi a *Colônia Teresa*, no Paraná, primeiro exemplo de realização cooperativista realizado por franceses no Brasil, no ano de 1847, liderados por Jean-Maurice Faivre, que idealizava uma experiência socialista, seguindo os moldes de Charles Fourier e Saint Simon.<sup>33</sup> A colônia durou 11 anos, até a morte de Faivre, e, da mesma forma como em inúmeras das experiências similares, cerca de metade dos participantes abandonou o projeto após o primeiro ano.

O terceiro empreendimento utópico de que temos conhecimento é a Colônia Cecília, primeira colônia baseada em ideais anarquistas fundada no Brasil, liderada pelo italiano Giovanni Rossi, em 1890, no Paraná, que durou quatro anos, e entre suas práticas estava o amor livre<sup>34</sup> e a ideia do ateísmo. Da mesma forma como em Penedo, os integrantes da Colônia Cecília não conheciam o local onde ela seria fundada, que inicialmente seria em Porto Alegre, mas em função do desembarque em terra firme o quanto antes, acabaram instalando-se no Paraná (FELICI, 1998). Pela forte e primeira influência anarquista no Brasil, a colônia se tornou uma lenda, quando a experiência de seus colonos é de fato muito próxima a dos outros imigrantes italianos no Brasil (FELICI, 1998).

<sup>31</sup> Houve também o estabelecimento de finlandeses (trabalhadores mineiros), em 1910, na fronteira do Rio Grande do Sul, às margens do Rio Uruguai, mas ficaram aí pouco tempo devido a suas enchentes. (Lähteenmäki, 1979:22)

<sup>32</sup> “O termo Falanstério, cunhado por Charles Fourier para designar o edifício que devia hospedar a “Falange”, célula-base de sua sociedade ideal, sofreu um processo de rápida dilapidação semântica e veio a indicar o conjunto das estruturas, não somente materiais, mas também econômicas, domésticas, morais, administrativas, etc., sobre o qual se baseia o novo mundo teorizado pelo utopista francês” (BOBBIO; MATEUCCI; PASQUINO, 2004: 463).

<sup>33</sup> Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1377860&tit=Uma-utopia-socialista-a-beira-do-Ivai>, consultada em julho de 2013.

<sup>34</sup> “Na Cecília, o amor livre é não somente um meio de propaganda, mas é também um remédio à abstinência sexual à qual são obrigados os que vieram sem companheira” (FELICI, 1998:30).

## 1.4 Apontamentos Ideológicos para a Imigração Penedense

A união de três vertentes utópicas principais foi a base para a criação teórica colonial penedense: os tratamentos naturalistas para saúde, a *Free Church* de Akseli Skutnabb e as idéias de Toivo Uuskallio, resultado de suas próprias reflexões e de ensinamentos bíblicos. O vegetarianismo estava em voga no movimento naturalista na Finlândia, e era encontrado na interpretação da bíblia pelos seguidores da *Free Church*, dirigida por Skutnabb, cujas raízes estavam na Igreja Luterana sueca, e também em influências da Igreja Cristã Anglo-Saxônica. Seus seguidores acreditavam que o fim do mundo estaria próximo e que a Europa seria invadida e tomada pelos muçumanos. Melkas (1999) relata que Uuskallio, da mesma forma como os demais seguidores de Skutnabb, acreditava no colapso da civilização ocidental.

No que nos é dado saber, a ideia de utopia nasce na Grécia, quando Platão pensa sua cidade ideal República<sup>35</sup> (LACROIX, 1996), que mais tarde é vista como um exercício de ironia, e Plutarco e Aristóteles desenvolvem a noção de política. O termo utopia é cunhado posteriormente, a partir do filósofo Thomas More (1995) e sua cidade ideal Utopia, descrita em livro cuja publicação, em 1516, explicita críticas à sociedade inglesa de então e vislumbra um novo mundo criado pelos humanos, onde reina uma harmonia social e natural. O termo utopia e vários outros utilizados por More ao descrever a cidade ideal são compostos por prefixos de negação (a utopia seria o não-lugar, e seus habitantes, os alaopolitas, os sem cidade), cuja utilização evidencia o caráter idealista e utópico da busca por outra realidade, uma relativa confissão de seu caráter fantasioso.

Chauí (2008) apresenta uma definição de utopia de Bronislaw Backzo que abrange as complexidades que o tempo impôs ao termo: a utopia seria a

[...] representação imaginada de uma sociedade que se opõe à existente a) pela organização outra da sociedade tomada como um todo; b) pela alteridade das instituições e das relações que compõem a sociedade como um todo; c) pelos modos outros segundo os quais o cotidiano é vivido. Essa representação, menos ou mais elaborada nos detalhes, pode ser encarada como uma das possibilidades da sociedade real e leva à valorização positiva ou negativa desta sociedade (BACZKO *apud* CHAUÍ, 2008, p.405).

Segundo o autor indica, a utopia pode ser o vislumbre de uma sociedade que se organize de modo diferente do que se viu até aqui, e desse modo se torna acessível o entendimento de que a busca por novas formas de organização social não pode ser encarada como mera quimera ou engodo.

A partir do século XVI, a América é o destino usual dos europeus em busca da fundação do novo mundo, onde cristalizações sociais não impediram modificações socioculturais consideradas impeditivas nas sociedades europeias. De fato, na história das emigrações utópicas, são inúmeras as colônias estabelecidas em solo americano dotadas de utopias oriundas das ideologias vigentes em suas nações de origem. Nesse processo há a inserção de questões científicas no desenvolvimento da literatura utópica, como por exemplo na *Nova Atlântida* criada por Bacon, e na literatura de Julio Verne (CHAUÍ, 2008). A literatura utópica se desenvolve no século XVII, sendo marcantes nomes como Campanella – e sua Cidade do Sol, outra cidade ideal – e Rousseau, herdeiros da filosofia grega e de uma lógica racionalista utópica. Mais tarde, a revolução industrial inglesa estimula a utopia revolucionária em reação aos danos à natureza e à vida humana causados pela intensa

<sup>35</sup> No século XVI a leitura de Platão aproximou-se da de Utopia, e a República funcionou como um modelo de cidade, cujas leis teriam por função permitir a realização da cidade perfeita, ultrapassando a função meramente onírica remetida à cidade ideal criada pelo filósofo (LACROIX, 1996).

industrialização e poluição das cidades.

No século XIX a definição de utopia deixa de ser um jogo intelectual para tornar-se um projeto político, ou seja, de uma obra literária calcada na fantasia, a utopia passa a significar uma prática rigorosamente planejada (CHAUÍ, 2008). Os principais nomes dessa transição são Saint-Simon, Owen e Fourier – os dois primeiros adeptos da indústria, e o terceiro encontrando na agricultura a solução para a problemática da sociedade. Esse direcionamento do homem em busca da sociedade ideal, na prática, se relaciona também à ascensão do humanismo e à ruptura com as velhas estruturas da Idade Média<sup>36</sup>. Aqui a utopia passa a ser viável ao ser imaginada na terra pelo homem e o que antes era visto como cidade celeste torna-se passível de realização terrena. A crítica de Marx e Engels ao socialismo utópico reforça a necessidade de amadurecimento racional das utopias, o que para eles implicaria no amadurecimento racional dos dominados e de sua prática política, que resultaria no socialismo.

Dentre os autores utopistas seguidores de ideais ecológicos, Geus (1999) enumera três anteriores à ereção da Colônia Penedo: o primeiro foi Thomas More, que em sua descrição da sociedade ideal tinha preocupações sociais, econômicas e também ecológicas, pois vivia, no início do século XVI<sup>37</sup>, um momento de altos contrastes na sociedade inglesa. O segundo representante de uma teoria da suficiência<sup>38</sup> é o norte-americano Henry Thoreau, que defendia uma vida simples e livre de excessos, e propunha uma volta individual à natureza, de onde se poderia viver sem as necessidades que creem ter os homens das sociedades contemporâneas<sup>39</sup>. Para Thoreau, eles não são atendidos nas suas necessidades básicas, e, no entanto, são impelidos a adquirir produtos cada vez mais supérfluos e mais caros, além de utilizar cada vez mais energia. O terceiro e último representante de teorias sustentáveis é o russo Peter Kropotkin, herdeiro de Proudhon e Bakunin, que reelaborou as teorias anarquistas com o intuito de torná-las científicas. Suas ideias centrais – que se relacionam àquelas trazidas para o Brasil pelos finlandeses – giram em torno de ajuda mútua, solidariedade, cooperação, autogoverno, harmonia, equilíbrio e comunidade (GEUS, 1999). Kropotkin foi ainda o primeiro autor a utilizar o termo comunidade ecológica, ao tratar da busca de uma relação holística entre homem e natureza. Uma busca similar, juntamente com ideais anarquistas, é também encontrada no Penedo de 1929.

Estes três autores influenciaram o escritor russo Liev Tolstoi, dono de um olhar romântico sobre a vida simples relacionada à agricultura, simpatizante às causas anarquistas (fugiu da Rússia por perseguição religiosa e política), cujos escritos trazem elementos presentes no projeto de nova sociedade proposto por Uuskallio. Tolstoi, defensor do fim do Estado, considerava indiscutível que o poder fosse destruído não pela força – o que resultaria novamente num jogo violento – mas que a consciência do homem o suplantasse. Seus textos políticos pregam o fim do Estado e da propriedade, e defendem que “o poder só pode ser destruído através da consciência razoável dos homens” (TOLSTOI, 2009:53).

Também Bakunin e Kropotkin identificam no despertar da consciência humana a possibilidade de quebra do poder, resgate do bem geral e da justiça; segundo argumenta Tolstoi, a luta entre poder e povo já dura muitos séculos e a solução estaria na conexão do homem com Deus, o que incitaria a consciência de sua condição e de suas necessidades, diferentes daquelas impostas e controladas pelo Estado.

Enquanto países como Inglaterra e França discutiam o modo de trabalho

<sup>36</sup> “O Renascimento é o reino da imaginação, é aí que se faz a ruptura entre a imaginação-mimese, que estava ligada à ideia de arquétipo e de tempo ciclício, e a imaginação criadora, que supõe um tempo aberto.” (VÉDRINE *apud* LACROIX, 1994:22)

<sup>37</sup> Nessa época, houve cercamento de terras que eram de uso comum, deixando milhares de ingleses na miséria.

<sup>38</sup> Tradução nossa para termo utilizado por Geus (1999) ao abordar os principais autores de utopias ecologistas.

<sup>39</sup> Liisa Uuskallio relata a similaridade com o primeiro desejo de Toivo, de ida para a floresta e vida independente dos produtos citadinos (MELKAS, 1999).

fábril/industrial, para o povo russo, e consequentemente para os finlandeses – então considerados russos – o acesso à terra era o maior sonho. Tolstoi (2009) defendia que a Rússia realizasse a abolição da propriedade fundiária, e dizia que a revolução política oferece ilusão de avanço social através da mera mudança das formas exteriores<sup>40</sup>, pois considerava o governo inútil ao homens e incapaz de uma mudança profunda, que só seria realizada na consciência do homem em relação a Deus, seu aperfeiçoamento interior, moral e religioso.



**Figura 4.** Finlandeses tomam banho no ribeirão das pedras, em Penedo.

Foto: Maarti Aaltonen. Fonte: Institute of Migration, Turku.

São inúmeros os autores chamados utópicos e diversas suas vertentes no século XIX, transitando da utopia liberal para a chamada revolucionária. Uma das marcas dessa utopia revolucionária está em Marx, que ao contrário de Tolstoi defende que “a sociedade ideal não se consegue por decreto, nem pela vontade dos indivíduos” (MARX apud COELHO NETO, 1985:65), mas resulta de um processo de revolução social onde devem se estabelecer as normas que acabarão por prevalecer. A partir do século XX o principal tema utópico passa a ser a propriedade privada, vista como o maior problema da sociedade (COELHO NETO, 1985).

Sem cunho político definido, a Colônia utópica de Penedo – fundada no sul do estado do Rio de Janeiro em 1929 – baseava-se em ideais socialistas, anarquistas, práticas naturalistas e crenças religiosas; uma mescla de conceitos cristãos àqueles cunhados por seu líder, Uskallio (MELKAS, 2013). Sua busca tinha paralelos com algumas das teorias utópicas, somadas à fuga de um continente assolado por guerras: a Finlândia sofria a pressão

<sup>40</sup> Tolstoi credita tais mudanças a Estados constitucionais, como Inglaterra e Estados Unidos.

sueca a oeste e a russa a leste. A realidade social de então associava terras mal distribuídas à fome, pestes, guerras e controle político. Tornam-se assim mais compreensíveis as inúmeras buscas por novas formas de vida presentes nesse fluxo emigratório. Identificamos a Colônia Penedo como utópica por entender que havia ali o desejo de uma vida em harmonia e em comunidade, embora saibamos do risco de mal-entendido ao utilizar-se o termo utópico<sup>41</sup>.

Segundo Hildén (1989), Uuskallio havia refletido sobre a melhor forma de viver, tendo concluído que seria ideal uma vida simples alheia ao comércio e à sociedade de consumo, próxima da natureza, sem o trabalho escravizante visto nas cidades europeias e as ameaças bélicas presentes. Ele pregava que cada família plantasse vegetais em seu jardim para consumo próprio e se revitalizasse ao receber os raios do sol e o ar puro do campo. Apesar de não serem citados os autores que o influenciaram, há evidências de heranças – em seus escritos e em seu discurso –, principalmente das crenças e ideias de Tolstoi, More, Kropotkin e Thoreau. O projeto de estabelecimento nos trópicos do Penedo nos remete aos princípios latentes gerais de cada autor: a) à simplicidade defendida por Thoreau; b) à ideia de comunidade ideal de More; c) à defesa da abolição da propriedade, do aperfeiçoamento moral e religioso dos indivíduos em conexão com Deus, e sem necessidade de ereção de templos ou Igrejas, como em Tolstoi; d) aos princípios de harmonia, equilíbrio, cooperação e interdependência humana e com a natureza, em comunidade ideal agrícola, de Kropotkin.

Uuskallio se assemelhava ainda mais a Thoreau (GEUS, 1999) por acreditar que o trabalho em excesso, bem como a possibilidade de consumir, não eram vantajosos ao homem, que poderia levar uma vida mais simples junto à natureza, tendo satisfeitas suas necessidades básicas de abrigo, vestimenta, alimentação adequada e combustível para aquecimento e cozinha, sentindo-se completo dessa forma, de modo a atuar conforme sua consciência e não segundo normas instituídas por governos. Entretanto, divergiam no sentido de que a vida coletiva – cara a Uuskallio e seus seguidores –, não foi tema para Thoreau, que mantinha expectativas individualistas em seu *Walden*,<sup>42</sup> no qual defendia a simplicidade da vida solitária na floresta. Em sintonia com More, Uuskallio tinha em mente para o projeto tropical o desenho das ruas e da cidade, bem como o desenho das casas, que deviam ser todas similares. Além disso, da mesma forma como na Utopia (1516), os prazeres espirituais advindos do contato com a natureza e da satisfação das necessidades básicas da vida são por ele valorizados.

O projeto de Uuskallio diferia de uma comunidade cristã primitiva, pois a fase de vida comunitária era planejada como transitória (LÄHTEENMÄKI, 1979). Cada participante teria o seu lote, mas a produção agrícola coletiva devia manter-se, segundo os planos de Uuskallio, apesar de cada lote familiar estimular provisão própria. Em relação às crenças espirituais, Uuskallio parece ter retirado da Bíblia trechos em que identificava a pregação vegetariana, sendo provavelmente o ponto mais importante de sua ideologia, relacionado à alimentação e a práticas saudáveis em meio à natureza (PELTONIEMI, 1985). Apesar de diversos paralelos a autores utopistas, o projeto uuskalliano não pôde deixar de lado a necessidade financeira – vide os planos de venda de produtos agrícolas provenientes da colônia para viabilizá-la, tanto em busca de autonomia como para a quitação da hipoteca<sup>43</sup>.

<sup>41</sup> “Não ver na utopia [...] senão sonho, ilusão ou quimera, reduzi-la à condição de ideal talvez sedutor mas irrealizável é mais do que totalmente inexato: é arriscar-se a perder radicalmente o espírito da utopia.” (Lacroix, 1994:21)

<sup>42</sup> Principal livro publicado por ele, no qual expressa sua preocupação com os danos causados pelo ser humano à natureza.

<sup>43</sup> A defesa de cultivo agrícola em seu próprio jardim é nos tempos atuais defendida por autores como Heinberg (2012), que dizem ser o cultivo local da horticultura, ao contrário das grandes lavouras industriais, uma das alternativas para a manutenção da vida humana e do meio-ambiente, bem como o aumento do número de pessoas dedicadas à pequena agricultura, ao contrário da sua diminuição, como ocorreu a partir do advento da revolução verde.

Por seu turno, as emigrações utópicas foram seguidas pelo movimento ecológico atual (PELTONIEMI, 1999), e por isso se pode considerar os variados ideais encontrados nas colônias como o cerne de uma ideologia que viria a ser o que conhecemos hoje como ecologia.

[...] O que o movimento ecológico pôs em questão, de seu lado, foi a outra dimensão: o esquema e a estrutura das necessidades, o modo de vida. E isto constitui uma superação capital daquilo que pode ser visto como o caráter unilateral dos movimentos anteriores. O que está em jogo no movimento ecológico é toda a concepção, toda a posição das relações entre a humanidade e o mundo e, finalmente, a questão central e eterna: o que á a vida humana? Vivemos para fazer o quê? (CASTORIADIS, 1981:24).

Essa questão, presente no projeto uuskalliano, é vislumbrada por inúmeros autores anteriores, como More e Thoreau, e é re-contextualizada a partir dos anos 60. Além disso, parte do movimento ecologista e de contracultura defenderia o estabelecimento da vida em comunidade e a liberdade, cuja potencialidade seria encontrada na natureza. Para Marcuse, citado por Simonet, a consciência humana presente em cada indivíduo – ou a sua libertação – passariam necessariamente pela natureza (SIMONET, 1979).

Sendo também escritor de obras que variavam em torno de temas como agricultura, espiritualidade e modo de vida ideal, Uuskallio era figura contraditória, considerado por muitos finlandeses uma espécie de lunático idealista, embora fosse respeitado por outros que acreditavam em suas ideias naturais e pregações sociais ou espirituais; assim, é visto também como profeta, segundo o pastor finlandês Voitto Viro (UUSKALLIO, A. 2013)<sup>44</sup>. Ele era originário de Viipuri, na Carélia, a cidade mais internacional e cosmopolita da Finlândia da época, que recebia influências russas, alemães e suecas, e detinha portanto tendências *avant-garde*. Essa região finlandesa recebia maiores influências da Igreja Ortodoxa russa, que foi prática obrigatória dos russos e, consequentemente, dos finlandeses, durante o período czarista de Nicolau II. Tal fato ajuda a compreender as influências intelectuais sobre seus projetos e crenças.

Segundo pudemos conferir em publicações de Uuskallio da época – cujos títulos são: *Nutrição Humana*; *A economia da nutrição e Visões e vivências* – sua preocupação e mais recorrente temática relacionava-se à alimentação humana ideal, por ele descrita e desenvolvida nos dois primeiros livros citados. Defendia que o homem se alimentasse basicamente de frutas, nozes, castanhas e vegetais, e acreditava que os alimentos vegetais de maior valor calórico eram os mais indicados para a nutrição humana, pois tinham maior poder nutritivo, como o abacate<sup>45</sup>, a rapadura e as frutas oleaginosas. Para ele, o homem não devia consumir alimentos estimulantes como o café, o chá ou álcool. Em *Nutrição humana*, defende uma dieta sem carne – os vegetais, que são o alimento dos animais na natureza, para ele são um alimento mais rico e mais perfeito – e diz que nós em geral comemos, mas não nos alimentamos, pois os alimentos que consumimos não são os adequados. Acredita que a nutrição se baseia no apetite quando deveria estar arraigada num tema mais amplo, o da fome, que consequentemente seria saciada no consumo de alimentos adequados.

Uuskallio inclui ainda um capítulo sobre a reciclagem dos produtos na natureza, descrevendo como os elementos se transformam nos ciclos naturais através da presença do solo, do vento, da água, da luz e do sol. Em relação à nutrição ideal, acreditava que diferisse

<sup>44</sup> A menção de Uuskallio como profeta é outras vezes encontrada em bibliografia e relatos biográficos como os de Valtonen e Ampula.

<sup>45</sup> Segundo o website americano Business Insider, o abacate é listado como o 17º alimento mais saudável. Isso porque é rico em gorduras boas, como o ácido oléico, luteína, folato, vitamina E e glutatona. Publicado em 7 de dezembro de 2013. <http://www.businessinsider.com/50-foods-you-should-be-eating-2013-12>

para cada idade do ser humano. Defendia que a criança devesse ser alimentada pelo leite materno até os 7 anos de idade, quando a mãe poderia ter então, outro filho. A divisão dos ciclos de sete anos encontra paralelo nas teorias de Rudolph Steiner, fundador da antroposofia, uma ciência espiritual, que da mesma forma como Uuskallio, baseia-se no desenvolvimento do homem e seu espírito em conexão com a natureza.<sup>46</sup>

## 1.5 O Chamado aos Trópicos

Brasil, farta terra do verão  
(UUSKALLIO apud LÄHTEENMÄKI, 1979:23).

Em seu livro *Visões e vivências*, Uuskallio conta suas experiências espirituais, visões que diz haver tido durante períodos de meditação ou oração, e durante o sono. É também recorrentemente citado como dotado de alto carisma no trato pessoal e poder de convencimento. Sua sobrinha Anja Uuskallio (2013) nos disse que

ele discursava muito bem, e as pessoas estavam muito entusiasmadas em relação ao novo mundo. Ele conseguiu dessa forma realmente atraí-las, e elas o estavam seguindo cegamente. Ele tinha também uma base religiosa severa, e diz ter tido algumas visões após longo tempo jejuando.

Em uma dessas visões, em 1925, Deus teria lhe enviado “um chamado para deixar a terra natal e emigrar para o sul longínquo” (1929:3)<sup>47</sup>. Incumbido de levar um grupo de imigrantes aos fartos trópicos, acreditava ter sido escolhido por Deus, que lhe mostrou em sonho a fazenda para onde deveria ir. Nessa ocasião, ele administrava a fazenda da família, Toimela – localizada na região da Carélia, área ocupada pela Rússia até os dias de hoje –, pela qual foi prestigiado como notável agricultor e arquiteto-paisagista, sendo considerada um modelo de administração<sup>48</sup>.

A ideia de ida para os trópicos lhe chegara ao fim de dez anos de trabalho em Toimela. Segundo seu livro *Na viagem em direção à magia do trópico* (1929), escrito a partir de suas crenças e impressões pessoais durante a viagem ao Brasil, em 1927, dizia que certas críticas e censuras de seus compatriotas eram mesmo justas em relação a ele (1929), mas nem por isso se desanimava do projeto dirigido ao sul e de suas crenças no melhor modo de viver em harmonia com a natureza, seguido por amigos e parentes próximos “cujas mentes estavam bastante liberadas da rígida ideologia da vida mundial, e que conseguiam compreender e se ajustar ao que antes nunca chegou a existir no âmbito de suas ideias e pensamentos” (UUSKALLIO, 1929:6).

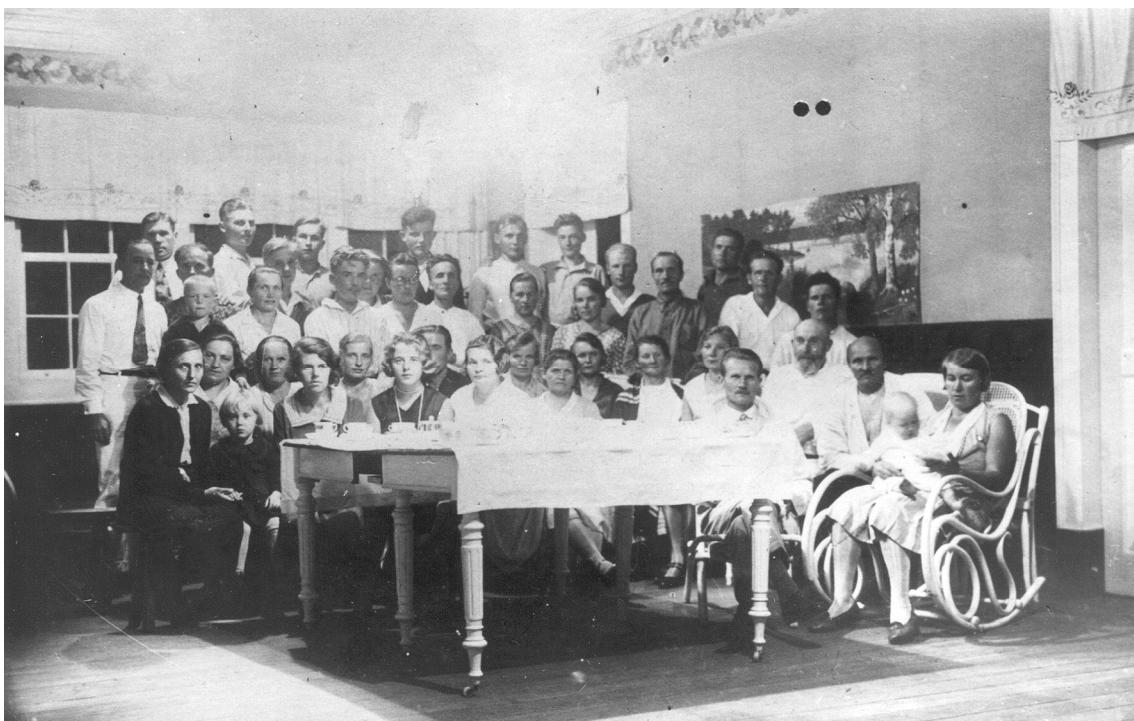
Esse grupo questionava a autoridade absoluta da ciência, considerando-a uma pesquisa em constante andamento, e estava aberto a novas possibilidades de desenvolvimento (UUSKALLIO, 1929). Por outro lado, eram gente de fé e oração, que buscavam a vida interior e deles “emanava um frescor primaveril, saudável modéstia e inocente liberdade em relação ao ambiente [...] Quem ora tem um forte e invisível elo com o Espírito Criador do mundo.” (UUSKALLIO, 1929:6). Diz ainda Uuskallio que “do ponto de vista religioso, somos protestantes. Quanto à minha crença pessoal, ela nasceu no meu íntimo através de estudo, oração e experiência de vida” (1929:55). Segundo ele, “o aspecto exterior da religião,

<sup>46</sup> Sabemos que Uuskallio estudou e viveu na Alemanha, de onde pode provavelmente ter retirado ou sido inspirado para algumas de suas ideias. Seus livros não oferecem bibliografia para maiores evidências.

<sup>47</sup> “Era mais uma profecia que decisão” (UUSKALLIO, 1929:3).

<sup>48</sup> No momento de sua aquisição Toimela era uma fazenda em péssimas condições, e a situação se reverteu devido ao árduo trabalho empreendido por Toivo e sua família (UUSKALLIO, 1929).

o preenchimento das formas, é necessário para os que acham necessário. Para aqueles que encontram na crença o abrigo de uma vida interior, não vejo as formas como imprescindíveis. Suas vidas são o bastante para refletir suas crenças” (1929:56, grifo do autor).



**Figura 5.** Grupo imigrante no piso superior do casarão da fazenda. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Daí entendemos o aspecto comunitário primordial do projeto de Penedo, que visava unir indivíduos capazes de vivenciar conjuntamente a espiritualidade, mas que principalmente atuassem de acordo com os preceitos de alimentação e ação saudável e harmônica. A crença espiritual seria característica importante dos escolhidos do senhor (LAHTEENMAKI, 1979:28) para unir-se ao grupo na direção dos trópicos, não sendo desejados indivíduos ateus ou estranhos aos ideais. A vida de Jesus devia ser seguida como exemplo, representando seus ensinamentos e seu completo amor, e acreditava-se que na limpeza está a salvação da vida, e por isso a castidade seria um refúgio para os homens de mente sadia (UUSKALLIO, 1929).

Neste livro, ele avalia cada lugar por onde passam durante a viagem de navio: Alemanha, Espanha, Portugal e Ilhas Canárias, sempre comentando a destruição da terra, os pastos pelados, a falta ou presença de árvores e a constatação do processo desertificador em muitos locais (UUSKALLIO, 1929). Ao chegarem a Fernando de Noronha, suas memórias escritas atestam que as imagens paradisíacas do sul são, pois, verdadeiras. Ele entendia a necessidade de uma conscientização ecológica, e afirmava que a humanidade ainda não havia compreendido que sua pressa em tornar a terra frutífera acabara por torná-la desértica (UUSKALLIO, 1929). Outra preocupação recorrente refere-se à paisagem finlandesa, seus lagos e bétulas sendo destruídos pelo homem. Uuskallio diz que “*Inehmo*<sup>49</sup> chora” (1929:7). É essa sua impressão da Finlândia que abandonaram, violentada em sua natureza de lagos e florestas<sup>50</sup>.

<sup>49</sup> *Inehmo* é uma palavra arcaica finlandesa que representa o ser humano. Da maneira como Uuskallio a utiliza, parece se referir à deusa da terra, em relação ao gênero humano feminino.

<sup>50</sup> Kropotkin, ainda em 1885, narra o povo finlandês – na ocasião ainda não independente – como intensamente conectado à natureza de lagos, florestas e pântanos, dotado de alta capacidade contemplativa, e diz ainda que a simplicidade rege a vida dos finlandeses, diferentemente da luxúria encontrada nas demais cidades europeias.

O projeto da colônia Penedo rechaçava o processo acelerado de industrialização que ocorria mundialmente. O respeito à natureza e o respeito à liberdade eram os pilares ideais da colônia (FAGERLANDE, 2007), e para Melkas (2013) as ideias de Uuskallio eram também fruto da onda tropical na Finlândia, que defendia o vegetarianismo e práticas naturalistas, somadas às crenças religiosas pentecostais. Tendo se convertido ao vegetarianismo por motivos de saúde<sup>51</sup>, Uuskallio (1929) defendia sua adoção como parte da vida ideal, na qual também se evitaria o que ele chamava de escravidão monetária.

### 1.5.1 A ideologia uuskalliana e a locação ideal

A Finlândia é terra dos lobos e ursos  
(UUSKALLIO apud VALTONEN, 1998:24).

Na narrativa de vinda ao Brasil, Uuskallio (1929) fala da surpresa do grupo ao ver frutas – ameixas, pêssegos, peras e maçãs – sendo importadas, pois acreditavam ser aqui o país da fartura. Em seus escritos e nos diálogos transpostos por terceiros, são muitos os cálculos feitos por ele, seja em relação ao valor calórico dos alimentos ou em relação à quantidade de produtos agrícolas que conseguiriam produzir para vender e o quanto poderiam lucrar (VALTONEN, 1998). Notamos que esses cálculos são sempre feitos anteriormente a sua concretização, evidenciando o caráter sonhador do líder. Já no Rio de Janeiro, diante do alto preço das frutas, Uuskallio (1929) afirma a seus companheiros que era preciso tornar-se um agricultor, o que certamente geraria lucro. Enquanto viajava em direção ao Brasil, relatou:

Voamos num trem rápido em direção a Hamburgo. [...] Nas lavouras a perder de vista não se vê praticamente ninguém. Vem a pergunta: onde está o povo desta terra? [...] O desenvolvimento dirige os filhos para as cidades. O campo se esvazia. As cidades crescem e adquirem muitos andares. A lavoura se enfraquece. Vem a escassez da terra. Por que? Porque seus lavradores são desprezados [...] Devia se combater o desprezo pelo camponês. Ele é uma das facetas da falta de amor pela mãe pátria. E isto suscita a falta artificial de terra com suas consequências ruinosas. *Inehmo* não permite que seja ultrajada a criança mais fiel de seu regaço. (UUSKALLIO, 1929:16, grifo nosso).

Da mesma forma que Thoreau<sup>52</sup>, Uuskallio acredita que a natureza seria a mãe da humanidade, a quem deveríamos reverenciar. *Inehmo* aqui pode simbolizar o homem em contato ideal com a natureza. Embora acredite que a natureza em sua forma selvagem devesse ser mantida, e não modificada, Uuskallio concorda com More, para quem as cidades deveriam ser rodeadas de plantações e a produção agrícola ideal bastante farta e oriunda da mão do homem, não somente colhida na natureza (GEUS, 1999).

Dentre aqueles que acompanharam Uuskallio, em 1927, estavam o agricultor Armas Frans Fagerland, que sofria de problemas estomacais e, após conhecê-lo no sanatório de Kirvu, aderiu ao empreendimento tropical e vendeu sua propriedade agrícola na Finlândia. Ele pretendia aperfeiçoar-se nas atividades frutícolas, e Uuskallio pregava uma alimentação baseada no consumo de frutas. Também Ole Aartelo, um jovem cujos pais tinham se separado

<sup>51</sup> Para Anja Uuskallio, sua sobrinha, ele devia sofrer, como muitos da família, de intolerância à lactose, cujos sintomas eram desconhecidos na época. Talvez por isso Uuskallio fosse veementemente contra o consumo de leite de vaca.

<sup>52</sup> Ao narrar os acontecimentos em sua Russia natal, Tolstoi já havia dito que: “o que o povo espera e deseja é a [...] socialização da terra, seus filhos não irão mais para as fábricas, e os que quiserem ir estabelecerão por si mesmos o número de horas de trabalho e de salário (2013:18).

e o pai desaparecido. Em busca de aventuras e para evitar o serviço militar – segundo contam as memórias de Valtonen (1998) –, ele ouviu Uuskallio em um de seus discursos, na cidade de Pori, e decidiu ir a Penedo, mesmo sem nenhum ideal vegetariano ou naturalista, os quais fingiu partilhar. Ole veio por conta própria ao Brasil e se encontrou no Rio de Janeiro com Armas na pensão alemã onde estava com Toivo e Liisa Uuskallio, sua esposa. Muitos documentos indicam também constituir o grupo o agricultor Enok Nyberg e o motorista Eino Kajander, que seguiam Uuskallio em seus ideais de vida (FAGERLANDE, 1998). Passaram então uma temporada no Rio de Janeiro, onde pesquisavam frutas e buscavam o local ideal para estabelecimento da colônia naturalista (MELKAS, 1999).

Através de contato com um abade do mosteiro de São Bento, foram eles trabalhar na fazenda Três Poços, em Barra Mansa, de propriedade dessa Ordem, valendo-se o grupo de Uuskallio de ter conhecimentos em relação à lavoura e à nutrição ideal para o homem. A experiência não foi boa afinal, pois os finlandeses trabalharam a terra pouco tempo antes do início da temporada das chuvas – acostumados ao calendário da agricultura do norte europeu –, o que arruinou a plantação de repolho, cenoura e tomate, e os fez seguir viagem em busca de lugar menos quente para seu projeto. Nessa época juntou-se ao grupo Toivo Suni, que tinha vendido sua casa na Carélia e era seguidor de Uuskallio e verdadeiro admirador da natureza, o que seria visto hoje como tendências ecologistas (VALTONEN, 1998).

Após busca em diferentes regiões do Brasil, entre 1927 e 1928, tendo visto mais de duzentas fazendas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, Uuskallio e Suni encontraram-se com o abade do mosteiro, quem lhes indicou que fossem ver uma fazenda (também de propriedade da Ordem), muito próxima ao Campo Belo<sup>53</sup> onde estavam hospedados, e também rodeada de montanhas. Chegaram a cavalo à fazenda Penedo, e Uuskallio diz ter sentido que ali seria o local ideal para o empreendimento da colônia naturalista, de acordo sua visão do que seria este ambiente. A fazenda tinha água abundante, ficava próxima à estação de trem do Marechal Jardim e também do Rio de Janeiro, condições consideradas básicas para o escoamento dos produtos agrícolas e a venda aos consumidores da capital. Foram então em busca, na Finlândia, do montante necessário para sua compra (VALTONEN, 1998).

Para Castoriadis (1981) os indivíduos pertencentes ao sistema capitalista ocidental aderem geralmente a seu *status quo*, processo que chama de fabricação social do indivíduo. Os participantes da Colônia Penedo puderam libertar-se de sua posição social instituída no *establishment* social finlandês, e, dotados de relativa autonomia, foram em busca de um outro modo de vida, implicando a constituição de uma outra *cultura*, cujas necessidades não eram as mesmas da sociedade tradicional de então. O *habitus*<sup>54</sup> (BOURDIEU, 1989) comum foi reelaborado em função das expectativas, das práticas e dos recursos e demandas encontrados localmente.

Ao projeto de construção de uma vida nos trópicos se juntaram o Pastor Pennanen, Toivo Suni e outros amigos do Penedo que se dedicaram a angariar fundos e participantes para a colônia idealista. O periódico democrata cristão *Työkansa* (cujo nome une as palavras trabalho e povo), e a revista também do movimento trabalhista e pentecostal *Terveys* foram grandes propagandistas de Penedo, publicando artigos de Pennanen com o intuito de atrair participantes. Hildén relata que:

Pennanen escrevia semanalmente uma coluna, “Notícias de Penedo”, na revista *Työkansa* e também viajava pelo Finlândia dando palestras. Fez

<sup>53</sup> Hoje cidade de Itatiaia, que integra o município de mesmo nome e onde se insere o distrito de Penedo.

<sup>54</sup> “O *habitus* [...] é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital.” (BOURDIEU, 1989:61). Com o conceito de *habitus*, Bourdieu desejava evidenciar, para além da disposição interiorizada da prática cotidiana, as capacidades ativas e criadoras dos agentes em ação.

eloquentes descrições da “terra de palmeiras e verão eterno.” Descreveu a Fazenda Penedo com entusiasmo contagiante: “Temos certeza do sucesso do nosso empreendimento pelas seguintes razões: estamos a serviço de Deus e teremos sempre a Sua ajuda; o dirigente é Toivo Uuskallio que tem todos os atributos necessários: prática, instrução e competência para assumir a liderança da futura colônia. A Fazenda Penedo terá certamente um futuro brilhante e será valorizada devido a sua boa localização; a paisagem é uma das mais bonitas do Brasil, o clima é saudável, as plantações valiosas, madeiras de lei, água, estradas, a sede é uma mansão velha e aristocrática, e há outras construções (1989:25).



**Figura 6.** Vista do casarão da fazenda Penedo, em 1952.  
Foto: Jorma Pohjanpaloo. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Nas palestras proferidas pelo pastor, cuja função era a de propagação da colônia, gerava-se assertivas como “natureza de Penedo, clima e possibilidades grandiloquentes” (LAHTEENMAKI, 1979:22). De sua autoria, foi publicado, em Tampere, um livreto de 32 páginas intitulado *Fazenda Penedo - um estabelecimento agrícola finlandês no Brasil*, que expunha a natureza, o clima e os principais ideais de Penedo. Anexo ao livreto havia um questionário com 71 perguntas, a serem respondidas por aqueles que desejassesem unir-se ao projeto, pagando a viagem e disponibilizando também suporte financeiro para o empreendimento tropical<sup>55</sup>. O folheto dizia ainda que no Penedo se uniam a paz e o tráfego, argumentando que o isolamento das cidades juntamente à facilidade de acesso ao mundo exterior tornavam o local ideal para a construção de uma comunidade única, e assim evidenciando a conjugação dos ideais utópicos às possibilidades práticas de realização dos mesmos. As perguntas anexadas iam desde profissão, origem, tipo de alimentação, aptidão musical (incluindo tom de voz e escala), relação com crenças cristãs e participação em

<sup>55</sup> O livreto, em finlandês, pode ser visto no Museu Finlandês de Penedo, ou ainda o questionário que o integra aparece reproduzido em Fagerlande (2013).

associações e partidos, até o firme propósito de se levar uma vida simples e saudável nos trópicos, sem rixas ou brigas em função de pátrias ou partidos.

Havia também perguntas relativas ao poder aquisitivo de cada participante, à forma pagamento da passagem de navio, e ainda, uma oferta para quem desejasse ir para Penedo a passeio, com a possibilidade de hospedagem no sanatório que estava lá sendo construído, uma espécie de *spa* da época, onde seriam realizadas terapias e atividades naturais. Tal sanatório nunca foi construído devido às dificuldades financeiras enfrentadas pela colônia. O questionário completo dava pistas ilusórias aos participantes, e muitos dos quais podem ter sido influenciados a compô-la acreditando que ela já estava consolidada quando de fato estava ainda por ser estabelecida. Outro ponto a ser destacado quanto ao questionário, é o entrelaçamento de múltiplas ideologias, desde aquelas referentes a como manter o corpo são através de exercícios e trabalho na lavoura, até às relacionadas à ocupação da mente com atividades sadias como as práticas musicais, artísticas e de crenças pentecostais.

Os interessados em participar do projeto tropical deveriam, em seu interdiscurso, fazer parte do jogo semântico proposto pelos organizadores da colônia: sabia-se relativamente o que devia ser respondido em relação às questões propostas pelo questionário. Uuskallio acreditava que as pessoas deveriam ter uma religião, mas não impunha qual seria ela. Seu projeto esperava que os imigrantes fossem vegetarianos e abstêmios de café, chá e álcool, como dito acima, mas não que a religião fosse uma determinante na aceitação de integrantes. Era evidente no questionário a preocupação comportamental – a determinação por uma vida simples e ligada à prática agrícola, às práticas naturalistas e à convivência harmônica, livre de conflitos<sup>56</sup>.

Na última noite antes de viajar, todos os imigrantes, seus parentes e amigos se reuniram na sala de festas do Colégio Feminino de Helsinki. No seu discurso para os que estavam de partida, Pennanen tinha algumas palavras de cautela: “A nossa ideia principal não é a procura do bem-estar físico. Queremos formar uma nova geração com o lema “mens sana in corpore sano”, para ajudar a humanidade a encontrar um caminho melhor. Vocês estão deixando tudo o que é querido para trás e vão partir para uma vida nova e desconhecida que requer muito trabalho, paciência, fé, amor ao próximo, sacrifício e vontade de servir. Tudo isso representa as características da sociedade da qual vocês serão pioneiros. Alegro-me ao ver este grupo garboso, alegre e virtuoso que Deus está mandando para Penedo (HILDÉN, 1989:27).

Em seu relato autobiográfico, o colono finlandês Nilo Valtonen diz que “como estavam vivendo em comunidade ideal, o irmão Uuskallio experimentou um trabalho conforme a consciência. Se alguém estava indisposto naquele dia, não se podia esperar que fizesse muito. No dia seguinte, poderia fazer mais e recompensar a perda do dia anterior” (VALTONEN, 1998:36). Em Penedo a aplicação das teorias anarquistas resultou no fato de que alguns trabalhavam muito e outros pouco (PELTONIEMI, 2013).

Neste primeiro capítulo tratamos do contexto nacional finlandês, de onde partiram os emigrantes; tal como o contexto regional brasileiro que viria a ser seu destino, a fim de apresentar traços fundamentais ao entendimento do episódio da colonização penedense. Ademais, no sentido de melhor esboçar a imigração fino-escandinava, apresentamos elementos importantes do projeto atribuído a Toivo Uuskallio, agente mobilizador étnico (BARTH, 1995) de cunho marcadamente utópico.

---

<sup>56</sup> No próximo capítulo trataremos mais detalhadamente acerca dos dados desse questionário.

## II. A COLÔNIA FINLANDESA DE PENEDO

Um mau sonhador é aquele que não vai ver se a cor com a qual sonhou está lá. Mas um bom sonhador vai verificar e ver se a cor está lá.<sup>57</sup>

No capítulo anterior abordamos o contexto histórico, social e político finlandês e as idiossincrasias do projeto utópico uuskalliano de imigração para o Brasil. Indicamos importantes elementos do contexto regional brasileiro e de imigrações utópicas anteriormente estabelecidas aqui a fim de articular às peculiaridades finlandesas e ao conteúdo ideológico próprio do projeto uuskalliano.

Por seu turno, no presente capítulo apresentaremos elementos delineadores do empreendimento colonizador em Penedo, desde a vinda dos migrantes, seu estabelecimento e cotidiano, até a desagregação do projeto coletivo e de seu funcionamento ideal como aspirado pelas lideranças. Como introdução, discorremos acerca do questionário aplicado aos pretendentes; em seguida ilustram o contexto diferentes relatos de chegada a Penedo, da rotina de atividades coletivas e, posteriormente, da transição para modos de reprodução social mais individualizados dos colonos, bem como acerca das subsequentes mudanças nos padrões culturais dos ali envolvidos.

### 2.1 A Escolha dos Imigrantes

Em questionário<sup>58</sup> feito pelo pastor Pennanen, que integrava o livreto sobre Penedo, os candidatos a emigrarem deveriam responder a 71 perguntas e anexar uma foto, a fim de serem analisados e avaliados quanto à possibilidade de integrar o projeto de colonização utópica. As dez primeiras perguntas relacionam-se a fatos objetivos, criação e formação do candidato, e dão início à enumeração de atividades valorizadas pelas lideranças.

1. Nome completo, importância e endereço do candidato?
2. Data e local de nascimento?
3. Em que paróquia ou registro civil?
4. Língua materna? Que línguas estrangeiras fala?
5. Nacionalidade e naturalidade?
6. Religião? O que pensa da religião em geral? Pertence a que paróquia ou comunidade diferente?
7. Habilidade de ler e escrever. Produção literária?
8. Estudos? Freqüentou quais escolas, educandários e cursos? Quais os estudos realizados?
9. Fez o serviço militar? O que achou da vida no exército? Com que graduação ou patente saiu?
10. Qual o seu conceito sobre a pátria e as obrigações a ela relativas?

Juntamente a questões sobre a origem regional do candidato, as perguntas indagam em relação às línguas estrangeiras sabidas, provavelmente porque ajudariam no processo de

<sup>57</sup> Citação de Deleuze em gravação audiovisual “O abecedário de Deleuze”, cuja atribuição é dada a Marcel Proust, não tendo sido encontrada a citação original do autor.

<sup>58</sup> Questionário feito pelo Pastor H.D. Pennanen e Prof. Antii J. Pietilän, e que consta do livro de Pennanen sobre a colônia (PENNANEN, 1929). Tradução feita por Alva Fagerlande (1998). Original aparece em livro de Pennanen, no livro de Melkas (1999), e mais recentemente em publicação de Fagerlande (2013).

adaptação no Brasil e aprendizado do português. Como perguntam em relação à religião do candidato, parece interessante que participe de alguma, pois logo se indaga: “pertence a que paróquia ou comunidade?”.

Em relação à habilidade de ler e escrever, todos os que vieram a Penedo a dominavam, mesmo que não tivessem formação universitária. Em relação à vida no exército e a obrigações relativas à pátria, entendemos que as lideranças consideravam mais adequados os indivíduos que fossem submetidos a obrigações e hierarquias, que tivessem senso moral elevado, acima de suas escolhas individuais.

11. Como poderá melhor ser salva a pátria das ameaças éticas e econômicas, internas e externas que a ameaçam?
12. Trabalhou em que profissões e cargos?
13. Local de trabalho ou de atividade atual?
14. Relações familiares? Nomes completos de esposa e filhos, datas e locais de nascimento?
15. Estado de saúde atual?
16. Já sofreu alguma doença? Quais?
17. Quanto tempo se absteve de álcool, fumo e café?
18. Acha que pode continuar abstêmio em relação aos já mencionados e outros estimulantes?
19. Há quanto tempo é vegetariano? Porque?
20. Acha que pode viver com a alimentação vegetariana saudável?

Na décima primeira pergunta, Pennanen questiona como o candidato poderia salvar sua pátria das ameaças éticas ou econômicas, internas ou externas. Essa questão demonstra que a Finlândia sofria ameaças políticas, e ainda que o candidato deveria ter suas próprias medidas para defender seu país. É curioso que as questões indiquem tantas premissas políticas aos candidatos, como se a constituição da Finlândia enquanto nação dependesse de atitudes individuais e de escolhas pessoais.

Após questões acerca da situação familiar e conjugal, se relacionam à saúde e alimentação. Tratam de saber se o candidato já esteve doente e em que estado se encontra sua saúde, pois os que fossem se estabelecer no Brasil deveriam estar em boas condições de trabalho e de suportar o calor e a diferença ambiental. As perguntas são construídas de modo a considerar que o candidato já é vegetariano, e se estaria disposto a manter-se em regime vegetariano, bem como abstêmio de álcool, café e estimulantes. Da forma como é construído o questionário, indica-se o que os candidatos deveriam responder, pois fica claro que os organizadores buscam pessoas relativamente disciplinadas, vegetarianas e saudáveis, que possam corresponder à construção da sociedade ideal no Brasil.

21. Participou de que movimentos cívicos abstêmios e cristãos?
22. Pertence ou pertenceu a que associações?
23. Tem participado ativamente da nobre batalha do povo finlandês a favor da abstenção, da saúde e da moralidade? De que maneira?
24. Conhece o movimento escoteiro? Já participou dele?
25. Pratica a ginástica e o esporte? Quais os resultados?
26. Pertence a algum grupo de canto ou instrumental? Canta em que naipe? Qual o instrumento que toca?
27. De que forma participou da vida comunitária, municipal e estadual? Qual o seu partido atual?
28. Acha possível vida em comum em que não sejam levadas em consideração rixas de língua ou de partido, níveis sociais ou brigas sectárias entre as diversas denominações religiosas?
29. Conhece as obras de Toivo Uuskallio? Quais?
30. O que pensa delas?

Em seguida, o questionário sugere que o candidato tenha participado de movimentos cívicos, já que a Finlândia havia recentemente se tornado independente. Notamos o quanto ideal deveriam ser as ações e ideologias dos candidatos, que parecem ter que responder, além de serem religiosos e vegetarianos saudáveis, militantes de uma certa moral nacional, do movimento escoteiro, além de praticante de exercícios físicos e de atividades musicais e políticas. Por fim, o candidato deve estar disposto a unir-se, em Penedo, a outros indivíduos sem que dê importância às discordâncias políticas ou disputas quaisquer que venham a surgir. A enumeração das perguntas faz-nos compreender o quanto elevada era a expectativa das lideranças em relação aos “escolhidos do Senhor”. As perguntas de número 29 e 30 abordam o pensamento e as obras de Uuskallio, e indagam se o candidato os conhece e qual a sua opinião sobre elas.

31. Conhece Toivo Uuskallio em pessoa?
32. Já foi estagiário em Toimela ou companheiro de trabalho de Toivo Uuskallio de outra forma?
33. Porque deseja trabalhar com ele?
34. Quanto tempo foi assinante de *Työkansa*?
35. O que acha de seus artigos?
36. Divulgou os já mencionados livros e jornais? Quanto?
37. De que forma se associou ao projeto Penedo?
38. Quanto dinheiro investiu na sua compra?
39. Em que condições?
40. Você investiria agora, ou mais tarde, recursos para construção e trabalhos de plantio para a compra das fazendas vizinhas? Quando e com que condições?

As perguntas seguem em relação a Toivo Uuskallio e à participação do candidato na fazenda de Toimela (propriedade da família de Uuskallio considerada modelo de produção agrícola). Afere-se aí que a liderança de Uuskallio era também atrativo dos que viriam a Penedo, pois sua figura era dotada de prestígio entre a comunidade vegetariana finlandesa<sup>59</sup> e o movimento trabalhista cristão. O candidato aparentemente deveria assinar o jornal *Työkansa* (editado pelos cristãos) e partilhar sua ideologia entre seu círculo social. O candidato é ainda questionado sobre quanto contribuiu financeiramente com o projeto de Penedo, e se poderá vir a contribuir ainda mais, evidenciando os planos das lideranças de adquirir mais terras em torno de Penedo. Esse plano não foi concretizado, vide as dificuldades para quitar a compra da primeira fazenda, a Penedo. A situação econômica do candidato influenciava sua aceitação entre os “escolhidos do Senhor”, evidenciando as expectativas altas das lideranças que incluíam: caráter moral, religioso, formação cultural e situação econômica como elementos decisivos na participação do indivíduo no projeto de Penedo.

41. Dados sobre a condição econômica do candidato?
42. Quando gostaria de se mudar para Penedo?
43. Porque iria para lá?
44. Gostaria de viajar com passaporte coletivo ou já adquiriu seu passaporte individual?
45. Gostaria de ser liberado da vacinação, que é obrigatória pelas leis em vigor no Brasil?

---

<sup>59</sup> A Sociedade Vegetariana Finlandesa havia sido fundada em 1913, e já estava presente na Inglaterra e Alemanha meio século antes. Os frequentadores dos sanatórios finlandeses tinham relação com o movimento internacional vegetariano (Fagerlande, 2013).

46. Está familiarizado com os métodos de tratamentos naturais, jejum, tratamento pela água, etc.?
47. Você viajaria na III classe onde à nossa disposição estão das melhores e bem limpas cabines de 2-4-6 pessoas, ou gostaria de viajar em classe mais alta?
48. Gostaria, no navio, de utilizar alimentação vegetariana ou carnívora? Se vegetariana de que espécie? Ou gostaria se levar sua própria alimentação?
49. Já esteve no exterior? Quando, onde e por quanto tempo? Foi incomodado pela saudade de casa?
50. Está acostumado a viajar?

As perguntas finais do questionário abordam questões práticas, como as condições de viagem no navio e a experiência anterior do candidato em relação a viagens. O candidato deve expressar seu motivo de ida a Penedo, se deseja ser liberado da vacinação e ainda se conhece os tratamentos naturais, como *kuhnir*<sup>60</sup> e jejum. No intuito de garantir a maior chance de adaptação, perguntam ainda se o candidato já esteve incomodado com saudade de casa, anteriormente, em ocasião de viagem ao exterior.

51. Acha que poderá suportar valentemente e com alegria lá no longínquo Sul a saudade da pátria e talvez outros obstáculos e carências dos primeiros tempos?
52. Está muito sujeito a enjoô no mar e doenças com febre?
53. Contenta-se a morar em Penedo, agora no início, nas futuras habitações coletivas, até que as residências individuais possam ser construídas?□
54. Tem condições para o trabalho braçal de plantio, construção e dos trabalhos da comunidade que o esperam?□
55. Que outras tarefas teria condições de fazer?□
56. Iria sozinho? Quais os parentes e conhecidos o acompanham?
57. Já depositou na conta do Kansallis-Osake Pankki pelo menos 5.000 marcos para o preço da passagem e a entrada do preço do lote? Seinda não, quando o poderá fazer?
58. Continuará como amigo e trabalhador pró Penedo mesmo na hipótese que não possa viajar no primeiro ou mesmo no segundo grupo?
59. Tem propósito sério de daqui para diante, de qualquer maneira. Pesquisar, praticar e divulgar uma vida simples com hábitos de vida saudáveis?□
60. De que maneira gostaria de começar a trabalhar pela construção de Penedo e pela realização de sua meta de uma vida saudável?

Após a garantia de que o candidato seria capaz de suportar a saudade de casa, o questionário segue de modo a reforçar as crenças no projeto utópico de vida mais saudável e aderência ao vegetarianismo e aos ideais de Penedo, as habitações coletivas dos primórdios e a necessidade de trabalho braçal na lavoura e nas construções da colônia. O “propósito sério” de propagar e empenhar-se na prática de uma “vida simples com hábitos de vida saudáveis” é crucial e expõe o caráter utópico e expectativas ousadas do projeto tropical. A meta seria, segundo Pennanen, “uma vida mais saudável”, cuja garantia de realização se daria provavelmente a partir da união de verdadeiros seguidores de Uuskallio, indivíduos que entenderiam e seguiriam suas propostas, que incluíam exercícios respiratórios, ginástica ao ar livre, banhos de ar e de sol, tratamentos com água (*kuhnir*) e banho de vapores, além da alimentação vegetariana e considerada saudável em ambiente social harmônico.

---

<sup>60</sup> Terapia criada pelo alemão Luiz Kuhne que consistia em colocar a parte posterior do corpo na água corrente para eliminar “elementos estranhos” que pudessem estar acumulados nos músculos.

61. Que projetos e proposições teria para apresentar em relação ao trabalho na Finlândia?
62. De que forma podíamos melhor trabalhar em prol das crianças, dos fracos, dos doentes, dos velhos e oprimidos e lhes obter melhores condições de vida?
63. Gostaria que o nosso porta-voz e nosso laço de união, o Työkansa, aparecesse com mais freqüência? O que gostaria a esse respeito?
64. Quando gostaria que os parentes que aqui ficam pudessem viajar para encontrá-lo em Penedo?
65. Quando gostaria de fazer uma viagem de visita a Penedo, daquelas que muitos já planejaram?
66. Teria vontade e condições de já agora depositar, para os juros, 30.000 marcos na conta do Kopankki, ganhando com isso uma viagem ,grátis de ida e volta em I ou II classe até Penedo, tendo lá 3 meses de estadia no Sanatório a ser construído, cujas negociações já estão em andamento?
67. Quando gostaria de poder fazer uma viagem de ida e volta de Penedo à Finlândia se for possível organizá-la com boas condições?□
68. Outros dados que possam influir no assunto?
69. Como novos amigos recentemente em minhas viagens me apresentaram pessoalmente seus desejos, peço mencionar em eu ocasião isso aconteceu?□
70. Garantia da veracidade dos dados.
71. Data e assinatura.

As respostas deveriam ser escritas a tinta sobre papel ofício com quadriculado em azul, numerando-as na mesma ordem das perguntas. Caso não houvesse resposta a alguma pergunta, devia se traçar uma linha em seu lugar. Ao final, o candidato deveria declarar verídicas suas afirmações, registrando o local e data onde foram elas fornecidas, e assinando. Além disso, deveria anexar uma fotografia recente e ainda uma recomendação de amigo de Penedo ou alguém de confiança. Quanto mais recomendações por candidato, melhor. Abaixo alguns dos quais estavam aptos a recomendar imigrantes.

Os amigos de Penedo a cujas recomendações é dado um grande valor são a Senhora Maalin Brgström e o chefe do escritório Adolf Wolzenburg de Kirvu, o relojoeiro Toivo E. Louhimo de Viipuri, o jardineiro Matti Mikkonen de Leinajarvi, jardineiro Niilo Uuskallio de antrea, diretor Kalle Vidgren de Lahti, senhora Siiri Manninen e professor Jalmari Kauppala de Helsinki (o endereço da primeira é Vallila, Pakkankatu 28 B.31 e do último Etelä-Hesperiankatu 28, porras A), professor August Kuusisto de Turku (Sairashuonenk. 24), agricultor Alfred Lalla de Kodjala em Laitila e diretor-professor I A Suova da paróquia de Laitila ourives Väinö Nurmi e chefe de estação Eino Valtonen de Pori, diretora Rauha Lukkala de Suoniemi, administrador Heikki Vartiainen de Tampere e senhora Tyyni Pennanen de Orivesi (PENNANEN *apud* FAGERLANDE, 2013:211-215).

## 2.2 Jornada aos Trópicos

A vinda dos finlandeses escolhidos para o Brasil ocorre no fim do período denominado como a “grande migração” para o país – entre 1870 até 1930 –, e tem características singulares no modo de estabelecer-se. Suas narrativas de vida diferenciam-se

dos mitos fundados em torno do tema da imigração europeia para o Brasil<sup>61</sup>. Como a maior parte dos migrantes estava financeiramente satisfeita em seu país, o motivo principal da imigração relacionava-se menos à busca por ascensão social do que à atração exercida pelos trópicos e um novo modo de vida mais saudável e próximo à natureza, a partir da qual, o projeto colonial uuskalliano pregava, se sustentaria a reprodução social coletiva.

Existem estudos dedicados à análise das complexidades das imigrações e das identidades plurais que as constituem, abordando detalhadamente grupos étnicos por vezes homogeneizados pelo discurso corrente herdeiro de uma visão sociológica pasteurizada. Da mesma forma, buscamos explorar as idiossincrasias da imigração finlandesa por compreendê-la distante da visão tradicional sobre as imigrações europeias durante fins do século XIX e início do século XX. Entendemos que, de modo geral, o grupo penedense não buscava enriquecimento rápido nem articulava uma ideologia nacionalista e cultural impermeável, mas, dentre variados motivos de adesão, integrava um projeto que pleiteava fundar uma nova sociedade, constituída por indivíduos de diferentes profissões, em sua maioria oriundos das cidades e culturalmente/educacionalmente instruídos.

Dos motivos daqueles que emigraram, Lähteenmäki (1979:21) acredita ter sido a saúde um dos principais estímulos à adesão à colônia, para onde muitos participantes foram em busca de curas para doenças através do vegetarianismo, seguida por motivos mais ligados a problemas familiares e mesmo busca por aventuras, evidenciando que parte dos emigrantes não desejava fixar-se de fato ou não conhecia ou comungava dos ideais centrais do projeto. Da mesma forma argumenta Peltoniemi (2013), para quem, apesar de haver muitas identificações entre as imigrações utópicas finlandesas da época com aquela da Colônia Penedo, o caráter vegetariano e naturalista do empreendimento é marcante em relação a seus similares. Recorrendo aos relatos de vida e entrevistas posteriores confirmamos o predomínio da ideia central ligada à saúde e à alimentação, e entendemos que muitos dos emigrantes não comungavam da ideologia do projeto de Penedo, tendo dentre outras razões para saída da Finlândia, motivo de doença, fuga do frio intenso, traumas sofridos durante a guerra civil, primeira guerra mundial ou guerra contra Rússia, e ainda as dificuldades da sociedade finlandesa em constituir-se enquanto nação.

Participar deste empreendimento emigratório parecia também ser resultado das capacidades dos agentes de expandir suas liberdades para além do estatuto de sua sociedade, o que pode ser encarado como um sinal de desenvolvimento – ainda que a Finlândia de então fosse um país ainda não desenvolvido, seus cidadãos puderam aí exercer sua possibilidade de escolha. De acordo com o autor indiano Amartya Sen (1999), é também a eliminação de liberdades que limita as escolhas e oportunidades do sujeito em exercer sua condição de agente, essa que o torna capaz de elaborar novas possibilidades, ao invés de reproduzir ou perseguir o que lhe falta frente ao *status quo* estabelecido, seja no âmbito econômico, social, político ou cultural<sup>62</sup>. Segundo ele, a soma de diversas liberdades dá origem à liberdade humana própria do indivíduo, e por isso a condição de liberdade é vista como meio e fim para o desenvolvimento, pois o indivíduo não se nutre somente da busca de liberdade: faz-se ela essencial no processo de construção de oportunidades para o seu desenvolvimento.

Aqui, o estabelecimento, como empreendimento coletivo, da Colônia Penedo a partir de um grupo de imigrantes que detinha em sua terra natal razoável bem-estar social, profissões dignas e suficiente capital financeiro, mostra a capacidade desses indivíduos de

<sup>61</sup> O senso comum prega que em geral os imigrantes fogem da pobreza em busca de ascensão social, e de que são eles camponeses pouco instruídos.

<sup>62</sup> “A livre condição de agente não só é, em si, uma parte “constitutiva” do desenvolvimento, mas também contribui para fortalecer outras condições de agentes livres. (...) O que as pessoas conseguem positivamente realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras como boa saúde, educação básica e incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas.” (SEN, 1999: 19).

expandirem suas liberdades ao se dedicarem a uma nova experiência em busca de um ideal que, ainda que não fosse unívoco, existia de forma distinta em cada um dos imigrantes que se dispuseram a viajar rumo ao desconhecido.

A maior participação de indivíduos das maiores cidades finlandesas e de suas periferias tem relação com a maior facilidade de acesso à informação, gerada pela mídia em torno do projeto utópico: propagandas e artigos elogiosos nas publicações dedicadas à saúde e a crenças protestantes (religião dos idealizadores do projeto). Uma das maiores ações na cooptação de participantes foi a do grupo de “amigos do Penedo”, formado por pessoas próximas a Uuskallio e Pennanen. Eram incumbidos de ajudar na seleção dos emigrantes segundo o perfil do que se esperava que fossem os “escolhidos do Senhor” (LÄHTEENMÄKI, 1979:22). Em um dos artigos publicados pela *Työkansa*, no princípio da década de 30, dizia Pennanen, reiterando que os imigrantes deveriam adequar-se aos propósitos do projeto:

Penedo foi comprado em razão de leis sagradas que devem ser obedecidas. O não cumprimento destas leis da vida é a causa de toda confusão e caos. A vida é regida pelas severas leis de causa e efeito. As leis da natureza são sagradas e divinas; o que não é natural é condenado. Quando imaginamos onde a vida pode ser mais natural, recebemos uma única resposta: é num país onde se pode viver em harmonia com a natureza. O homem e as palmeiras devem viver juntos. Instintivamente ansiamos pela vida onde o topo das palmeiras sussurram pela paz. As décadas futuras demonstrarão que a paz é impossível enquanto os povos da Europa continuarem a viver a sua vida antinatural que deteriora a saúde, arruína o solo, destrói as florestas e reduz a terra a um deserto. Isto não precisa necessariamente acontecer se começarmos a paz da maneira certa. Isto não é nenhuma utopia nem filosofia tola, é uma aspiração ponderada e prática para a vida natural. Volta à natureza! Este é o nosso lema. Enquanto o homem moderno destrói a natureza, despreza as suas leis, ele anda para a sua destruição e perdição. Devemos escolher o caminho certo, e isso é, sem dúvida, a causa de Penedo. Quem compreender estas verdades está disposto a se sacrificar para que os ideais e os anseios se realizem e que alcancemos as nossas metas (HILDÉN, 1989:52/53).

Uuskallio havia escrito, ainda na Finlândia, livros sobre nutrição, saúde e espiritualidade. O índice de seu livro de título *Nutrição Humana*<sup>63</sup> mostra alguns dos temas:

1. Comemos mas não nos alimentamos
- 2 . Os fundamentos do uso da carne
3. Situação geral da nutrição no mundo
4. Fundamentos da nutrição atual: o apetite
5. Fundamentos da alimentação correta: fome
6. A reciclagem de produtos na natureza
7. A influência na nutrição humana
8. A influência da nutrição na idade dos diversos seres vivos
9. O amadurecimento dos alimentos
10. A nutrição e a eletricidade do corpo
11. Visão mais profunda da nutrição: a) Crianças; b) Adultos
12. A economia da cozinha
13. A economia da vida

---

<sup>63</sup> Traduzido para o português por Helena Hildén, em agosto de 2013.

Nesse livro, ele discorre sobre o corpo humano como não apenas uma “máquina a vapor que consome calorias”, mas uma “máquina complexa”, e por isso a questão da nutrição é tão importante. Em relação ao tema da alimentação, Valtonen discorre sobre palestra supostamente proferida por Uuskallio nos tempos iniciais da colônia.

Está claro que são os vegetais a única comida para o homem e a nós é fácil escolher o que comer dos alimentos presentes. Quais os alimentos que se podem aproveitar diretamente da natureza? As frutas: uvas, figos, tâmaras, maçãs, laranjas, limão e peras são tidos como os melhores nutrientes. Se a ela juntarmos o coco, castanhas do Pará e outras nozes, o homem está nutrido. E além disso, são de fácil digestão. Se o homem come só mel, sua digestão fica rápida demais e provoca febre nas tripas. Portanto, vemos que têm muitos alimentos na natureza. Olhai a cozinha da natureza. Árvores frutíferas, as quais fabricam os elementos minerais para nossa gordura, proteínas e açucares. As frutas in natura são melhores e de mais fácil digestão para o homem. A Finlândia é terra de lobos e ursos. Isso sempre foi assim. O Criador a criou para isso. Onde o homem vive melhor? Onde pode com menos esforço viver em harmonia com a natureza. Todas as frutas são alimentos. O homem e a palmeira pertencem um ao outro. Instintivamente, queremos que as palmeiras sussurrem paz em cima de nossas cabeças. Como são versáteis as palmeiras. Tomemos por exemplo o coco da Bahia. A água de coco é uma bebida excelente. Também dele pode ser extraída a gordura, muito melhor do que o toucinho ou outras gorduras que estragam em alguns dias. A gordura de coco se conserva alguns anos. Ela se derrete na temperatura do corpo. O coqueiro tem vida longa e não requer tratos.

Todos conhecem a tâmara. É natural da palmeira que cresce nos oásis dos desertos, produzindo centenas de quilos de fruto por ano. É o melhor nutriente para o homem. Tem mais de seis por cento de proteínas. A tâmara tem mais ou menos oitenta variedades. Quem não gostaria de comer tâmaras? Naturalmente todos. A natureza doou ao homem o alimento mais natural.

Aqui na Colônia temos uma pequena palmeira chamada tucum. Dá cachos pequenos com cocos do tamanho de uma uva. São muito refrigerantes. Quase todas as palmeiras produzem coco, donde pode-se extrair a gordura. Às vezes, em cima do coco há uma parte comestível como no açaí que produz uma bebida gostosa e nutritiva. Das palmeiras pode-se falar horas, pois são 250 variedades. Outros afirmam que são 400, todas úteis. Das palmeiras podemos usar o tronco como no sagro, outras dão palmitos. As folhas servem para cobrir casas. A palmeira carnaúba produz cera [...] (VALTONEN, 1998:34).

O discurso antecipa noções atuais da ecologia, nutrição adequada e modos mais sustentáveis de vida, aproveitando os elementos da natureza do entorno, como nas práticas biodinâmicas, método de produção agrícola e agropecuária que integra a teoria antroposófica de Steiner, a qual, como já chamamos atenção, possivelmente teve influência sobre os pensamentos de Uuskallio. Quando diz que das palmeiras se podem usar os frutos, folhas e troncos, ele aponta para o aproveitamento dos elementos naturais e para o menor esforço do homem, diferente da vida em ambiente frio.

## 2.3 Chegada à Fazenda

O poder de Deus é sempre nosso refúgio e nos ajudará a atravessar mais essas provações. (UUSKALLIO *apud* HILDÉN, 1989:57)

Em 1929 o primeiro grupo de imigrantes finlandeses, somando 26 pessoas, chegou a Penedo. Este grupo era considerado pelos líderes como constituído por indivíduos mais atuantes e interessados nos ideais coloniais.<sup>64</sup> Ainda em 1929 vieram seis levas de imigrantes, sendo que no terceiro grupo, chegado em julho desse ano, veio a família de Toivo Suni<sup>65</sup>, que é considerado como um dos primeiros ecologistas (VALTONEN, 1979:28) da região, mais tarde artista plástico<sup>66</sup>. Alva Athos Fagerlande (1998) – herdeiro da família imigrante dos Bertell – realizou pesquisa nos registros de entrada dos finlandeses no Brasil e constatou que, entre 1 de setembro de 1927 a 16 de outubro de 1940, foram 296 os finlandeses que chegaram no porto do Rio de Janeiro, sendo 208 deles registrados como imigrantes. Não há registro exato dos que vieram para Penedo, mas sabe-se que em 1929 chegou ao Brasil um total de 122 colonos, dos quais a maioria direcionou-se a Penedo. Chegaram ainda 21 em 1930 e 23 em 1931. De 1932 a 1940 a entrada de finlandeses foi mínima<sup>67</sup>, com exceção do ano de 1938, que registrou a chegada de 19 imigrantes<sup>68</sup>.

Os recém-chegados finlandeses aportavam primeiramente à cidade do Rio de Janeiro, onde tomavam vacinas<sup>69</sup>, e seguiam em quarentena enquanto travavam as primeiras relações sociais e trocavam impressões das novidades dos trópicos. Após esse período seguiam a Penedo, partindo de trem do Rio de Janeiro até a estação de Marechal Jardim, de onde iam de carroça ou a pé até o seu destino final. Embora tenham se surpreendido com o entorno de pastos pelados que compunha a fazenda (esperavam a existência de pomares e florestas, vide a propaganda feita na Finlândia, e encontraram uma terra desgastada, marcada pela herança do recente tempo do café), o projeto utópico baseado na cultura agrícola foi mantido. Eles ocuparam a parte baixa da fazenda, próxima à Casa Grande onde se instalaram, e reflorestaram grande parte do vale próximo de onde ainda viviam algumas famílias de lavradores brasileiros<sup>70</sup>.

Diferente de algumas colônias europeias no sul do Brasil, onde se fundaram novas versões de cidades existentes em seus países de origem – também pelo fato da maioria dos imigrantes serem oriundos do mesmo local e partilharem de mesma doutrina espiritual –, em Penedo eram variadas as origens dos finlandeses, tanto geográfica quanto sociocultural, e apesar de todo o esforço de seleção realizado pelos líderes da colônia, divergiam amplamente suas crenças e ideologias de vida. Dos que vieram a Penedo, a maioria era oriunda das

64 Segundo Mika Peltola, os finlandeses que se juntaram ao projeto de Penedo eram “os ‘hipsters’ da época”, estavam à frente de seu tempo e eram em sua maioria urbanos que idealizavam a vida no campo, alimentação saudável e hábitos naturalistas e exóticos frente àqueles em vigor na sua sociedade.

65 Toivo Suni é pai de Eva Hildén, que mais tarde registrou suas memórias em livro “A saga de Penedo: A história da Colônia Finlandesa no Brasil”, o primeiro livro de memórias sobre os imigrantes, e fundou o museu da Eva, hoje o Museu Finlandês de Penedo, onde são exibidos documentos, cartas e objetos pertencentes à história da colônia, como também o artesanato produzido.

66 Suni teve aulas com o pintor tcheco Jan Zach, que passou uma temporada no Penedo, e pintou grande quantidade de telas retratando bananeiras e as paisagens do Penedo, além de ter sido o professor principal da futura tapeceira Eila Ampula, a artista mais reconhecida do local, também finlandesa, filha de Aksehli Lehtola.

67 Sabe-se que durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) as políticas restritivas à imigração foram aprimoradas, e era então comum a discussão em torno dos imigrantes desejáveis, em sua maioria europeus, corroborando com a ideologia de branqueamento.

68 Jornal Nariz da Índia, março e abril de 1999.

69 A maioria dos imigrantes finlandeses, seguindo as orientações de Uuskallio, era contra a vacinação mas eram obrigados a recebê-la ao entrar no país.

70 Trabalhadores anteriormente do café ou do gado leiteiro.

maiores cidades finlandesas ou de suas periferias; por ordem de relevância, Tampere, Helsinki, Viipuri, Turku, Antrea (de onde Uuskallio era originário), Jääski, Laitila, Lempäällä, Pori, entre outras. Os indivíduos participantes da colônia se dividiam em mais de 40 profissões, sendo principalmente profissionais liberais, como professores, comerciantes e oficiais, agricultores, jardineiros e ainda profissionais de “colarinho branco”.

Eram cerca de 80% do sexo masculino e a maioria entre 20 e 30 anos, muitos deles jovens ainda sem profissão definida (LÄHTEENMÄKI, 1979:27). Apesar de Peltoniemi (1985:13) indicar como nula a participação de agricultores ou fazendeiros em Penedo, Melkas (1999:147), em sua pesquisa, aponta que houve cerca de 32 fazendeiros ou donos de propriedades (incluindo-se aqui as esposas) e cerca de 4 trabalhadores agrícolas na colônia Penedo. Nota-se aqui que profissionais tais como proprietários, executivos e intelectuais eram em Penedo em maior número do que os trabalhadores braçais, tais como operários.

Para viabilizar a compra da fazenda, realizada em nome de Toivo Uuskallio, muitos participantes se desfizeram de suas casas e entregaram quantia em dinheiro, outros contribuíram com parcela de empréstimos bancários. Toivo defendia que uma só pessoa deveria pagar o imposto, para simplificar, e também que a propriedade privada não era algo que devesse ser defendido, mas evitado, já que “a terra na verdade pertencia a Deus” (VALTONEN, 1998:25). O “dever”, recebido no “chamado” por Uuskallio, era dirigir-se ao sul com o grupo de “elegidos pelo Senhor” e buscar o despertar da “vida interior” em relação harmoniosa com a natureza e entre os iguais, sem disputas, com trabalho digno e conduta correta. (UUSKALLIO, 1929:16).

Apesar da tentativa de atrair indivíduos fiéis às “leis naturais” e ao projeto de Penedo, havia diferentes anseios na viagem ao Brasil. A família de Axel e Sammi Lehtola, pais da tapeceira Eila Ampula, veio a Penedo sem nenhuma ideia naturalista ou vegetariana. Ansiavam por deixar a Finlândia em função do intenso frio, e, segundo relato de Eila, acompanharam os anúncios de Penedo e os artigos de Pennanen nos jornais e decidiram emigrar em 1929 também pela vergonha de ver a filha repetir de ano na pequena cidade de Tampere onde todos os conheciam<sup>71</sup>. Em relação à mudança de seus pais para o Brasil, Eila diz:

Sobre o meu pai [...], ele era um ginasta de primeira. Um dos melhores do Clube Tampereen Yritys. Era uma ginástica quase como acrobacia. Também era ator, num teatro amador. Dançava, fazia versos, cantava, tocava violino (mal) e acordeon (mal também), lia muito. Abandonou estas atividades quando nos mudamos para cá. Ele sentiu muito esta perda. Não aprendeu a falar bem a nova língua mas lia muito. Já a minha mãe, Alexandra Matilda, Sanni como era conhecida, adaptou-se bem à nova pátria. Ela até rejuvenesceu, emagreceu uns trinta quilos, cortou os cabelos que iam até o joelhos, trabalhou, dançou, brincou e até teve mais um filho, Kalevi, no ano de 32 [...]. Ele (meu pai) achou que era hora de voltarmos à pátria. Aí a minha mãe me perguntou se eu queria ir e eu disse que de jeito nenhum. Ela também preferiu ficar por aqui (AMPULA, 1996:7).

Quando avisa à família que já podem voltar, sua esposa e filha dizem não querer e argumentam ter se adaptado ao clima do Brasil. Diferentes relatos tratam da maior ou menor dificuldade dos indivíduos em adaptarem-se ao Brasil, e também em aprender o português –

<sup>71</sup> Helena Hildén (2013) afirmou que a reprovação de Eila não teria sido motivo para a mudança, mas a saúde de sua mãe, que sofria de reumatismo. Segundo Helena, Eila era afeita a criar polêmicas em torno de sua vida.

em geral mais acessível àqueles que já falavam mais de um idioma, o sueco, o inglês ou o alemão<sup>72</sup>.

A família de Toivo Suni, um dos mais entusiastas do projeto utópico, retornou várias vezes à Finlândia, pois sua esposa Laura, considerava a vida lá mais civilizada (HILDÉN, 2013). Voltaram várias vezes a Penedo, pois Suni acreditava ser aqui seu paraíso e missão pessoal. Ao empenho missionário de Uuskallio e Suni uniram-se outros indivíduos, como o professor de ginástica Axel Lehtola, citado acima, o construtor Hugo Lehtonen, e professores, artesãos e profissionais liberais, imbuídos de alguma forma da vontade de construir algo novo e dedicados cotidianamente à colônia, principalmente em seus dois primeiros anos. “[...] Na minha opinião, o imigrante não regula bem, como os idealistas ou moralistas, vegetarianos e religiosos, ou é aventureiro, buscando vida fácil ou está fugindo de alguma coisa” (AMPULA, 1996:16).

Segundo Peltoniemi (2013), apesar do predomínio de ideais diversos em cada uma das colônias utópicas finlandesas, todas as estabelecidas na América tinham em comum a idéia de “retorno à natureza”. Da mesma forma, afirma Toivo Sipilä<sup>73</sup>, para quem “Uuskallio pregava o afastamento da bebida, das danças, da sensualidade e da ostentação. Voltamos à natureza. Ele era um naturalista” (SIPILÄ *apud* PELTONIEMI, 1985:124).

Estamos fazendo tudo que está ao nosso alcance para desenvolver Penedo. Quando se vê as inúmeras plantas crescendo da terra considerada pobre e condenada, prometendo frutos para os cultivadores, as lágrimas de alegria enchem os olhos. A natureza é maravilhosa. (...) Penedo começará a produzir e recompensará os seus credores. Dentro de alguns meses iniciaremos as vendas de enxertos de laranjeiras que estão em pleno crescimento e haverá procura para nossos produtos (UUSKALLIO *apud* HILDÉN, 1989:57).

A vinda dos imigrantes de Penedo, segundo Melkas, é em proporção parecida à das outras colônias latinas da época, como a de Cuba e a do Paraguai. Eles podem não ter sabido, ou haver se esquecido, do insucesso da colônia Argentina, em Missões, duas décadas antes (LÄHTEENMÄKI, 1979:26). De fato, a maioria dos estabelecimentos utópicos finlandeses na América durou pouco tempo e em geral mais da metade dos imigrantes retornava ainda no primeiro ano<sup>74</sup>. Liisa, uma das cinco primeiras habitantes, escreveu na ocasião de comemoração dos 50 anos de fundação da colônia:

Quando chegaram os primeiros imigrantes a vida da fazenda começou trepidante. Todos vieram de ambientes diferentes. Opiniões eram tantas quanto cabeças. Até de noite havia programas com cantos e música e leitura da bíblia, cujo significado não era igual a todos. Fulano mais imprudente bateu com a bíblia na cabeça do sicrano estouvado assim ensinando os dez mandamentos (UUSKALLIO, L., 1979:14).

Além de seu bom humor, notamos aqui que as crenças tampouco podem ser simplificadas. Dentre os inúmeros cristãos não havia uma única doutrina, mas os relatos evidenciam que os penedenses tinham sua fé e a professavam de modo individualista, vide o

<sup>72</sup> O finlandês é um idioma bastante diferente de ramificação distinta das línguas nórdicas, como o norueguês e o sueco.

<sup>73</sup> Toivo Sipilä chegou a Penedo no fim do ano de 1930, segundo os arquivos consultados por Alva Athos (1998).

<sup>74</sup> Essa observação não difere da média de retorno de outras imigrações, como a dos povos árabes no Rio de Janeiro, dos quais mais de 43% retornou ao país natal, no mesmo período.

fato de não ter sido ali construída uma igreja. Havia cultos conjuntos na Casa Grande, liderados por Uuskallio, nos quais ele mesclava trechos da bíblia com suas próprias ideias.

De acordo com relatos posteriores de imigrantes e seus descendentes, as crenças sobre o que seria uma vida ideal, no período colonial, divergiam bastante. Apesar das diferenças ideológicas a vida na colônia é em geral relembrada como alegre e harmoniosa. Essa memória remete ao que Herzfeld (1997) chama de nostalgia estrutural, pois aborda o tempo passado de modo otimista e nostálgico, quando ele continha elementos também rechaçados, posteriormente deixados de lado em nome de um passado romantizado. As trajetórias e memórias do processo de estabelecimento no Brasil se mesclam e se contradizem de forma a evidenciar a impossibilidade de se recorrer a assertivas ao tratar da formação social de um grupo étnico amplamente heterogêneo, ainda que partilhando da mesma identidade nacional, a recente nacionalidade finlandesa.

## 2.4 Princípios Utópicos na Realidade

Uuskallio conversou mais com Deus do que com os colonos (LÄHTEENMÄKI, 1979:28).

No início o que havia de frutas na fazenda eram mangas, jabuticabas e poucas bananas. Já no ano de 1933 os colonos plantaram mudas frutíferas – caqui, cítricos, morango, banana e lixia – por mais de cinco quilômetros de extensão e assim a banana tornou-se abundante no Penedo, adaptando-se ao clima úmido do local (SIPILÄ, 1979:37). Como não havia nozes variadas, segundo sua crenças necessárias ao regime vegetariano, os colonos consumiam amendoim, o único produto similar aqui encontrado (VALTONEN, 1979:33).

Dormiam todos juntos no casarão principal da fazenda, e faziam as refeições em cozinha coletiva. Essa cozinha ficava na antiga leiteria e sua dieta contumaz compunha-se de arroz, feijão, tomate, cenoura, alface e repolho crus, o que não era suficiente mesmo para os vegetarianos, acostumados com um regime mais variado e abundante em batata, que não existia. As atividades da colônia foram controladas durante certo período por uma marreta batida num pedaço de trilho pendurado, o que era ouvido a dois quilômetros de distância. Depois passaram a ser demarcadas por um sino, batido nos horários por Tilda, chamado de “vatupassi = nível”, pois era exato em tudo (SIPILÄ, 1979:37). Sipilä conta que em um dia de domingo cedo ele tocou o sino por engano e todos se levantaram para trabalhar.

Após o café da manhã – água quente com açúcar mascavo e pão caseiro com gordura de coco – os finlandeses se reuniam em grupos e recebiam ferramentas para o trabalho na lavoura, estradas e construções (HILDÉN, 1989:35). Eles tinham muito o que aprender, pois o clima, a qualidade da terra, o tipo de cultivo, as pragas, enfim, todos os elementos diferiam muito dos conhecidos na Finlândia. No fim do dia havia aulas: as de português para os finlandeses eram dadas pelo holandês Sr. Lourenço. Eram aulas engraçadas pela dificuldade com a língua tão distinta (SIPILÄ, 1979:37). Hildén (1989:36) conta que depois de muito esforço alguém conseguiu dizer: “Seis horas : caminho anda, nove horas: cama deita”.

Havia também aulas de inglês, ginástica aos domingos no terreiro do casarão, dada por Lehtola, e coro de homens, de mulheres e coro misto. Os Toivos, Suni e Uuskallio, cantavam em dueto, e Lisa Uuskallio era considerada o “rouxinol de Penedo”. A música esteve presente durante toda a colônia e já no navio, em sua primeira vinda, em 1927, o grupo de finlandeses cantava (UUSKALLIO, 1929:17).

Foi construída uma olaria mas os tijolos não se mostraram muito bons, pois eram quebradiços, e absorviam a intensa umidade do Penedo. Lehtola era construtor e fazia os

alicerces das casas segundo a planta quadrada projetada por Uuskallio para todas as casas<sup>75</sup>. Ele queria que as ruas de Penedo fossem retas e constituíssem o plano que tinha em mente, composto por casas similares. Mas o ribeirão ali existente atrapalhava, pois para uma rua reta seria necessário que se fizessem muitas pontes. Em algum momento, entre os anos de 1931 e 1933, uma ponte foi feita só de pedras do rio, encaixando-as entre si, sem o uso de cimento, pelos colonos finlandeses (VALTONEN, 1998). Quando houve uma enchente, comum no verão chuvoso da região, a corrente forte de água carregou a ponte e eles então desistiram de fazer ponte só de pedra.



**Figura 7.** Pioneiros finlandeses na lavoura. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Em 1933 houve grande comemoração de carnaval na colônia, organizada por Sipilä, Nilo Valtonen e Erkki Nordman, quando elegeram Rainha do Carnaval à Raisa Aapro (SIPILÄ, 1979:38). É comum, ao se interrogar os descendentes, ouvir-se sobre como era alegre a vida na colônia, e como se entrosavam os finlandeses com os brasileiros – em geral colonos que haviam trabalhado na região no período de café ou do leite – sendo aqueles vistos como imigrantes pouco fechados entre si.<sup>76</sup>

Nós quatro, meu irmão Paavo, eu e os meninos Raimo e Matti, ambos de cinco anos, as primeiras crianças de Penedo, acostumamo-nos rapidamente à vida em Penedo. Organizamos o nosso cantinho perto do terreiro de café. Lá havia um montinho de areia e, seguindo o exemplo dos adultos, dividimos a área em quatro lotes, cada um tinha o lugar para a casa de mentirinha. Areia e pedaços de pau serviam para construir casas, estradas e pontes. O lote tinha

<sup>75</sup> Para maiores detalhes consultar a dissertação de Fagerlande, dedicada especificamente ao estudo urbanístico, publicada em 2013 sob título *Penedo: uma utopia finlandesa*.

<sup>76</sup> Em Penedo, as estratégias de reprodução social estritamente familiares vão tomando forma a partir da desistência de participação coletiva na colônia e da constatação conjunta da relativa falência do empreendimento, como de início planejado.

de ser plantado, e a nossa alegria foi grande quando os caroços de milho que semeamos começaram a brotar e cresceram até formar um bosquezinho.

Nos dias quentes vestíamos só calção e maiô. Até dispensávamos as roupas e arranjávamos pintura de guerra dos índios, lambuzando-nos de corpo inteiro com lama de barro vermelho. Corríamos alegres e despreocupados, imaginando-nos índios, os habitantes originais desta terra.

Com frequência durante o dia íamos nadar. O ribeirão tinha lugares fundos e ainda não sabíamos nadar, mas descobrimos que o canal que alimentava a turbina de eletricidade da Fazenda era um lugar ótimo para pularmos e brincarmos na água. Fascinados, olhávamos as mulheres dos colonos que lavavam roupa de maneira esquisita, batendo as peças de encontro à beira cimentada do canal. Um pouco mais longe, as mulheres finlandesas usavam outra técnica: esfregavam as roupas nas tinas de madeira e as escaldavam na água fervente com soda cáustica, num grande panelão de ferro.

Costumávamos visitar a casa antiga dos escravos, a senzala, onde moravam algumas famílias dos colonos. De olhos arregalados observávamos as crianças escuras e estranhávamos a língua. Elas também olhavam com espanto para nós, crianças louras que falavam finlandês. Boquiabertos, vimos velhinhos fumando cachimbo (HILDÉN, 1989:39).

O relato de Eva Hildén evidencia o estranhamento do encontro entre grupos étnicos diferentes, e a apropriação do projeto de construção comunitária pelas crianças, que experienciavam o novo ambiente em que se encontravam também em diálogo com as práticas estabelecidas e discutidas pelos adultos da Colônia.

Havia uma venda no começo dos anos 30 onde os colonos podiam comprar seus mantimentos, e Markkula, o violinista, era o responsável por ela. Ele controlava a quantidade comprada por cada um semanalmente para que não ultrapassasse o que acreditava ser o ideal consumido por pessoa, e não permitia que se vendesse caso o limite fosse ultrapassado (SIPILÄ, 1979:38). Tal ação parece se relacionar com a preocupação de não se exceder superfluamente o consumo suficiente para a vida humana, da mesma forma como pregava Thoreau no século XIX (GEUS, 1999: 68). Houve certa vez uma discussão entre o alfaiate Kannisto e o sapateiro Pesu sobre a incidência dos raios de sol na comida, um dizendo que os raios ultravioletas eram positivos, e o outro que o sol matava suas vitaminas. (VALTONEN, 1996).

Os finlandeses treinavam no Penedo suas danças típicas, organizados por Laura, esposa de Suni – que havia sido professora primária na região da Carélia –, nas quais quase todos participavam. Ainda na década de 30, eles se apresentavam nos teatros de Resende em benefício da Santa Casa ou em alguma comemoração citadina e, anos mais tarde, a atividade veio a ser uma das grandes atrações do vilarejo, nos bailes de sábado do Clube Finlandês. Desde cedo tiveram eles contato com a cidade de Resende também por motivos comerciais: vendiam lá seus produtos, o pão *pulla*, geléia de frutas, licores e produtos agrícolas em uma loja chamada Casa Penedo (VALTONEN, 1998:47). Os resendenses começaram a frequentar a colônia e participar dos bailes do clube e dos banhos de sauna e de rio, estabelecendo laços sociais e partilhando de práticas que progressivamente se tornaram conhecidas e naturalizadas pelos moradores da região.

O grupo migrante manteve contato com sua pátria mãe e com as demais colônias finlandesas estabelecidas ao redor do mundo, principalmente no continente americano. Alguns dos colonos se mudaram de uma colônia para outras, dentre aquelas citadas no primeiro capítulo. Ainda que tenham aprendido o português e se adaptado a um clima e ambiente bastante diferentes, os finlandeses em Penedo mantiveram laços com a Finlândia bem como denominadores culturais comuns que até os dias de hoje geram laços de união entre eles, como a prática do banho de sauna e o consumo caseiro de pão *pulla*, ambos quase

unanimidade nas residências de famílias finlandesas no Brasil, elementos herdados culturalmente de uma Finlândia narrada por Eila.

Quando você vai visitar alguém, sempre oferecem café. A dona da casa fica espantada se você não tomar três xícaras grandes deste líquido. Primeira coisa para comer com o café é a *pulla*. São fatias de *pulla* em forma de trança. Não tem gosto de nada. Depois disto tem o bolo seco, biscoito, bolo recheado, sanduíches de vários gostos. A dona da casa vigia e fica muito ofendida se você não comer tudo (AMPULA, 1996:18).



**Figura 8.** Comemoração de feriado finlandês em Penedo, 1952

Foto: Jorma Pohjanpalo Fonte: Institute of Migration, Turku.

Os imigrantes podem ter sido divergentes quanto aos múltiplos ideais, mas seus discursos e relatos de memória remetem à existência de uma coesão social e cultural em relação à identidade finlandesa no Penedo. Tal fato indica que não houve total ruptura com o lugar de origem, nem completa assimilação desses indivíduos à cultura de sua nova pátria, Brasil, mesmo que não fossem um grupo homogêneo ou perfeitamente integrado, ideia que decorre da mitificação em torno da ideia de assimilação cultural, em que o grupo em questão perderia completamente suas referências culturais primeiras.

Por outro lado, ser finlandês em Penedo foi também distinto da identidade finlandesa na Finlândia, pois configurou-se aqui uma identidade finlandesa própria de Penedo. Nota-se, através de certos relatos, como as formas de vida desses indivíduos muitas vezes diferenciam-se. Eila, por exemplo, na fala acima narra os costumes finlandeses como bastante distantes dos seus, evidenciando a posição divergente de seus conterrâneos do norte.

Nilo Valtonen, que deixou suas memórias escritas em livro, foi um dos que veio a Penedo por outras razões que não os preceitos vegetarianos ou de formação de uma

comunidade ideal. Chegou de navio em 1932 (FAGERLANDE, 1998:8) para cobrar de Uuskallio uma quantia em dinheiro que seu pai emprestara na compra da fazenda. Nilo residiu em Penedo por toda sua vida, apesar de ter se colocado muitas vezes contra os ideais do “círculo central” (VALTONEN, 1998:13), por não apoiar o vegetarianismo e ironizar o *kuhnir*, prática medicinal que era febre na colônia<sup>77</sup>. Segundo ele, todos praticavam o *kuhnir* e a explicação para a manifestação de quaisquer doenças se baseava na presença de “elementos estranhos” no corpo, que deveriam ser eliminados dos músculos através de sua prática (VALTONEN, 1998:13). Ele se dizia parte dos pertencentes ao “círculo de fora”, onde estavam aqueles que não eram próximos ou não concordavam totalmente com as idéias de Uuskallio.

Irmão Uuskallio, antes de sair<sup>78</sup>, tinha comprado do representante da Ford, um caminhão e um trator Fordson. A firma os entregou na fazenda. O caminhão estava carregado com cem camas e dois tambores de combustível para sua manutenção e do trator. Ele deixou Suni dirigir os trabalhos, pois depois de sua volta estava cheio de entusiasmo. Armas estava atarefado na oficina, onde havia ferramentas para carpinteiro e ferreiro. Ole estava incumbido de organizar a horta. Combinaram que a horta seria feita no terraço, em frente ao estábulo que era calçado de pedras, as quais precisavam primeiro ser arrancadas. Esta área era do tamanho de um campo de futebol. O pessoal pensou que as vacas poderiam ter deixado alguma força no lugar, mas embaixo das pedras só havia um barro amarelo, sem adubo.

No meio da horta passava a estrada de doze metros de largura que continuava em linha reta até a estrada de ferro. A estrada iria atravessar o rio sete vezes.

Toivo Suni estava trabalhando como carreiro e três juntas de bois que aravam a terra. A terra precisava ser arada antes do trabalho do trator, pois havia lugares úmidos e cheio de pedras. Estas deviam ser arrancadas e carregadas para fora. Nos lugares úmidos, deveriam ser feitas valetas. Embora a fazenda fosse grande, a área arável era pequena, talvez uns 200 hectares. O resto, eram morros. Podiam-se contar 200 metros do rio até em cima dos morros. A subida de 100 metros não poderia ser vencida pelo trator. Nesse local, somente plantar árvores (VALTONEN, 1996:32).

Segundo Valtonen comenta, muitas de suas memórias ao redor da organização da fazenda nesse primeiro ano lhe foram contadas por seu colega Ole, que chegara com Uuskallio, em 1927. Ao contrário de Nilo, seu pai tinha sido um entusiasta da colônia, e considerava o Pastor Pennanen grande discursista, como também era em geral considerado Uuskallio. Ainda na Finlândia, seu pai, tinha emprestado a eles quantia razoável em espécie para a compra da fazenda nos trópicos. Ao ser indagado sobre o caráter de Uuskallio, se era um idealista ou um espertalhão, Nilo responde: “Era as duas coisas” (PRAÇA, 2006:26). Uuskallio era chamado de “irmão”, ou “profeta” por Nilo, como também em alguns dos escritos e autobiografias que tratam da colônia. Segundo seu relato, Uuskallio nunca devolveu o dinheiro que devia a seu pai – o que fez com que Nilo se instalasse na fazenda e se adaptasse ao regime coletivo de trabalho e à má remuneração. Apesar das críticas constantes, Nilo demonstra certa reverência à sua figura, que mantinha sua autoridade. Um viajante finlandês relata:

<sup>77</sup> O *kuhnir* consistia em sentar no ribeirão e deixar a água bater nas nádegas, na tentativa de eliminação de doenças.

<sup>78</sup> Nilo se refere à viagem de Uuskallio para Finlândia para angariar mais participantes que pudessem vir para Penedo e aumentar o contingente de mão-de-obra.

A colônia finlandesa de Penedo tem um caráter religioso, mas não se trata de seita especial nem de fanatismo intransigente. Os penedenses são profundamente religiosos, mas não dispensam alegria natural, boa disposição, canto finlandês, música de kantele, canto de coro, etc. [...] Uuskallio, apesar de grande idealista, é também homem prático e experimentado, e saberá conduzir os negócios da colônia com o auxílio de amigos fiéis aos mesmos ideais. Quem não acreditar firmemente nestes ideais, não se deve nem cogitar de ir para Penedo (HILDÉN, 1989:55/56).

Uuskallio, idealizador do projeto e articulador de sua realização objetiva, é visto como líder carismático, e pode ser identificado com o que Barth denomina agente político, aquele indivíduo capaz de estimular uma mobilização étnica. Os grupos étnicos podem ter projetos nacionalistas imputados a eles pelos seus agentes políticos e, subsequentemente, se direcionar na busca de outros fins, ou vice-versa (BARTH, 2005:19). Nesse sentido, Ampula fala de contradições em relação a Uuskallio, a quem chama de líder.

Este nosso líder tinha idéias originais. Era uma pessoa carismática, bonita, de olhos azuis, penetrantes. Sempre elegante, de terno de linho branco. Falava bem, levava qualquer um no papo. Mudou-se para o Rio, onde seria mais fácil encontrar pessoas com recursos e com tendências para acreditar em fantasias. Fixou residência em um hotel na rua Riachuelo. Permaneceu ali, no mesmo quarto, por vinte anos. De vez em quando ele aparecia no Penedo, trazendo algum dinheiro e muitas promessas. O pessoal, na ausência dele, revoltava-se e ameaçava tomar providências quando aparecesse. Até uma surra prometeram. Mas nada disso ocorria, ao contrário, sempre havia uma reunião com música, canto e orações. Ele vencia sempre (AMPULA, 1996:16).

Toivo demonstrava certa “obsessão” em relação a normas e cálculos nutricionais, sempre retornava a temas como a quantidade de gordura – e albumina ou hidratos de carbono – em cada noz ou vegetal, frente ao leite e à carne, no intuito de evidenciar o quanto mais adequado seria o consumo de alimentos vegetais para o homem (UUSKALLIO, 1929:25). Ao comprar a fazenda, pediu que levasssem todo o gado, pois o leite de vaca não seria alimento consumido pelos imigrantes da colônia naturalista. Mais tarde, por necessidade de consumo de leite, alguns dos imigrantes passaram a comprar o produto nas fazendas da região. Dessa forma, suas ordens eram por vezes mais próximas aos planos ideais do que adaptadas à vida prática, como foi com a plantação de morangos (VALTONEN, 1998:28), coletivamente beneficiados e vendidos em forma de geleia ou licor, cuja produção foi vetada por Uuskallio, pois a produção alcóolica não era parte de seus planos.

Enquanto Uuskallio estava no Rio de Janeiro, alguns dos colonos de Penedo aproveitavam sua ausência para consumir produtos vetados, como o “café da meia-noite”, tomado secretamente e em local ermo, e também galinha cozida e consumida secretamente, em local longe do casarão. Tais acontecimentos são registrados tanto por Nilo Valtonen (1998) quanto por Eevaleena Melkas (1999) e Teuvo Peltoniemi (1985). Ele se estabeleceu durante anos na cidade do Rio, onde provavelmente circulava com seus ternos de linho branco e coleção de sapatos, vide suas primeiras impressões da cidade.

Esta rua-parque é sem dúvida uma das mais elegantes que de modo geral se pode ver nas grandes cidades. Quando se caminha ao seu longo ou se toma assento, por um momento, nas mesas de calçada dos restaurantes que nela se encontram – e são muitos – para tomar água de coco especialmente saborosa, e se fica observando o movimento, parece realmente estranho

relembra todas aquelas histórias coloridas de medo e temor, que se tinha ouvido das condições desta terra primitiva e desordenada. Comparando com o que anteriormente observei em viagens no exterior, não vi em lugar nenhum melhor ordem, tráfego mais fluente, abundância dos mais diversos produtos e pessoas vestidas na última moda, que ao longo desta avenida do Rio. A morte não parecia estar aqui mais perto que em qualquer outro lugar. Será que a cidade poderia esconder os mistérios do trópico nos seus arrabaldes? (1929:42).

Aqui ele narra as impressões sobre a avenida Rio Branco, na época em que o Rio vivia sua *belle époque*, tendo como referência a cidade de Paris, e, portanto, diferindo-se do que se esperava de uma cidade tropical periférica, aos olhos da Europa. O fato de Uuskallio ter se estabelecido na Lapa durante o período de sobrevida da colônia fez com que as normas pudessem ser mais facilmente não cumpridas, e corrobora o que dizem os que consideram ser Dona Lisa o “esteio de Penedo”. “Lisa era o coração de Penedo”, nos relata Anja Uuskallio (2013) e também Soile Viitaniemi (2013), cuja opinião era de que “Na verdade, coitada da esposa dele, é que ficava aqui segurando tudo, e ele circulando por aí, fazendo sei lá o quê”.

A maior dificuldade foi, desde o início, financeira, e foi ela uma das causas de sua dissolução enquanto projeto coletivo, em 1942. A fazenda nunca foi completamente paga e Uuskallio foi aos Estados Unidos em busca de ajuda de seus compatriotas para quitar a hipoteca. Aproveitou a oportunidade para dar continuidade às suas atividades de divulgação e propagação da colônia como um empreendimento de sucesso e de futuro saudável nos trópicos.

A situação em Penedo ficou muito séria. O empréstimo hipotecário de Lichtwardt venceu no dia 14 de junho de 1932 e não havia dinheiro para pagá-lo. Lichtwardt ameaçou com execução da hipoteca, porém, não o fez de imediato. Uuskallio viajou para os Estados Unidos para tentar conseguir algum financiamento com os patrícios de lá que, supostamente, tinham mais recursos. Ele visitou os finlandeses em Nova Iorque, Chicago e Detroit e conseguiu comover e entusiasmar muitas pessoas. Todavia, em 1932, os Estados Unidos sofriam ainda da recessão econômica e a maior parte dos recursos estava investida, de modo que não foi possível conseguir os dólares ansiosamente esperados. Uuskallio voltou para o Brasil com muitas promessas de financiamento mas os bolsos vazios (HILDÉN, 1989: 59).

Sobre a ida de Toivo aos Estados Unidos, Hohenthal (2013) relata que “o Paulli tava trabalhando na embaixada da Finlândia e mandou aviso pros Estados Unidos: Cuidado, que vai vir um gentleman do Brasil pedir dinheiro, mas não dá”. Lemos e ouvimos diversas vezes sobre o alerta enviado aos finlandeses de não emprestar dinheiro a Uuskallio nos Estados Unidos. Segundo Valtonen, no ano de 1931 chegaram a Penedo recortes de jornais finlandeses contendo opiniões de desistentes do projeto, tais como:

Não perguntam por que voltamos tão cedo? Melhor perguntar por que vivemos tanto tempo lá? Esperamos demais. O que nos prometeram nada foi cumprido conforme o combinado. Ninguém pode viver comendo palmito. Não tivemos indenizações pela despesa com a viagem. No primeiro dia que chegamos tiraram nosso dinheiro e quando necessitávamos, precisávamos pedir como esmola. Perdemos uns 20.000 markkas nessa viagem (1996:38).

Outro trecho ainda dizia:

Faz tempo que o pastor Pennanen seduzia os finlandeses para emigrar para o Brasil, dizendo que era um paraíso maravilhoso. Também o Senhor Uuskallio. É melhor que o trabalhador evite as tentações do pastor Pennanen. Quando se foge do lobo vem o urso. Alguns já fugiram da boca do urso (1996:38).

Uuskallio, em resposta a tais publicações, fotografou as atividades e as instalações de Penedo, e enviou à Finlândia, com algumas observações:

A Colônia Penedo tem sua marca de religiosidade. Não é uma seita qualquer, mas tem um grande fundo religioso, promovendo muita alegria, principalmente demonstrada nas suas danças folclóricas. O ribeirão é uma bênção de Deus, não notaram? Depois de fortes chuvas, as águas invadiram as culturas. Estamos tomando providências para minorar os efeitos dessas enchentes. O ribeirão fornece eletricidade para a fazenda e água para as casas e a sauna. Nos poços, todos podem tomar banho. Assim, o rio é um tesouro para Penedo. Olhem a foto dos banhistas! Quanto ao rendimento, a principal atenção é dada à enxertia de mudas de laranjeiras. Plantamos, no começo, 200.000. Vamos enxertar em setembro e daqui a um ano teremos quantidade notável para a venda. A plantação de banana foi a primeira providência. Porque as mudas eram caras, plantamos somente 20.000. Esta outra foto mostra a plantação mais velha que está dando os primeiros cachos. No tempo das chuvas, teremos milhares de mudas novas. Na vargem, plantamos feijão, arroz, milho, batata doce e amendoim. Na foto, a plantação de feijão. O resultado tem sido visivelmente bom. Além de mudas de frutas cítricas, cultivamos todas as mudas de árvores frutíferas. Na foto, vemos mudas de pereiras, que estão com 2,50 metros de altura e muito fortes. As fotografias são testemunhas. São amostras de nossa evolução. Melhor de quem conta, aumenta ou diminui a situação. Amáveis saudações, Toivo Uuskallio. 25 de janeiro de 1931. (UUSKALLIO *apud* VALTONEN, 1996:38).

Conforme a carta explicita, existem muitas fotografias do período de vida coletiva retratando atividades laborais e culturais, as plantações e as instalações, elementos da natureza e o cotidiano dos migrantes. Essa não foi a única ocasião em que chegaram a Penedo críticas daqueles que haviam retornado, ou de outros finlandeses. Uuskallio rapidamente defendia a Colônia e tentava demonstrar o quanto arduamente trabalhavam os participantes em prol do “sucesso” do empreendimento.

#### 2.4.1 Dificuldades na manutenção da estrutura coletiva

Nos três primeiros anos de colônia, mais da metade dos imigrantes saiu de Penedo, retornando à terra natal, ou indo para o Rio de Janeiro ou para o sul do país. Dos que decidiram retornar à Finlândia, os motivos principais estavam na escassez de frutas e vegetais consumidos anteriormente, como a batata; na vida em comum no casarão e seus conflitos: as refeições eram feitas em conjunto e o dia a dia era partilhado coletivamente. Um outro motivo foi a falta de propriedade do próprio terreno, pois o lavrador finlandês é em geral independente<sup>79</sup> e Uuskallio não desejava dividir a fazenda em lotes, mas idealizava um estabelecimento coletivo que funcionasse dessa forma, sem donos (VALTONEN, 1998).

---

<sup>79</sup> Essa ideia nos foi relatada por diferentes entrevistados, participantes ou estudiosos sobre Penedo.

Apesar de haver combinado que cada colono teria sua própria casa, o processo tardou mais do que o esperado pela maioria, e a vida coletiva estendeu-se, bem como a lavoura conjunta, trabalhada por todos e liderada por Uuskallio no intuito de transformá-la no “paraíso das frutas” (VALTONEN, 1979:33).

Outro motivo teria sido o caráter autoritário de Uuskallio, tanto em relação aos ideais alimentares – não sendo permitidos álcool, café, carnes e fumo, bem como a criação de gado, embora o consumo de leite de vaca fosse em geral um hábito dos finlandeses–, quanto à práticas sociais, já que ele não aprovava costumes tidos como libertinos (LÄHTEENMÄKI, 1979:25). Raul Bertell (2013), nascido em Penedo na década de 1940 e descendente direto do pioneiro Frans Fagerlund, ao ser indagado sobre a colônia e a relação de Uuskallio com os outros finlandeses, nos relatou:

Toivo Uuskallio era um cara excepcional; ele estava muito adiante da época, então não era bem compreendido. Os finlandeses, inclusive a minha família também, não se entendiam bem com ele porque ele estava em outra praia já, bem adiante. E o que pegou o Toivo Uuskallio foi a questão financeira, porque as finanças eram difíceis. Então não se entendeu bem com os companheiros e também por outros motivos independentes da vontade dele, como a Segunda Guerra Mundial. Eles estavam já bem adiantados na plantação de mudas de laranjeiras, eram especialistas em enxertos – era uma boa – vendiam para a Baixada Fluminense. Com a vinda da guerra, atrapalhou tudo, pararam as vendas, e aquilo era uma produção em grande escala, que tinha que ter sempre a previsão de onde colocar, depois eles ficaram com uma porção de mudas sem ter onde colocar e deu prejuízo. Então, Penedo era inviável nessa época, uma por falta de entrosamento entre as pessoas e outra por causa dos problemas financeiros.

Ao dizer que Toivo “estava em outra praia, bem adiante”, Raul explicita sua perspectiva das causas de desentendimento entre os participantes do projeto e seu líder, cujas ideias eram avançadas para a época. Em seus escritos, notamos a que Raul se refere.

Certamente haveria desapontamento se a natureza aqui não permitisse a nudez, aqui onde justamente, devido às condições de temperatura ela seria possível, e onde muitas vezes a vestimenta parecia sufocar, como nós tivemos oportunidade de experimentar. Histórias sobre o aspecto destruidor do sol para o sangue, pareciam mais propaganda da cultura de vestuário europeia do que fato verídico. Aqui para a terra dos índios nus o vestuário foi introduzido à força e por meio dele se estragaram tribos sadias. Aqui, onde por causa da temperatura o metabolismo é bem ativo, é o aprisionamento do subproduto da respiração da pele, o ácido carbônico debaixo do vestuário, extremamente insalubre, pois impede ao mesmo tempo a ação revigorante da luz do sol de atuar a pele. O vestuário aqui é como um semi-envenenamento do urso, ao cochilar em sua toca sob as raízes. O urso come no entanto um pedaço de piche para manter o frescor durante o sono hibernal. Mas o estômago do homem unívoro é como um monturo, cujos dutos que se racham os cirurgiões cortam e remendam como os sapateiros da fronteira o fazem com sapatos gastos. (UUSKALLIO, 1929:57)

O estabelecimento dos finlandeses no Brasil teve, num primeiro momento, sua coesão baseada na figura de Uuskallio – o chamado “agente político” – cujas normas e crenças balizaram as práticas e o modo de vida em torno do casarão e do esforço por tornar a fazenda produtora agrícola de sucesso. Como todos os participantes tinham preenchido o questionário de imigração no qual concordavam com as premissas do projeto, puseram-se em prol dos

ideais de Uuskallio e Pennanen, sentindo-se também responsáveis pela tentativa de concretizar o plano de comunidade ideal. Além disso, sua única conexão com o Brasil era fazer parte da colônia, não havia laços sociais que os permitissem dedicar-se a atividades fora dela.

Os colonos iniciaram suas trocas externas pela comercialização de cítricos, negociados com os laranjais da baixada fluminense. A produção aconteceu principalmente de 1935 a 1940, sendo que no primeiro ano houve um verdadeiro *boom* nas vendas (VALTONEN, 1998:61), mas a demanda diminuiu no contexto da Segunda Grande Guerra. Os laranjais deixaram de escoar o produto e também de comprar as mudas da colônia, que viu-se obrigada a abandonar centenas de pés de limoeiros (base para a enxertia da laranja). A partir dessa crise, os finlandeses passaram a criar galinhas e vender ovos, e também a receber visitantes no casarão (MELKAS, 1999:238).

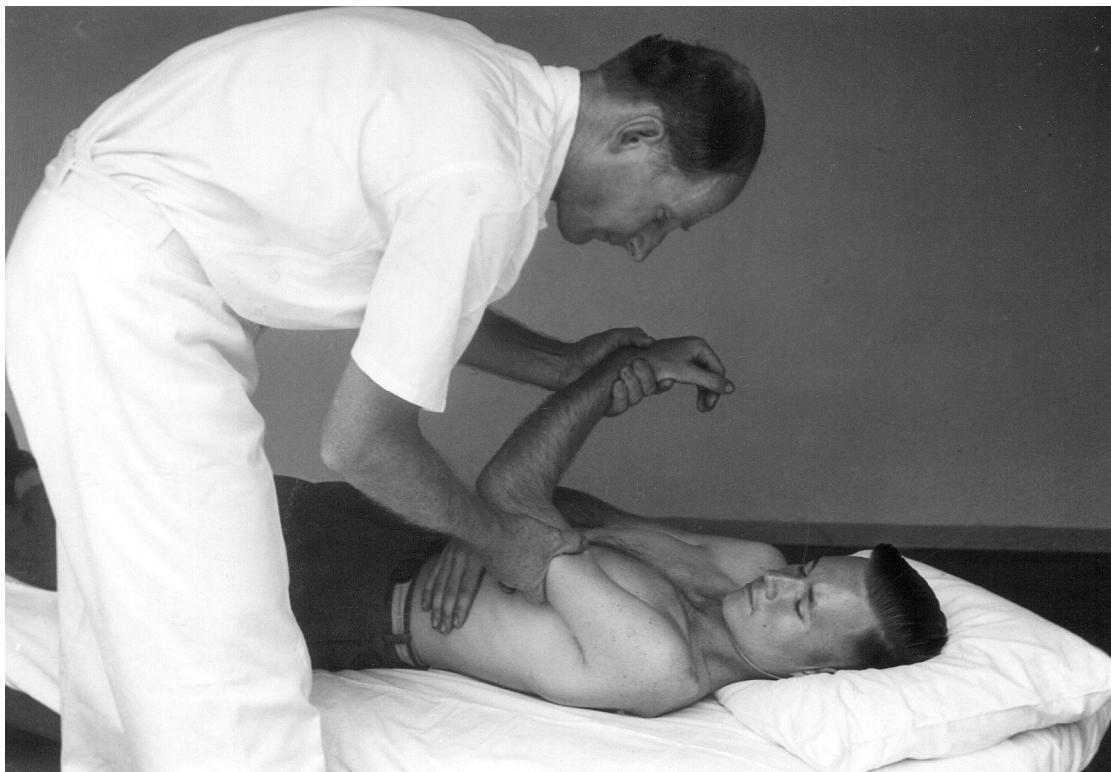
Na festa de inauguração da minha casa, discutimos sobre tudo: trato das galinhas, compra de rações e venda de ovos. Decidimos fundar uma cooperativa de avicultura de compra e venda. Mensalmente faríamos a compra de rações e distribuiríamos. Naquele tempo não havia rações a venda nos armazéns, de modo que foi preciso comprar farelo no Moinho de Barra Mansa e farinha de carne e de osso no Rio de Janeiro ou em Mendes. Várias pessoas diziam ser impossível vender ovos. Todos os penedenses tinham galinhas, menos irmão Uuskallio, pois Lisa criava galinhas na pensão.

Assim, os avicultores juntos faziam parte dos avicultores do Rio. Como o interesse era grande, alguém propôs construir uma casa onde se levasse os ovos e servisse para fazer compras. Como a festa foi proveitosa, resolvemos festejar o dia de São João. (VALTONEN, 1998:97)

A diversificação das atividades coloniais deu início a um período de vivências mais individualizadas, mesmo antes do fim do projeto coletivo. A atividade de criação de galinhas não gerou o retorno esperado e foi abandonada, apesar de ter sido fundada uma cooperativa de avicultores. Em fins da década de 30 e na de 40, muitas famílias transformaram suas casas em pensões, aos poucos construindo suítes anexas ou realizando adaptações, onde ofereciam café da manhã e almoço, servidos aos hóspedes juntamente aos familiares. Algumas dessas casas foram as das famílias de Uuskallio, Suni, Bertell, Reiman e a da “Dona Hiljia” (PRAÇA, 2013).

Naquela Casa Grande, D. Liisa já começou a receber hóspedes pagantes. Só que, destes hóspedes, o Uuskallio já havia recebido o pagamento de antemão. D. Liisa inventava pratos praticamente do nada. Durante anos, os mantimentos eram comprados fiado no armazém (AMPULA, 1996:18).

Lisa Uuskallio foi a primeira a administrar o recebimento de hóspedes, sua estadia e alimentação, enquanto seu marido propagandeava o paraíso de Penedo para cariocas irem visitar, e os orientava a como chegar a Penedo, onde seriam buscados na estação de trem do Marechal Jardim por finlandeses. A fala de Ampula confirma que Lisa trabalhava em Penedo enquanto Toivo passava seu tempo no Rio de Janeiro.



**Figura 9.** Gottfried (ou Godofredo) Bertell fazendo massagem em Penedo, 1952.

Foto: Jorma Pohjanpalo Fonte: Institute of Migration, Turku.

Ao saírem de Penedo, o principal trabalho conseguido pelos finlandeses na cidade do Rio de Janeiro foi o de massagista, tendo muitos finlandeses ido executar tal ofício em casas importantes de políticos e líderes, como do próprio presidente Getúlio Vargas, de quem o pai de Raul, Godofredo, foi massagista. Raul (2013) nos fala sobre seu pai:

O ideal do meu pai era agricultura, só que agricultura era muito difícil, tanto que a colônia finlandesa de Penedo não se deu bem nisso, cada um teve que se virar como pôde. Meu pai, por exemplo, como agricultura não dava recursos, nem pra sustentar a família nem pra nada, ele acabou indo para o Rio de Janeiro, e, por um acaso, conheceu uma finlandesa médica que ensinava fisioterapia, e que estava tratando dele por um problema de saúde. Quando ela viu as mãos do meu pai, ela falou: “Mas essas mãos aí foram feitas pra fazer massagem nas pessoas”. E ela deu um curso no Rio, então meu pai entrou nessa, fez o curso e começou a trabalhar como massagista no Rio, inclusive foi massagista do presidente Getúlio Vargas. E se deu muito bem. Da família, foi ele que conseguiu o ganha-pão. O resto ficava aqui no sítio, tinha alimentação, mas ganhar dinheiro já era outra história. Então meu pai é que ganhava lá no Rio.



**Figura 10.** Artesã finlandesa faz chapéu de bucha. Penedo, 1952.

Foto: Jorma Pohjanpalo Fonte: Institute of Migration, Turku.

Além do pai de Raul, outras experiências de trabalho relacionadas à sauna, massagem e terapias são relatadas pelos finlandeses que saíram de Penedo em busca de melhores oportunidades. Eila Ampula relata, que ao sair de Penedo, lá deixando os filhos, foi em busca de trabalho: “Eu tinha conseguido um trabalho no Termas, do hotel Copacabana Palace. Como duchista. A minha roupa estava sempre molhada, vivia resfriada. Morava no apartamento de Ethel e Gotte Bertell, dois irmãos. Foram bons pra mim. No fim de semana, ia para Resende, para ver os meninos. Eu tinha muita saudade deles [...]” (AMPULA, 1996: 26).

Durante o período de transição para modos de vida mais individualizados, a coesão comunitária esteve relacionada aos encontros e interações sociais propiciados pela convivência nas saunas, no Clube Finlandês e pelas trocas sociais entre indivíduos que compartilhavam de um mesmo *habitus*.

## 2.5 Venda da Fazenda e Diversificação das Atividades

O fato da colônia ter tido como base a venda de enxertos cítricos, mantendo sua economia sobre uma prática de monocultura, foi problemático. Apesar das atividades econômicas e de comércio, a hipoteca não conseguiu ser paga, e Uuskallio vendeu três quartos das terras da fazenda para a empresa suíça *Plamed - plantações medicinais*, em 1942, ficando a menor parte das terras, de um dos lados do rio, para os finlandeses (LÄHTEENMÄKI, 1979:29). Alguns deles se mudaram e construíram novas casas no território que lhes cabia e que hoje é ainda a área onde resistem algumas construções da época, a chamada península dos toivos.

O período de atuação da *Plamed* no Penedo, cerca de dez anos, trouxe oportunidades de trabalho aos colonos – contratados pela empresa para trabalho em seus diversos ramos. A

*Plamed* atuava em dezesseis diferentes departamentos cultivando uma imensa diversidade de plantas medicinais cujo óleo era extraído, e também na criação de gado, na avicultura e na suinocultura. Seus diretores eram europeus (alemães, poloneses, austríacos, tchecos, franceses, muitos deles judeus) fugidos da Europa (VALTONEN, 1979:43). Nesse mesmo período buscou-se outras fontes de renda e modos de reprodução social, e houve uma transição da agricultura familiar para a atividade turística, com a adaptação de algumas casas a pensões e pequenas pousadas, que passaram a oferecer serviços de sauna e de massagem terapêutica.

A atividade principal do Penedo esteve dividida, após a venda da fazenda, entre os primórdios de um turismo rústico e o serviço prestado à empresa, que trouxe certa prosperidade à parcela dos finlandeses do local, os quais chefiavam vários de seus departamentos (VALTONEN, 1979:43). Os funcionários da *Plamed* plantavam papoula, eucalipto, digitalis, cardura, cardo santo, piretro, menta (entre outras) e secavam as plantas para delas extrair o óleo. Coletavam ainda serpentes que encontravam durante o trabalho e as mandavam para o Instituto Butantã, em São Paulo (VALTONEN, 1979:43).

Depois da Segunda Guerra Mundial, os negócios da empresa decaíram e a maior parte de seus diretores voltou para Europa, dando fim às suas atividades. Ao encerrarem-se as atividades da empresa, deu-se prosseguimento às atividades alternativas, que também se diversificaram, desde a criação de galinhas à produção de geléias, licores, molhos e *pullas*<sup>80</sup>. Havia ainda os primórdios de um artesanato local, evidenciado pela confecção de produtos de bucha, velas e tecelagem, entre outros.

Segundo Valtonen, “todos que na colônia prosperaram não seguiram as ideias de Uuskallio. Eles as modificaram e as adaptaram a novas condições.” (1998:152). Apesar de soar ironicamente, tal fala evidencia que as utopias, embora não realizadas integralmente, estimulam novas possibilidades, que de fato surgiram a partir de um projeto que se mostrou inviável da forma como concebido. Dessa maneira, Uuskallio se manteve como figura de extrema importância em Penedo até o fim de sua vida. Apesar de criticado por sua incapacidade administrativa ou pela injustiça na distribuição dos terrenos aos colonos, a estima e reverência a ele persistiram, mantendo-o como principal orador e representante do grupo após a dissolução do projeto utópico<sup>81</sup>.

Em meados da década de 40, os colonos mantinham um cotidiano conectado às práticas agrícolas. Suni e Sipilä fizeram uma horta em sociedade, e levavam seus produtos em burriscos para Resende, onde vendiam nas quitandas e na Escola de Guerra<sup>82</sup> (HILDÉN, 1989:78). Hildén conta que sua família – era filha de Toivo e Laura Suni – passou a receber hóspedes por ser mais rentável do que a venda de verduras de seu pai. Para isso, construíram uma sauna à beira do ribeirão das pedras. Os hóspedes em geral aprovavam e se tornavam amigos da família.

[...] todas as casas finlandesas eram simples mas bem limpas e aconchegantes, decoradas com artesanato caseiro. Algumas donas de casa faziam trabalhos no tear manual para vender, especialmente tapetes. O material era o mesmo das roupas: sacos de algodão usados para ração de galinhas, pano tingido com tintas de anilina de diversas cores e cortados em tiras. Os hóspedes gostavam dos tapetes, compravam para suas casas e levavam de presente para os amigos. Foi o começo do artesanato em Penedo. Alguns sítios tinham plantações de bucha e faziam chapéus, bonés, chinelos,

<sup>80</sup> Pão doce, feito com cardamomo e/ou canela.

<sup>81</sup> Alguns descendentes defendem que a ideia germinal de criar um sanatório no Penedo foi a origem do que veio a desenvolver-se como o turismo e tornou o Penedo um local de onde se pôde garantir o sustento.

<sup>82</sup> Hoje a AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras.

bolsas e tapetes. O artesanato de bucha transformou-se em especialidade penedense (HILDÉN, 1989:86).



**Figura 11.** Toivo Asikainendeu início ao cultivo de bucha em Penedo. Elas eram usadas em chinelos, bolsas, chapéus, pegadores de panela, tapetes, etc. Imagem da década de 1950.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

Em 1943, foi fundado o Clube Finlândia, a partir da sede da cooperativa de avicultores anteriormente aí instalada (HILDÉN, 1989). Sua inauguração foi realizada no dia de São João<sup>83</sup>, e as decorações feitas com bambu, flores de bananeira e outras flores. A partir de então os finlandeses passaram a levar seus hóspedes aos bailes dos sábados. Raul Bertell (2013) nos relata quanto ao clube e às suas idas aos bailes:

Eu nunca gostei muito do clube não, mas eu ia muito, porque era necessário. Eu servia de guia para os hóspedes, porque eles adoravam. Quando eu morei aqui no Bertell, então era um dos meus afazeres aos sábados levar o pessoal para lá e trazer de volta. Eu ia na ideia de ajudar a tia Siiri a dar um bem estar para os hóspedes. E realmente eu observei, – embora eu não dançasse, nem gostava muito de ficar lá –, mas eu apreciava o interesse dos hóspedes e a facilidade com que se entrosavam com as danças finlandesas. Era impressionante, tinha gente que nunca tinha ouvido falar em danças finlandesas, chegava lá, observava, algum finlandês se prontificava a ensinar

<sup>83</sup> Data em que na Finlândia se ornamentam as casas com ramos de bétula, árvore tradicional também utilizada nos banhos de sauna.

e aprendiam na hora, era impressionante. Tinha uma simpatia especial entre os brasileiros e finlandeses!

As pensões existentes nos anos 50 em Penedo são as das famílias dos Uuskallio (atual Pousada Penedo), dos Suni (atual Vivenda Hotel), dos Reiman (atual Arboretum), da Dona Hilja, a dos Bertell (atual Hotel Bertel) e a Village D'Itatiaia (instalada no casarão da fazenda). Uma mudança significativa nesse período de transição foi a construção da rodovia Presidente Dutra<sup>84</sup>, em 1951, facilitadora das viagens de ônibus e do tráfego entre Rio, São Paulo e Penedo, trazendo um fluxo maior de visitantes ao vilarejo. Além disso, a parte alta da fazenda foi loteada na década de 50, o que gerou um crescimento no número de construções de casas de veraneio, muitas delas construídas por finlandeses, como Hugo Lehtonen. Dessa forma foi intensificada também a demanda por produtos artesanais locais, como tapetes em tecelagem manual e artesanato de bucha (HILDÉN, 1989:94). Frederico Carvalho<sup>85</sup> assim falou sobre a comunidade em fins da década de 60.

Penedo é uma pequena colônia – é um mundo a ser revelado, do ponto de vista turístico. Os finlandeses realizaram ali uma cultura, em combinação com os brasileiros, que tornou aquilo um pequeno paraíso naturalista. E quando digo naturalista, excluo da expressão qualquer sentido moral, acentuando apenas o seu cunho de ligação com a natureza. Os finlandeses parecem dotados de raízes invisíveis que os prendem de modo inelutável à mãe-terra. As pequenas pensões, os artesanatos, a pintura, a tapeçaria de tear, a sauna com banho de rio, as massagens, o pitoresco baile dos sábados, todo um mundo singular feito de simplicidade, de despretensão, de espírito prático, senso funcional, foi criado ali pela gente de cabelo de palha (CARVALHO, 1968:6).

Em seu discurso está presente a articulação ideológica trazida a Penedo pelo grupo de europeus e perpetuada pelas práticas ali engendradas. Dessa forma, a dificuldade em constituir a comunidade ideal foi contrabalançada por ideais (a conexão com a natureza e a busca por vida simples e livre de maiores conflitos) mantidos mesmo após o declínio do projeto coletivo. Transformadas em pensões, as casas dos colonos imigrantes propiciavam estreito contato do hóspede com seus costumes socioculturais, o que gradualmente impulsionou o crescimento da atividade turística regional, sendo o Penedo visto como um vilarejo exótico e dotado de belezas naturais e hábitos simples e naturalistas. Tais crenças sobrepunderam-se a suas contradições, tornando-se símbolo – ainda que multifacetado – do que significaria o Penedo a seus visitantes e a seus descendentes. Prossegue Frederico:

[...] a sauna, massagem, pinga com agrião e pão de coalhada do Bertel. [...] Entre primeiro na sauna para esquentar um pouco os músculos. Em seguida, estará esperando-o, todo de branco, sacerdote do rito massagístico, o Sr. Godofredo, ex-massagista de Getúlio, um espigado finlandês sessentão [...]. Mas ainda tem mais: o campo, as folhagens, as flores, as árvores, o rio que passa lambendo a varanda de descanso, os pássaros, os sapos, os grilos, os ruídos, ou antes a música da natureza, para os intervalos de descanso. E o sanduíche de pão de coalhada, revestido da manteiga de Resende – que é a melhor que conheço – e preparado como só D. Catarina sabe fazê-lo [...] (CARVALHO, 1968:6)

<sup>84</sup> Entendemos que o sucateamento das ferrovias e a instauração de vias estritamente rodoviárias é questão amplamente complexa no Brasil. Aqui, notamos que tal transição gerou mais frequência de turistas e visitantes a Penedo.

<sup>85</sup> Filósofo atuante como jornalista, que foi hóspede e posteriormente hoteleiro em Penedo.

Após a desagregação coletiva da colônia, seus participantes mantinham-se relacionados entre si, e atuavam na produção agrícola e no recebimento de visitantes, o que gradativamente tornou-se a principal forma de reprodução social das famílias imigrantes. Os finlandeses recebiam os hóspedes em suas casas e comercializavam objetos artesanais, refeições, massagens e o banho de sauna.<sup>86</sup>



**Figura 12.** Pensão finlandesa dos Bertell, 1952.  
Foto: Jorma Pohjanpalo. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Em síntese, tratamos neste capítulo acerca da transferência e estabelecimento de indivíduos finlandeses para a colônia Penedo. Através de suas falas e relatos ilustramos seu cotidiano e algumas das disputas e conflitos que influenciaram na desagregação da colônia enquanto projeto utópico e em sua manutenção enquanto espaço social. Dessa transição dos finlandeses para modos de reprodução social mais individualizados tratamos brevemente aqui e os abordaremos mais especificamente no próximo capítulo.

<sup>86</sup> A presença da manteiga de Resende demonstra a importância da produção regional de laticínios e do caráter predominantemente rural dessa área, pouco antes de ser tomada pelo crescimento industrial, a partir dos anos 80. A região sul do Vale do Paraíba é hoje considerada o “Vale do Silício” brasileiro, onde estão instaladas inúmeras indústrias, principalmente automobilistas.

### **III. TRAJETÓRIAS, REPRESENTAÇÕES E RE-CONFORMAÇÃO DA IDENTIDADE FINLANDESA EM PENEDO**

Uma autobiografia não é quando alguém diz a verdade sobre sua vida, mas quando diz que a diz. (LEJEUNE *apud* KLINGER, 2012:36)

#### **3.1 Lideranças, Trópicos e Utopias**

No presente capítulo articularemos relatos históricos e entrevistas a fim de evidenciar as relações de poder, conflitos e disputas presentes na Colônia Penedo, de onde emerge o sentido de pertencimento dos colonos enquanto grupo étnico. Seu fluxo não se prende cronologicamente ao período de funcionamento da colônia, mas sobre os espaços e elementos de atualização de uma etnicidade finlandesa, como a sauna e o clube finlandês. Esses elementos colaboram no sentido de reconfigurar a figura do imigrante e as representações que nutrem a noção de identidade finlandesa em Penedo. Alguns dos pontos primordiais relacionados à essa manutenção étnica foram apresentados em capítulos anteriores – relacionam-se às utopias em voga, ao projeto base de Uuskallio e seus seguidores próximos e aos denominadores culturais comuns e o *habitus* finlandês (BOURDIEU, 1989).

Entendemos que a re-construção de uma identidade finlandesa em Penedo se dá no processo de negociação de representações culturais apropriadas nos trópicos em conjunção àquelas trazidas pelo grupo de migrantes, e que permaneceram ao proporcionarem mais liberdade para a conformação de estratégias de inserção social. Tal construção ocorre inicialmente durante o processo de elaboração de forma de vida coletiva, expressa a partir das diferentes trajetórias subjetivas narradas pelos migrantes. Partilhando entre si um conjunto de capital cultural herdado por sua origem comum, esses agentes – cujas narrativas de vida se diferenciam – evidenciam, no processo discursivo de seus relatos, o fato de integrarem uma urdidora ideológica remetida à saúde e a elementos utópicos. Dessa forma, os relatos encontrados se relacionam, afirmando ou questionando a validade dessas premissas. A carta de um dos pioneiros, publicada pela revista *Tyokansa*, é um exemplo:

Senti como é bom começar a trabalhar no lugar que é meu, onde deposito muitas esperanças e onde serão concretizados os meus sonhos. Trepidante de entusiasmo, bati a minha enxada e levantei o primeiro torrão de terra. Peguei-o na mão e senti o seu calor: este pedaço de terra é meu, será parte da minha vida daqui em diante. Esmigalhei a terra e a deixei cair no chão. Continuei cavando até notar que já estava escurecendo, não tinha reparado o tempo passar. Fui tomado pelo entusiasmo, meu coração palpou, o sangue circulou com velocidade, minha cabeça encheu-se de pensamentos e sensações, fiquei exaltado, uma alegria inexplicável me invadiu (HILDÉN, 1989:38).

Quando fala da terra, “trepidante de entusiasmo”, podemos entender o valor que tem um lote de terra em Penedo para um finlandês, assombrado tanto pelo controle russo sobre as áreas finlandesas quanto pela neve e pelo frio, que inviabilizavam uma produção mais intensa em seu país. Aqui nota-se a utopia do desconhecido, de uma terra e de uma vida que foram há pouco descobertas e que, para ele, prometem trazer felicidade.

Primeiro semearei milho e plantarei bananeiras, daqui a alguns meses terei a safra, assim terei um bom começo. Mais tarde plantarei laranjeiras que darão frutas dentro de três, quatro anos. Escolherei um canto de terreno para horta e em breve terei tomates, batata doce, aipim, rabanetes, amendoim, feijão e várias verduras. Além disso, plantarei parreiras de uva, pereiras, macieiras, mamão, ameixa, figo, abacaxi, tangerina, limão, cana-de-açúcar. O que me faltarão? Foi um dia lindo, maravilhoso. Ao terminar meu serviço pensei em Deus que tinha me concedido tamanha alegria e felicidade [...] Ao fim de um dia de trabalho fiquei deslumbrado olhando a beleza das montanhas, onde as luzes e as sombras brincavam (HILDÉN, 1989:38).

Apropriar-se de um pedaço de terra faz com que o imigrante se emocione e conjecture acerca de seu futuro. Nele, vê as expectativas frente à nova vida e à esperança da produção de frutos que, acredita, a terra lhe trará. Calcula a variedade de vegetais que irá produzir. Nota-se como as frutas exercem papel predominante na listagem, seguindo os ideais de Thoreau de retirar da natureza os elementos da alimentação, especialmente as frutas colhidas diretamente das árvores. A herança de uma visão romantizada acerca desse novo modo de vida, expressa pela exaltação presente no relato, mostra que o imigrante acredita que a natureza lhe poderá oferecer muita coisa, e ainda mais pela presença de uma fé espiritual que o guia.

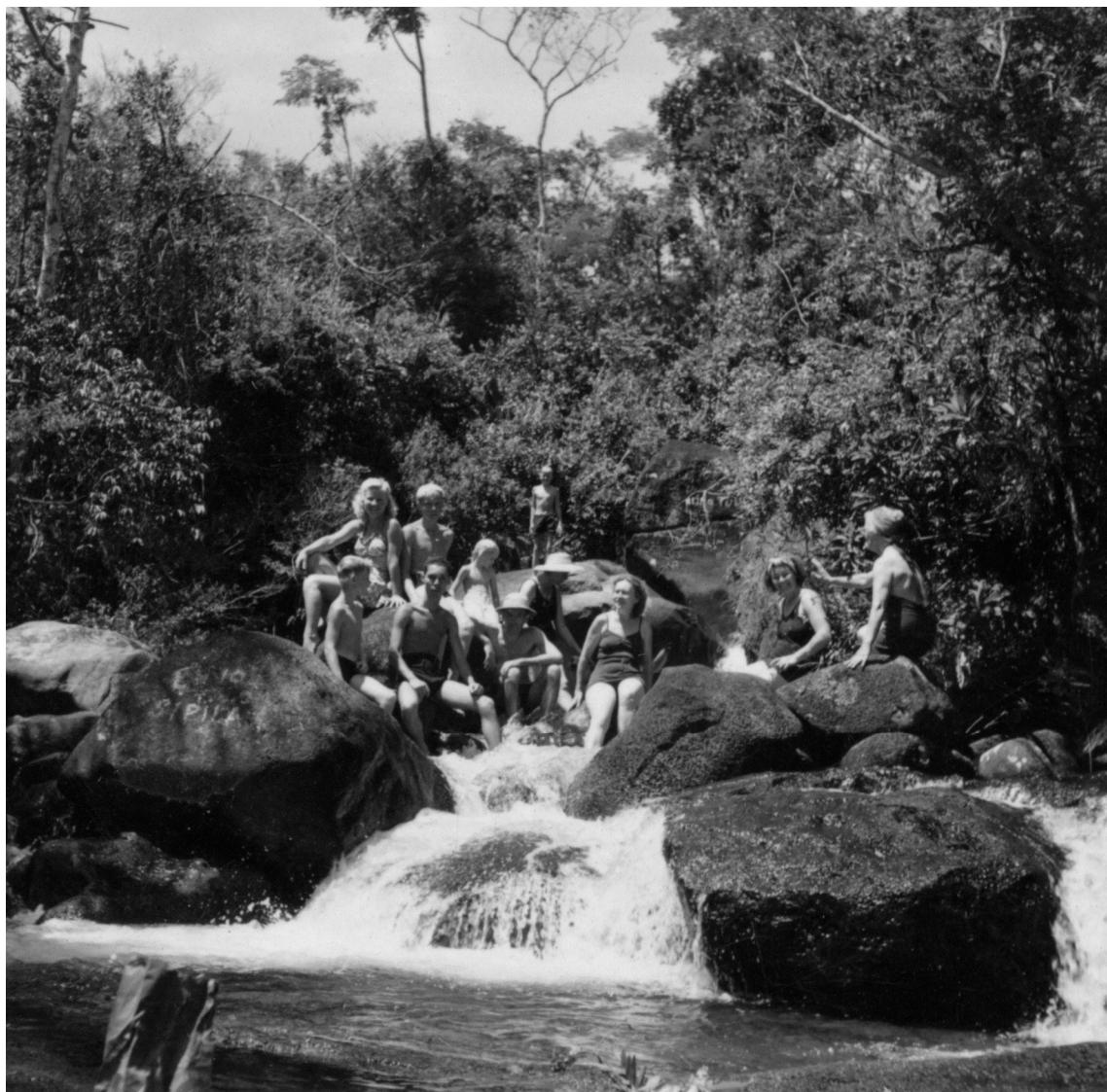
Um morro após o outro ficou na sombra e a escuridão venceu. Resolvi pernoitar no local, no meio da natureza. Construí um abrigo de galhos de árvores, acendi uma fogueirinha e comi a minha ceia. Acompanhei com o olhar a brasa morrer aos poucos até que a única luz era o brilho das estrelas e dos vagalumes. Entrei no meu abrigo e, enrolado nos cobertores, me senti como um pássaro no seu ninho, abrigado e seguro de todos os perigos. Senti o perfume das folhas tenras, ouvi o canto do riacho e a brisa no topo das árvores. Foi como uma canção de ninar, como a música que a minha mãe cantava ao lado do meu berço. O sono custa a chegar, tenho tantos pensamentos na minha mente. A natureza está silenciosa como quem está esperando algo. No arco do céu o Cruzeiro do Sul falando: “Tenha fé, pela cruz vai o caminho para a graça!”(HILDÉN, 1989:38).

Ele parece acreditar que, à diferença de sua terra natal, aqui facilmente produziria inúmeros gêneros agrícolas e usa a palavra “deslumbrado” para demonstrar como se sente frente à natureza de Penedo. Tais elementos; natureza, agricultura, fé e utopia, remetem ao projeto das lideranças, cujas pregações parecem ter influenciado cada um dos ali estabelecidos na busca por uma comunhão com o meio ambiente. Hildén é uma das que conta sobre sua chegada quando criança testemunhando a importância dada ao contato com a natureza:

[...] Alegrei-me cedo demais, pois logo descobri que Penedo não tinha laranjas nem outras frutas. Quando mamãe e papai chegaram, as malas foram abertas e procuramos os novos roupões de pano felpudo, maiôs e calções, e saímos para tomar banho no rio atrás da Casa Grande. Lá tinha um arvoredo bonito de mangueiras velhas e frondosas e um pouco de flores que os pioneiros já tinham plantado. Gostamos do Ribeirão das Pedras com sua água pura e refrescante (1989:35).

O relato de chegada evidencia que o ambiente e os elementos da natureza de Penedo, como as frutas e o rio, eram novidade para os migrantes. A presença do rio colaborou na adaptação dos que vinham de uma terra repleta de lagos, como a Finlândia. Sua família trouxera roupões felpudos e roupas de banho para o Brasil; ou seja, poderiam usufruir de

momentos de férias tropicais. A junção do estabelecimento de uma nova rotina e tarefas à fruição de momentos prazerosos denota que a tensão entre uma nova aventura e uma nova vida de trabalho estava presente no discurso dos recém-chegados. Hildén confirma que muitos finlandeses esperavam encontrar fartura de frutas, e sua família também se frustrou com sua raridade. Havia dificuldade em seguir a dieta baseada em frutas orientada por Uuskallio pela pouca oferta delas, por isso iniciou-se plantação de frutíferas em toda a fazenda. “No curral antigo já tinha o começo de uma horta bonita. Havia moças louras finlandesas trabalhando com a limpeza dos canteiros de tomate. Ofereceram-me uma fruta que comi e achei gostosa” (HILDÉN, 1989:35).



**Figura 13.** Banho de rio em Penedo. Fonte: Institute of Migration, Turku.

A menina parece ter adquirido uma ideia de Penedo, dos primórdios de uma “nova vida”, sendo confirmados pelas construções em curso: flores sendo plantadas e horta sendo cultivada como símbolos de uma comunidade que também para ela representava mudança e novidades.

Já falei como o Penedo foi escolhido, pela aparência. Havia sido uma fazenda de café. O café esgotou a terra e depois não deu mais nada, só capim

gordura. A terra era muito pobre e nada crescia. Além disso, entre nós havia poucos agricultores, a maioria era constituída por pessoas um tanto malucas. Se alguma planta vingava, apesar de tudo, as formigas cuidavam do resto. Na fazenda havia quatro ou cinco mangueiras e mesmo tanto de jabuticabeiras. E só. Capim gordura cobria os morros. Uma tristeza. Eu, particularmente, achei tudo lindo. Todos reclamaram da propaganda enganosa (AMPULA, 1996:15).

Ainda criança Eila cria um diálogo interno em contraposição ao que seria a opinião de todos e a sua própria, única pessoa a achar “tudo lindo” na fazenda. Essa colocação evidencia que ela não se engajava aos ideais de construção de colônia, pois mesmo quando afirma que “A terra era muito pobre e nada crescia. Além disso, entre nós havia poucos agricultores”, continua a considerar “tudo lindo”. Ou seja, enquanto o senso comum do projeto afirmava ser possível trabalhar a terra em Penedo e que os colonos o fariam, sendo esse o principal motivo para o estabelecimento, Ampula afirma que a terra não era tão fértil como se queria, e que os participantes eram “pessoas um tanto malucas”. Para demonstrar que as plantas não cresciam e ratificar o caráter inóspito da agricultura local, diz que mesmo quando, “apesar de tudo” – de todos os fatores agravantes e contrários –, alguma planta crescia, as formigas tratavam de comer o resto, ou seja, nada conseguia “vingar” nas terras de Penedo.

Nilo Valtonen é outro imigrante a relatar sua chegada, em 1932, em busca de reembolso do que seu pai havia entregado ao projeto. “[...] Eu tinha passaporte e a viagem estava projetada para coincidir com a volta do Uuskallio que tinha ido para a América do Norte pedir empréstimos aos finlandeses de primeira. Meu pai tinha emprestado a ele, agora queria de volta. [...] Para mim era ótimo a grande aventura” (VALTONEN, 1998:5). Os finlandeses estabelecidos nos Estados Unidos são citados como “finlandeses de primeira”, implicando que seriam mais ricos ou bem-sucedidos que os conterrâneos estabelecidos no Brasil, já que Uuskallio estava em busca de empréstimos. Resume também sua posição antagonista ao projeto coletivo de construção comunitária: “Para mim era ótimo a grande aventura”. Na sequencia de seu relato ele busca evidenciar as razões de se sentir excluído do “círculo central” da Colônia.

Nessa minha viagem, falhei totalmente. Fui buscar o dinheiro que meu pai tinha investido em Penedo. Sabendo disso, Uuskallio nunca me deu dinheiro, nem meus ordenados durante 8 anos, nem pagou os enxertos que formei para ele. Eu não fui vegetariano, não tratei a direção com consideração e disse a minha opinião, o que nem sempre foi perguntado. Por isso fui excluído e prejudicado (VALTONEN, 1998:3).

Sabe-se que Nilo viveu em Penedo até o fim da vida, portanto “falhar totalmente” é uma expressão que se aplica à tarefa de recuperar o dinheiro emprestado, pois Uuskallio não lhe pagou o devido, e era essa sua tarefa ao vir a Penedo. Entretanto, Helena Hildén afirma que ele aqui melhorou de vida, pois não tinha nada ao chegar e morreu tendo sua própria casa. Nilo considera não ser bem visto por não seguir os preceitos vegetarianos nem concordar, muitas vezes, com o que chama de “a direção” (as lideranças do projeto). Além disso, ele diz ter manifestado a sua opinião, “o que nem sempre foi perguntado”, ou seja, o fez, por vezes, de modo a causar constrangimentos. Entendemos que o ideal para as lideranças seria que colonos que seguissem as ordens e orientações dadas sem questionar ou opor-se, como dizia fazer Nilo, já que havia vindo a Penedo por outros motivos que não a adesão ao projeto.

“Para a mansão em ruínas, irmão Uuskallio trouxe a primeira turma de emigrantes. Ele telefonou do Rio, informando que a primeira leva de emigrantes chegaria na parte da manhã. Pediu para enviar um caminhão que ficou cheio de gente, pacotes e malas. Quando o

caminhão chegou em frente ao Sobrado, Ole gritou: – ‘Sejam bem-vindos ao manicômio!’” (VALTONEN, 1998:12). Ole confirma a heterogeneidade dos envolvidos, e os motivos singulares para vinda ao Brasil, que poderiam ser considerados pessoas loucas quando diz “sejam bem-vindos ao manicômio”. Ele, que havia se juntado ao grupo ainda em 1927, se torna amigo de Nilo e lhe conta anedotas sobre a procura da fazenda e de sua adesão ao grupo, segundo ele, fingindo ser vegetariano. A Nilo interessa demonstrar que Ole, integrante do grupo das lideranças desde a compra da fazenda, não comungava dos mesmos valores. Esse fato ajuda a corroborar a hipótese que Nilo defende de que muitos dos participantes não partilhavam dos ideais centrais de Penedo, pois comiam carne e bebiam álcool. Ele, que assume em seus relatos uma posição antagonista a Uuskallio, foi um dos únicos colonos, juntamente com Ampula, a editar um relato autobiográfico extenso, onde ironiza as práticas naturais e de saúde pregadas pelas lideranças.

Irmão Uuskallio curou catarro somente kuhnindo, catarro que ele pegou na Alemanha quando estudante e o pegou durante anos. Com jejum e kuhnindo ele ficou sadio. Toivo Suni estava no spa para tratar de catarro no estômago que ele adquiriu comendo carne de porco salgada. Ele criava os famosos Sakkolan leitões, cuja carne, no outono, era salgada para ser comida no inverno. Depois, se tornou vegetariano, mas sempre dizia que a carne de porco é a mais gostosa. Armas Fagerlund padeceu na mocidade em consequência de má nutrição que, mais tarde, resultou numa artrose e febre artrítica (VALTONEN, 1998:38).

O modo como alguns dos pioneiros dizem ter curado suas moléstias parece ter sido frequentando os sanatórios, onde praticavam *kuhnir* e vegetarianismo. Suni, apesar de ter se tornado vegetariano, segundo Nilo, continuava a considerar a carne de porco a mais gostosa, mais uma vez evidenciando as contradições presentes da crença naturalista ideal. “Ele se curou no spa de Maalin, onde também estavam os Toivos e Alkio. Todos eles pegaram febre dos trópicos. Alkio fundou uma colônia na ilha de Jamaica. Os Toivos e Armas vieram para o Brasil” (VALTONEN, 1998:39). Aqui, a razão para vinda aos trópicos é tida como algo a “se pegar”. Alkio e Uuskallio haviam se “contaminado” com a febre, o que os levou a fundar colônias tropicais. Alkio, já citado no primeiro capítulo, separou-se do grupo de Uuskallio e fundou uma colônia na República Dominicana, e não na Jamaica, como diz Nilo. Ao explicar tais curas realizadas através de práticas cuja eficácia não acredita, ele ironiza a prática do *kuhnir* e das crenças naturalistas. Segundo a teoria do *kuhnir*, toxinas impregnadas no corpo seriam eliminadas ao sentar-se no rio deixando a água correr nas nádegas. “Elementos estranhos são a causa de todas as doenças. Se não acreditarem, vão para o círculo de fora, como eu” (VALTONEN, 1998:2). Valtonen, por não acreditar nisso, diz ter sido excluído do grupo para o “círculo de fora”. Em seu relato é recorrente afirmar pertencer ao “círculo de fora”, bem como a referencia a Uuskallio como “irmão”, zombando das crenças espirituais nas quais se chamam os demais por “irmão” ou “irmã”.

Em relação à situação social brasileira, o desenvolvimento social de Penedo é distinto do ocorrido em outras colônias aqui estabelecidas. Os finlandeses não construíram igreja, pois Uuskallio pregava que cada um se desenvolvesse espiritualmente independente de religiões. Uuskallio pregava suas ideias somadas ou ratificadas por trechos da bíblia e por ideais anarquistas ou socialistas: “A Terra é Deus. Ela estava pronta antes de nós. O criador a vendeu a alguém? Naturalmente não. Nem deu direito de tomar posse” (UUSKALLIO apud VALTONEN, 1998:5).

Toivo acreditava que a terra pertencia a Deus, e por isso defendia que as escrituras da fazenda não deviam pertencer a ninguém, embora ele fosse o representante do grupo e, oficialmente, dono das terras. Suas falas denotam uma valorização da terra em detrimento do

que seria a construção de cidades e suas formações industriais. Em relação à saída da Finlândia, Helena Hildén (2013) relata o que ouviu de sua mãe, Eva Hildén, filha de Laura e Toivo Suni.

O Toivo Suni, meu avô, era fazendeiro, filho de fazendeiro. Plantava cereais, trigo, aveia, etc. E tinha umas vacas pra leite e coisas assim. Ele sempre viveu na terra e da terra.[...] Ele era um seguidor do Toivo Uuskallio. Minha mãe costumava dizer que ele era o único que acreditava nas histórias do Uuskallio. [...] Eles sabiam que ia haver outra guerra, conheciam a Rússia, e a Finlândia, então eles queriam sair, queriam estar longe.

Na Finlândia é comum a cultura de centeio e do trigo, sendo eles os principais ingredientes no fabrico de pão, evidenciando uma das lacunas alimentares dos colonos. Ao dizer que seu avô era o único a acreditar nos sonhos de Uuskallio, Helena aponta que nenhum dos outros colonos comungava dessas crenças naturalistas. Apesar disso, notamos em nossa revisão bibliográfica e nas entrevistas realizadas, que a valorização da terra e de uma vida simples, na qual se viva bem mas sem luxos, é recorrente tanto no discurso como na prática de vários dos pioneiros. Portanto, entendemos que, concordando ou não com os planos uuskallianos, muitos deles detinham seus próprios ideais e expectativas, em sua maioria divergentes de busca por ascensão social.



**Figura 14.** Banho de rio em Penedo II. Fonte: Institute of Migration, Turku.

“Depois do almoço havia um tempo de descanso de duas horas que muitos aproveitavam para ir até o ribeirão para tomar banhos de água e sol. O sol tropical não era muito gentil para a pele clara da gente da Europa do Norte, lembro-me que nós crianças estávamos sempre descascando a pele queimada da ponta do nariz” (HILDÉN, 1989:37). Os europeus do norte não eram adaptados a um sol tão forte, e o tempo de duas horas de descanso, que parece longo para os padrões sociais atuais, nos remete aos períodos pensados na *Utopia* de More, onde se unia o trabalho a uma vida prazerosa e de bem-estar, sem pressa

ou necessidade de produção exagerada. Em relação à influências socialistas e anarquistas na rotina de trabalho, Peltoniemi (2013) afirma:

Princípios socialistas eram presentes em todas as colônias utópicas finlandesas, o que também trouxe inúmeras dificuldades, pois as pessoas não trabalham da mesma forma, alguns mais, outros menos. Portanto, facilmente geraram-se disputas e discordâncias. Nesse sentido, Penedo era utópico, do meu ponto de vista, porque eles tinham tudo isso: um líder carismático<sup>87</sup> e a luta a fim de construir uma pequena sociedade em miniatura.

Ao retratar o que acredita ter sido a colônia utópica de Penedo, Peltoniemi retoma os princípios utópicos de construção de uma nova sociedade, e relembraria sua relação com outras colônias oriundas da Finlândia que buscaram novas conformações sociais. Sobre os participantes da colônia, Helena Hildén (2013) nos relatou que “status social muito elevado não havia. O Uuskallio era agrônomo, alguns outros tinham profissão. A minha vó era professora graduada em universidade, mas o meu avô não, tinha só o estudo fundamental na Finlândia, como vários. Todos sabiam ler e escrever, não tenho dúvida disso. Mas nível superior só alguns tinham, não muitos. A família Bertell também era muito erudita.”

Se não eram numerosos os bacharéis, isso não representava propriamente uma exceção pois os finlandeses eram considerados camponeses rudes em comparação a seus vizinhos suecos e russos. Viviam em geral do trabalho na terra e suas cidades desenvolveram-se mais tarde do que no restante da Europa. A família Bertell originalmente falava sueco, confirmado a hipótese de que os finlandeses de origem sueca eram mais educados do que aqueles que falavam o idioma finlandês, sendo o idioma utilizado nas universidades o sueco. Em Penedo, o idioma predominante era o finlandês, mas havia os que falavam os dois idiomas, como Raul Bertell, que falava sueco com seu pai e finlandês com sua mãe<sup>88</sup>. Os Bertell apoiaram o projeto colonizador desde muito cedo, e participaram antes da tentativa de empreendimento na França, a *Paradiso*.

[...] Usko Lindgreen discutia no salão de baixo, com os óculos brilhando, da influência do leite no povo e na cultura. Com ele discutia o filho do fabricante de lápides de granito, o Harry. Eles eram uma família numerosa: pai Matt, mãe Pia, os filhos Harry, Gotte e Ture e as filhas Ethel e Lillie. Diziam que a família era a grande investidora e que tinha dado ao irmão Uuskallio todo seu capital, 120.000 markas. Eles eram tudo ou nada. A Colônia nunca tinha tido uma família tão coesa, nas resoluções, pensamentos e ações. O representante era o filho mais velho, Harry (VALTONEN, 1998:37).

A família Bertell teve crucial importância no estabelecimento de Penedo, e mais tarde retirou seu investimento e comprou um terreno na região do Marechal Jardim, próximo à estação de trem. Nilo aponta a família como a mais coesa da colônia, e diz nunca ter havido outra igual, sendo o líder deles seu filho, Harry, muitas vezes citado em suas memórias.

Ao comentar sobre o livro escrito por Nilo Valtonen, Eeva Hohenthal (2013) indagou:

Eu acho que às vezes ele tinha tomado uns uísques, você não acha? Você acha que tudo ali é certo? Ah, mas ele escreveu num capítulo uma coisa,

<sup>87</sup> Max Weber aponta a dominação carismática como aquela em que os seguidores atestam a autoridade do líder em função de uma devoção afetiva (WEBER, 1991).

<sup>88</sup> Vários irmãos da família Bertell casaram-se com finlandesas radicadas em Penedo e passaram a utilizar os dois idiomas em casa, além do português na comunicação com brasileiros, e mais tarde, com os turistas.

depois no outro dia outra... Você não conheceu o Markkula, o violinista? Ele era magro e o Nilo diz que ele morreu gordo que nem uma bola, mas todo mundo sabe que ele era igual a um pau, uma tripa, ele tinha dó de comer, dó de lavar roupa, só punha a roupa no vento para ventilar.

Eeva pergunta se concordo com o conteúdo do livro, embora eu não tenha vivido na época da colônia, e tampouco ela, que chegou ainda bebê já em fins dos anos 30. Ela esclarece que perguntou a seu marido, Raul Bertell, e que confirmou que todos sabiam que o Markkula era um sujeito magro, e bastante avarento. Entende que, sendo avarento, não havia possibilidade de ser gordo, já que não consumia tanta comida. Notamos que as narrativas em torno dos acontecimentos gradualmente constroem mitos que seguem sendo problematizados durante os anos vindouros, e também pelos finlandeses que chegaram mais tarde, herdeiros de um contexto já estabelecido por certas contingências que moldaram as interações da comunidade a partir de 1929.

Também Anneli (2013), que chegou a Penedo nos anos 50, disse não ter gostado do livro de Nilo por ter espalhado certa discórdia entre os finlandeses. Neste livro, cuja escrita Hohenthal acredita ter sido acompanhada por algumas doses de uísque, estão algumas das histórias que os descendentes seguem ainda hoje reproduzindo. Em nossa conversa, Eeva me contou que durante a colônia algumas pessoas foram comer batata com manteiga escondidos na cachoeira, como se fosse um banquete. Esse acontecimento é narrado no livro por Valtonen, e pode ser daí que ela retirou o episódio e passou a recontá-lo. Ou seja, ao mesmo tempo em que critica o livro e diz que é confuso por cada hora dizer uma coisa, Eeva retira dele parte do conhecimento que tem sobre os primórdios da colônia. Conforme reproduzem-se noções e estereótipos nos relatos dos descendentes, certos episódios são mitificados, sendo o mito uma linguagem capaz de unir significado e signo: sua forma já expressa seu conteúdo, inerente a ela (BARTHES, 1971). Assim, entendemos que alguns dos temas recorrentes sobre a colônia são o substrato com que se constrói, em memória, sua própria materialidade.

### 3.2 Dos Alimentos para Corpo e Alma

A recriação da identidade étnica finlandesa em Penedo parte de representações culturais que têm em comum um *ethos*<sup>89</sup> finlandês, ali em diferente contexto natural e cultural. Este grupo migrante pode ser tomado como mais aberto que outros, em geral, pela evidente heterogeneidade de seus componentes – ainda que partilhassem um mesmo *habitus* – e pela proposta a qual puderam aderir, compreendida pela elaboração de novos modos de reprodução social consolidados a partir de práticas consideradas mais saudáveis e de premissas utópicas concebidas pelas lideranças. Em Penedo, Uuskallio incentivava caminhadas pela montanha, banhos de ar e de sol, sauna, *kuhnir* e exercícios respiratórios. Essa busca pela criação de novas práticas evidencia liberdade no processo de fazer-se indivíduo e de re-conformação de uma identidade étnica diferenciada.

Cada evento é experienciado de forma única em cada sociedade (BARTH, 2000), e em Penedo a questão alimentar e de saúde adquiriu status privilegiado, sendo as discussões sobre isso recorrentes. A construção do modo de nutrição ideal, relacionado a crenças espirituais a fim de moldar uma vida em harmonia na natureza conjuga principalmente tais elementos – alimentação e espiritualidade – é uma constante nos relatos que tratam de convergências ou divergências sociais.

<sup>89</sup> Para Bourdieu (1992), o *ethos* é um dos componentes que conformam o *habitus* do indivíduo. Ele se refere a valores interiorizados que guiam a conduta, e, juntamente com a *hexis* – que se relaciona à sua linguagem corporal – revelam as singularidades sociais do indivíduo e da classe a que pertence.

[...] Usko Lindgreen tingia fios na fábrica de Tampella. Não se sabia como ele entrou na colônia, pois ele não excluía o leite como alimento do homem. Era vegetariano, mas bebia leite, comia queijo e ovos. Vegetariano convicto vê com espanto os que comem fetos de galinha. Não existiam ovos na Colônia e quem aceitasse comer ovos cometia uma ofensa. (...) Estava certo para todos que as crianças têm que mamar a terça parte de seu crescimento. Irmão Uuskallio defendia a teoria de que todos os mamíferos devem fazer isso (VALTONEN, 1998:35).

As crenças variavam, sendo Nilo um não vegetariano, Usko tampouco o era pois consumia produtos de origem animal, o que ia contra os preceitos de Uuskallio, para quem leite e ovos eram prejudiciais, mas ainda sim Usko pertencia ao grupo, e Nilo se pergunta o porquê, já que não seguia as normas como deveria. Muita vezes Nilo aponta que esse pertencimento se dava devido ao capital econômico do colono, como com a família Bertell, de quem Uuskallio tolerava mais críticas por serem acionistas importantes do projeto (VALTONEN, 1998). Se comer leite e ovos era “uma ofensa”, entendemos que mais do que crenças espirituais o padrão comportamental adequado seria elemento determinante no tocante aos “escolhidos do senhor”. Embora para Uuskallio o comportamento do homem se explicasse pela orientação espiritual, vide os preceitos bíblicos. “A nutrição do homem não é coisa de credo ou crença. A alma não precisa de comida, mas o corpo precisa. O que é isto? Na Bíblia, quase no começo do livro de Moisés, diz: “Dou todas as ervas onde há sementes em cima da terra e todas as árvores onde há semente para vossa comida.” Será preciso comer carne? Naturalmente que não!” (UUSKALLIO *apud* VALTONEN, 1998:33-34).

A nutrição do homem parece estar em estreita relação com a possibilidade de entendimento do mundo e das instâncias superiores, ou espirituais. Ele usa trechos da bíblia para interpretar o vegetarianismo e argumenta que uma má interpretação da bíblia poderia induzir ao entendimento de se consumir produtos animais. Da mesma forma, a posição dos diversos agentes nos relatos sobre a colônia parece relacionar-se com normas e preceitos de saúde, representados aqui pelos alimentos. Paralelamente aos dogmas pregados por Toivo, alguns dos colonos elaboravam suas próprias crenças e defendiam teorias sobre como manejar corretamente os alimentos.

Um naturalista inveterado não se conformava em comer na sala escura, levava seu prato para fora para comer uma refeição mais valiosa porque achava que os raios do sol aumentavam o conteúdo de vitaminas na comida. Talvez tivesse razão porque há algumas semanas atrás li um artigo sobre ele numa revista finlandesa. Tem atualmente 102 anos e se encontra em ótimas condições físicas e mentais. (HILDÉN, 1989:36).

Dessa forma, não eram somente as lideranças que abordavam a questão nutritiva. A colônia era composta por indivíduos cujas crenças variadas abordavam a energia do sol, a fonte de fibras e os benefícios da gordura do coco no lugar da gordura animal, por exemplo, como questões pertinentes e que permeavam o cotidiano.

Na Colônia comiam *tortilla*, mas era sem gosto. Não sabiam condimentá-la. O gorgulho foi o maior estrago do milho. O resto que sobrava era só casca dura. [...] Não era de espantar que os habitantes não estavam satisfeitos com a alimentação e com as moléstias. No começo, todos procuravam a comida que tinha mais vitaminas. Assim, comiam arroz descascado pela metade: com muita casca vermelha e alguns com a casca inteira que era bastante saudável (VALTONEN, 1998:51).

Segundo Nilo muitos dos imigrantes estavam insatisfeitos, já que na colônia os alimentos eram escassos ou não tinham qualidade, como o milho, cuja espiga era comida por dentro pelo gorgulho. Segundo ele, os colonos procuravam alimentar-se bem, consumindo o arroz ainda com casca, integral, considerado mais nutritivo. A posição de Nilo parece não variar em relação ao fracasso da colônia e ao descontentamento geral dos colonos. Ele prossegue:

A bananeira dá cachos depois de quinze meses de plantio. Já na Finlândia, irmão Uuskallio explicava como a banana dá em grandes safras, chegando a 50 toneladas por hectare. Agora ele viu que havia necessidade urgente de produzir frutas para uma centena de pessoas, com a vantagem da produção de banana ser rápida e generosa. [...] Depois de colherem até demais e não conseguirem comer tudo, nem podiam vender, eles resolveram secá-las: fizeram bananas-passa. Por isso, irmão Uuskallio resolveu construir o forno para secar as bananas. Para dirigir o serviço, nomeou Harry Bertell que era o mais falante. [...] Quando receberam a primeira fornada de bananas secas, mandaram uma parte para a Finlândia, onde os amigos as degustaram com nostalgia. Para a segunda fornada não havia mais bananas (VALTONEN, 1998:35).

Nilo chama ironicamente Uuskallio de “irmão”, como se isso lhe legitimasse mais poder e o incluísse numa comunhão religiosa. Fala também como se ele fosse o único a decidir quais seriam as atividades econômicas do grupo, como calculava a safra e perseguia a ideia de uma produção em grande escala. Evidencia que os planos já não se realizavam como esperado quando para a segunda leva de bananas secas não havia frutos a serem colhidos.



**Figura 15.** A casa e o cacho de banana, Penedo.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

A banana foi um dos alimentos mais consumidos em Penedo por sua rapidez e pela facilidade com que se reproduziu em um clima úmido. O consumo de frutas, como já visto, era um dos pilares da crença uuskalliana, e o abacate era a principal delas para Uuskallio: “E o abacate? Tem 30 por cento de gordura. Esta sim é uma fruta nutritiva. Cem árvores por hectare. Cem mil quilos de frutas da melhor qualidade” (UUSKALLIO *apud* VALTONEN, 1998:24). Aqui, vê-se que, bastante entusiasmado com os benefícios do abacate, ele contabilizava o plantio, calculando quantas árvores por hectare e quantas mil frutas seriam resultado dessa plantação. Uuskallio conjecturava sobre os resultados a serem obtidos no futuro, que demandariam uma intensa rotina de trabalho, ao mesmo tempo em que pregava valores próximos dos anarquistas, segundo os quais cada um dos colonos faria o que pudesse, sem cobranças em relação à jornada de trabalho.

Nilo ironiza sua expectativa de que cada um trabalhasse “conforme sua consciência”: “Como estavam vivendo em comunidade ideal, o irmão Uuskallio experimentou um trabalho conforme a consciência. Se alguém estava indisposto naquele dia, não se podia esperar que fizesse muito. No dia seguinte, poderia fazer mais e assim recompensar a perda do dia anterior” (VALTONEN, 1998:36). Esta afirmação apresenta as múltiplas facetas do líder, tido como exigente e controlador, mas também defensor da harmonia de uma comunidade ideal. Em nome da construção coletiva, Uuskallio entendia que certas interações deveriam funcionar por si próprias, evidenciando sua personalidade complexa. Tal fala evidencia a importância da questão comportamental para o projeto. Numa observação bastante pertinente, Melkas afirma que “apesar dos anseios dos fundadores, só uma minoria dos colonos era ideologicamente motivada e em sua maioria os fatores motivacionais entre eles eram muito diferentes. As ideias de Uuskallio não foram totalmente realizadas na Fazenda Penedo, devido, entre outros motivos, à escolha da locação da colônia, aos imigrantes e finalmente, ao próprio Toivo Uuskallio” (1999:283).

Ao nos depararmos com diferentes disputas entre os imigrantes, entendemos que suas expectativas divergiam frente ao processo de elaboração social de Penedo. Por outro lado, frente aos brasileiros os imigrantes de Penedo representavam um grupo denominado “finlandeses”, e tido como coeso, todos eles habituados à sauna e ao banho de rio nu. Relatos do cotidiano da colônia e de sua composição territorial e geográfica em geral conjugam práticas sociais a questões alimentícias. A descrição das gorduras varia entre banha de porco e gordura de coco, essa última Eeva Hohenthal (2013) diz que era “sem gosto”, e fala de como era quando “Uuskallio mandava”: “Os que vieram alguns eram vegetarianos mas a maior parte não era, só que era obrigado ser, porque não tinha carnes nem comidas boas aqui. Enquanto o Uuskallio mandava, só tinha aquelas sopas de legumes que eles plantavam e banana. Só tinha uns pés de jabuticaba lá antigos e umas bananeiras e umas mangueiras lá perto da Casa Grande, não tinha essas árvores que tem hoje.”

Também Hildén narra o momento de refeição:

Na hora do almoço todos se reuniam outra vez ao redor das longas mesas do refeitório. As donas de casa tinham de pensar bastante para inventar o que preparar para comer. Era uma comunidade vegetariana e naturista, portanto nada de carne, leite ou ovos nas refeições. Nos primeiros tempos não havia outras frutas além de mangas ou jabuticabas nas suas estações. O almoço consistia de feijão e arroz, pão de fubá, verduras e legumes. A sobremesa muitas vezes era amendoins ao natural. Às vezes alguma cozinheira com imaginação imitava uma sobremesa finlandesa com frutos de uma palmeira e farinha de mandioca. A bebida nas refeições era água pura (1989:36/37).

A forma como explica não haver carne, leite ou ovos é curiosa, pois o argumento é de que Penedo seria uma colônia naturista e vegetariana, ponto de vista diferente de Eeva e Nilo,

que consideravam que a maioria não era de fato vegetariana. A lógica de Hildén não supõe que determinadas ações desencadeiem um resultado “naturista” ou “vegetariano”, mas sim que, no intuito de configurar-se enquanto “naturista” e “vegetariano”, fossem necessárias determinadas práticas, como a exclusão de alguns tipos de alimentos. Ela relata que as “doras de casa” criavam pratos a partir da escassez de produtos, e não os homens. Elas recriavam também pratos finlandeses utilizando o que se encontrava ali na natureza, como o palmito. A farinha de mandioca foi inserida no cotidiano dos finlandeses de Penedo, bem como as frutas tropicais. Tal constatação evidencia que além do contato com diferente cultura, a natureza em Penedo também se diferenciava do que era a natureza na Finlândia. Portanto, a mudança de contexto era profunda.

Os finlandeses que vinham pela primeira vez ao Brasil sentiam falta de batatas, mesmo os vegetarianos, pois era a base de sua alimentação. As verduras comiam como vinham da natureza. Alface era cabeça de alface mesmo, sem óleo, limão ou outro tempero qualquer. O único condimento era a fome bruta. E a comida era sempre a mesma, sem gosto. Uns queriam melhorar. Pegavam as folhas de couve, punham em cima açúcar mascavo e enrolavam como charuto. Mordiam a cabeça do charuto e trituravam tudo como cavalo. Às vezes, à noite, havia sopa, servida nos mesmos pratos esmaltados. (VALTONEN, 1998:7/8).

Elementos que parecem recorrentes da alimentação em Penedo são arroz, feijão, e verduras, provavelmente novos para os finlandeses, cujos vegetais diferem dos tropicais. As carnes e a batata, comum aos finlandeses, aqui não faziam parte da dieta. Entendemos que mesmo os que se propunham a seguir uma dieta vegetariana podiam não ter sido vegetarianos na Finlândia, onde comiam leite, carne e ovos, mas dispuseram-se a estabelecer novos hábitos no Brasil quando da colonização.

A forma com que Nilo se expressa denota a sua pouca aderência às práticas naturalistas, pois os fatores negativos em seu discurso são inúmeros: “a comida era sempre a mesma”, para o alface não havia “um tempero qualquer”. Se “o único condimento era a fome bruta”, ele evidencia as dificuldades por que passavam os colonos de Penedo e a mudança na dieta em relação ao que consumiam na Finlândia. “No ano de 29, colheu-se muita jabuticaba. Para não desperdiçar, cozinhava-se o suco com açúcar e guardava-se em latas de querosene. Este suco fermentava, usava-se para fazer uma sobremesa. [...] As mulheres, na cozinha, se esforçavam para melhorar a nossa comida, mas era difícil. Não havia ingredientes” (AMPULA, 1996:37).

A dificuldade na cozinha, devido à escassez de ingredientes, era um desafio para as mulheres, responsáveis pela alimentação, que exerceu um papel fundamental no âmbito da decisão de manter-se em Penedo ou retornar à origem. Ao reconfigurar algumas de suas práticas a partir de novos elementos, notamos que a fronteira étnica tende a canalizar a vida social (BARTH, 2000), pois frente às inúmeras novidades encontradas nos trópicos, as possibilidades de conformação das práticas ainda se originam do que integra as fronteiras de um grupo étnico, do que já é conhecido mesmo que renovado, como sobremesas feitas com jabuticaba ou pratos adaptados com palmito.

Em relação ao árduo trabalho das mulheres, Eila relata, falando de sua mãe: “ela trabalhou, e muito, me lembro que depois de um dia de serviço na lavanderia, ela chegou no quarto, fez café no fogareiro a álcool, às escondidas, botou na xícara metade de café e metade de pinga. E tomou aquilo. Só depois tinha força para falar. Tinha lavado 70 lençóis no tanque” (1996:7). Em síntese, as mulheres finlandesas cuidavam das hortas, das refeições e das atividades caseiras. O consumo de álcool e café funcionou como remédio para a mãe de Eila, depois de tanto trabalho. Entendemos que apesar da proibição de consumo, os colonos

em seus relatos geralmente não condenam o café<sup>90</sup> ou o álcool. Pelo contrário, muito se ouve dos que iam a Resende ou escondiam-se no mato para tomar doses alcoólicas.



**Figura 16.** Lavando roupa em Penedo, à direita Liisa Uuskallio.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

Em oposição à liderança de Uuskallio, Liisa é aqui citada por Eila: “Dela, eu tenho a dizer que não foi só a dona da fazenda, e, sim, como uma mãe para todos nós. Ela era, e é, muito respeitada. Como eu já escrevi, está com 95 anos, cabeça boa, interessada em tudo, até em política. É gente” (AMPULA, 1996:19). Desse modo, se Uuskallio exerce o papel de agente político mobilizador do projeto, Liisa é considerada, principalmente pelas mulheres, como a real administradora e líder da colônia.

### **3.3 Finlandeses nos Trópicos: Impressões e Representações das Diferentes Narrativas**

As histórias que os indivíduos criam para si no âmbito da experiência na Colônia Penedo estão relacionadas às expectativas de uma descoberta de outras possibilidades de vida, principalmente relativas à maior facilidade de estar ao ar livre. Tais narrativas se relacionam à estrutura societária que fora criada a partir do estabelecimento na fazenda e à manutenção de fronteiras étnicas presentes nas relações de poder e nos processos de controle inerentes ao grupo. Dessa maneira, os anseios dos imigrantes no sentido de estabelecer um modo de vida diferenciado permeia os discursos e as auto-narrativas criadas, que gradativamente vão sendo reforçadas, frustradas, contrapostas e reconfiguradas nos trópicos. “O rapaz mais jovem do grupo escreveu para os amigos na Finlândia: É formidável viver neste país tropical e

<sup>90</sup> Ainda hoje os finlandeses são conhecidos exímios bebedores de álcool, e são o país que mais consome café no mundo. Talvez o clima intensamente frio explique o motivo desse alto consumo.

maravilhoso. Trabalho com gosto. Respiro ar puro, ouço o canto dos pássaros, admiro os minúsculos beija-flores. Sinto-me o mais feliz do mundo! Quando penso que vocês também um dia chegarão aqui, grito de alegria. Nada nos falta” (HILDÉN, 1989:23).

Reflexos do discurso utópico dominante se fazem presentes de modos variados nas memórias e falas daqueles que ali estiveram. Essas narrativas de si se localizam de diferentes formas em relação aos ideais da colônia, em função da ênfase que o autor/narrador coloca na exaltação de si mesmo, no auto questionamento ou na reconstituição de uma memória coletiva (KLINGER, 2012). Os relatos por nós utilizados se inscrevem, portanto, na urdidura social conformadora da comunidade de imigrantes, e respondem de modo variado ao projeto uuskalliano, da mesma forma com que se relacionam, cada um a sua maneira, com a multiplicidade de atores constituinte da colônia e sua conformação enquanto grupo étnico oriundo do mesmo território, a Finlândia, então recentemente tornada um país independente.

Em parte para garantir a fundação da colônia, muitas propagandas foram feitas na Finlândia. Nestas, além dos aspectos ideológicos, eles enfatizavam a rentabilidade econômica. O canal principal era o *Tyokansa*, jornal do movimento socialista cristão de Tampere. Seu repórter era um pastor, H.D. Pennanen, que fora escolhido para propagandear a Fazenda Penedo na Finlândia. A Colônia finlandesa da Fazenda Penedo também atraiu bastante atenção nos jornais finlandeses em geral durante seu período de fundação, em 1929 (MELKAS, 1999:283).

Eila Ampula veio a Penedo ainda criança acompanhando seus pais, os Lehtola, que seguiram os anúncios sobre a colônia nos jornais finlandeses, e eram de Tampere, local sede do jornal *Tyokansa*.

Havia um casal finlandês, Toivo e Liisa Uuskallio, perambulando pelo Brasil, à procura de uma terra para fundar uma Colônia. Onde as pessoas viveriam de acordo com as leis da natureza, pouco se lizando para as leis dos homens. Vida simples, trabalhando na lavoura, só comendo o que a terra produzisse, pouca roupa, hábitos saudáveis, alimentação vegetariana, muita meditação, etc, etc. Estas ideias eram mais da cabeça dele. Ela era uma pessoa normal [...] (AMPULA, 1996:9).

Quando fala sobre “as leis da natureza” e “as leis dos homens”, ela evidencia o antagonismo entre os ideais do projeto e aqueles em voga na sociedade de então, diferentes dos princípios anarquistas e igualitários perseguidos em Penedo. Ao comentar o que considera a síntese das normas e crenças da comunidade, conclui que Toivo não era uma pessoa normal, diferentemente de sua esposa. Liisa, além de dona de casa, era uma espécie de enfermeira, que cuidava dos problemas de saúde dos colonos. Sobre ela, Anja Uuskallio (2013) nos relatou que “Era o coração de Penedo, e tinha habilidades médicas também, cuidava de todos. De fato, ela não tinha uma herança careliana, mas ela amava Toimela e minha avó. Quando a vimos, notamos esse sentimento de amor. Ela era uma ótima cantora e pintora. Quando eles estavam indo mal economicamente, Liisa pintou e vendeu seus quadros.”

Um dos traumas dos que viveram a guerra civil finlandesa foi a perda do território da Carelia para a Rússia, e o valor atribuído a origem careliana é exposto acima por Anja. Ambos os Toivos, Uuskallio e Suni, eram originários dessa região, e conforme nos contou Anja, os indivíduos carelianos tendiam a ser bastante generosos com suas famílias (entendemos que também pelos traumas bélicos) e a sentir profundamente a falta de seu território, onde em geral cultivavam a terra, de onde foram expulsos como pagamento de guerra à Rússia. Apesar de não ter sido oficialmente artista, Liisa pintava bem. Os dotes

artísticos de muitos dos colonos de Penedo é evidente, muitos imigrantes tocavam algum instrumento, cantavam ou eram praticantes de modalidades esportivas. Toivo Suni foi um dos pintores de maior prestígio de Penedo, bem como Eila Ampula, que tornou-se pintora e mais tarde tapeceira. Ela relata suas impressões de Penedo:

Já foram escritos alguns livros sobre Penedo. O livro de Eva Hildén: “Jälkeeme kukkanmaa”, “Depois de nós, a terra florida”, não teve boa aceitação entre nós. Ninguém gostou. Dona Liisa ficou ofendida pela maneira como foi tratada no livro. Niilo Valtonen também escreveu um livro, sem graça. Muita estatística, latitudes, longitudes, altitudes, distâncias, etc. A quem essas coisas podem interessar? Como eu já disse no começo da história, há muitos pontos de vista. O meu, naturalmente, é o mais correto. (AMPULA, 1996:59).

A figura de Eila tornou-se conhecida pelo uso da ironia e pelas piadas; alguns a consideravam uma pessoa grosseira, o que demonstra que suas opiniões muitas vezes não condiziam com o que o senso comum e as normas sociais, partilhados pelo grupo penedense, ditava. Curioso que ela possa afirmar que o livro de Eva Hildén “não teve boa aceitação entre nós”, “ninguém gostou”, ou seja, assume como coletiva uma opinião mesmo quando vê-se que os colonos divergem em variadas instâncias. Da mesma forma, diz que o livro de Nilo é sem graça, pois parece crer que suas narrativas são mais engraçadas do que as dele. Entendemos que, especialmente por criar polêmicas inerentes ao tecido social, suas impressões expressem a conjuntura não perfeitamente integrada e as trajetórias por vezes conflituosas, cujos interesses são diversos, nem sempre expressos em entrevistas<sup>91</sup>. “O dinheiro emprestado ao fundador foi entregue logo na chegada. Mas escondemos alguma coisa para os pequenos gastos pessoais. Fomos avisados que, por medida de segurança, não devíamos ter dinheiro embaixo do colchão e sim guardar no cofre. Logo notamos que o cofre estava sempre vazio.” (AMPULA, 1996:14).

A figura de Uuskallio funcionava como o líder carismático que recebeu o dinheiro dos colonos e também era quem dizia o que era possível de comprar ou o que a colônia proveria aos estabelecidos. Durante o processo produtivo, Nilo retrata o surgimento de conflitos entre os que trabalhavam mais ou menos, e ainda aqueles que preferiam voltar para Finlândia. “A vida no Penedo era boa, do meu ponto de vista. Trabalhava-se muito, não eu, os homens na lavoura, que não deu em nada e construindo casas para as famílias que não gostaram em viver na comunidade da Casa Grande, antiga sede da fazenda. As mulheres, na cozinha, na lavanderia ou na horta. Uma semana em cada serviço.” (AMPULA, 1996:17).

A divisão do trabalho era feita de modo que os homens se dedicavam à lavoura de cítricos e ao trabalho de construção, e as mulheres fizessem o serviço de casa, lavanderia e cozinha, além de cuidar da horta. Eila indica que algumas famílias não estavam satisfeitas com a vida coletiva e por isso se construíam casas individuais. Sua posição, apesar de valorizar o cotidiano no Brasil, se localizava em geral em oposição à ideologia uuskalliana.

Quando soube que, na horta, as mulheres trabalhavam nuas, aquela ideia primitiva de voltar à natureza, eu me juntei à turma. Todas nuas, só de chapéu de palha, sentadas em banquinhos, menores que as traseiras, catando ervas daninhas. O quadro era hilariante, pela primeira vez tive vontade de pintar, aquela cena era ridícula. Mas essa farra logo acabou, por causa dos insetos, formigas, moscas, mutucas e pernilongos, que perturbavam bastante.

<sup>91</sup> É comum que os entrevistados não queiram falar sobre temas polêmicos, como o próprio Toivo Uuskallio ou conflitos que tenham ocorrido entre os migrantes, tal fim de evitar futuros conflitos e para manter a noção de coesão social e comunidade finlandesa de uma forma mais integrada.

A volta à natureza, neste aspecto, não deu certo. Aliás, não deu certo em aspecto nenhum (AMPULA, 1996:17).

O testemunho de que as mulheres trabalharam nuas na horta é até hoje discutido. Anja Uuskallio (2013) relatou que seu tio, Toivo, nunca teria permitido a prática nudista, embora em seu livro tenha condenado as vestimentas em ambiente tropical, onde acreditava que a pele deveria respirar. Hohenthal (2013), cuja família chegou a Penedo no período final da Colônia, em 1937, em relação ao fato, comenta:

A Eila também gostou sempre de falar do jeito dela, nada às vezes estava bom. Ela era assim meio diferente. Mas o trabalho pelado na horta foi verdade, um dia ou dois, mas depois não deu, porque havia mosquitos, pernilongos, carrapatos, só tinha um chapéu grande. Acho que foi um dia só, porque tinha um pra tomar conta das cobras que ficou só olhando elas. No dia seguinte ficou todo mundo de manga comprida, e o cara que olhava as cobras era trabalhador brasileiro, com um pau pra pegar as cobras [...].

Eeva sugere que Eila tem o seu jeito próprio de narrar os acontecimentos, embora confirme a veracidade do trabalho nu na horta, cujos rumores a sobrinha de Toivo<sup>92</sup> trata de negar (embora não tenha participado da colônia), argumentando que seu tio era homem defensor dos bons costumes.

Em relação aos sanatórios<sup>93</sup> finlandeses e à prática do *kuhnir*, Valtonen atribui sua opinião negativa como decisiva para ter sido excluído do eixo social central. “Alguns não acreditavam que só existia uma doença e que as outras eram amostras dela. Muitos riem desta teoria e não acreditavam no tratamento. Entre eles, eu estava incluído. Por isso fui expulso do círculo central e fiquei no ostracismo e sem certas vantagens como receber dinheiro, trabalhar no serviço mais leve, etc [...]” (VALTONEN, 1998:39). Ao explicar sua não inclusão no “círculo central”, evidencia o quanto a saúde, a alimentação e as normas de conduta eram caros ao projeto de Penedo e atuavam de modo a oferecer vantagens ou desvantagens segundo a crença de cada sujeito. As normas comportamentais aparecem como as mais valorizadas pelos líderes, portanto carregadas de sentido no que se idealizou como estabelecimento tropical, apesar do elemento espiritual percorrer o discurso das lideranças.

“Ah, sempre tem intrigas, né? Um acha uma coisa, outro acha outra. Se tem três pessoas então, cada um acha uma coisa. É das pessoas mesmo, os sistemáticos... e vinham uns meio malucos, procurando ouro, ou para ficar no paraíso, debaixo da palmeira, tomando água, cerveja ou alguma coisa fresca, né?”. Diferentes anseios eram presentes nos que escolhiam estabelecer-se na colônia, segundo Hohenthal (2013), para quem muitos pensavam que não despenderiam muito esforço para viver nos trópicos, já que havia “sombra e água fresca”. Ela reforça a noção de que enquanto alguns trabalhavam arduamente, outros não faziam tanto, parecendo acreditar que a viagem ao Brasil os traria tranquilidade e abundância, diferente do que propunham as lideranças.

Os finlandeses têm essa dificuldade, são muito independentes. Então para formar uma sociedade, eu acho que eles têm dificuldade. Como o Uuskallio era muito adiante, e às vezes difícil de entender, isso aí foi uma causa. Me chama atenção que o nome dele foi bem apropriado pro que aconteceu aqui, porque Toivo Uuskallio traduzido ao pé da letra significa esperança novo penedo. Toivo é esperança, uusi é novo e kallio é rocha, que é penedo.

<sup>92</sup> Em sua fala, entendemos que ele é tido como o líder, ou quase como dono do lugar por seus familiares finlandeses.

<sup>93</sup> Como eram chamados as casas de tratamento de saúde (espécies de spas da época) comuns na Finlândia.

Aqui Raul (2013) relata o que considera ter sido um dos entraves à perpetuação do projeto coletivo: as ideias de Toivo eram avançadas para a época, ele próprio sendo um sujeito *avant-garde* em relação às noções de saúde, em paralelo com uma busca por um modo de produção que não destrua os recursos naturais, o que hoje é visto como uma postura “sustentável”. Se, conforme Raul, o camponês finlandês é independente e prefere ser proprietário de sua terra, o planejamento coletivo fundiário não receberia tão facilmente um engajamento incondicional dos imigrantes em Penedo.

No dia 9 de dezembro de 1929 um grupo de mais ou menos vinte pessoas estava reunido em frente à porta principal da Casa Grande. Estava começando a sua viagem de volta para a Finlândia. Mamãe, papai, Paavo e eu estávamos entre eles. A despedida foi triste e comovente. Quando os viajantes começaram a sua caminhada para a estação de Marechal Jardim, o coro entoou “O Hino de Penedo”:

Cante, ó peregrino do sertão,  
Cante, ainda que o seu caminho seja de sombras.  
Cante, ainda que sua trilha seja estreitíssima!  
Cante, ó viajante solitário,  
Cante, cante, o Senhor o está guiando  
E responde às suas aflições.  
Cante, ainda que na noite escura dos pesares,  
No meio da noite lhe soa suavemente o belo kantele.  
Cante, ó viajante do sertão,  
Cante em glória ao Rei  
Que lhe deu vontade de cantar.  
Cante, cante até que alcance a terra de canto e música!  
Nessa terra que lhe cantarão os coros dos anjos.  
(HILDÉN, 1989:46).

Eva relata a primeira volta de sua família à Finlândia, de onde retornaram diversas vezes, já que seu pai, Toivo Suni, era um dos principais seguidores de Penedo, cuja casa tinha inscrito *Kesämaja* (vila de verão) nos arcos da varanda. O hino de Penedo entoado por eles demonstra as expectativas da nova terra, onde “anjos lhe cantarão”. Apesar de trecho em que afirmam “o Senhor os estar guiando”, parte dos imigrantes retorna à Finlândia ainda em 1929.

“Vida dura, idealismo desapareceu. Ninguém tinha dinheiro, ou quem tinha, ficava quieto” (VALTONEN, 1998:6). Dos que vieram a Penedo, alguns se viram frustrados frente à construção da colônia, enquanto outros mantiveram-se em Penedo com afinco mesmo frente à falta de dinheiro e à fraca alimentação. Os conflitos em relação às diferentes determinações de trabalho coletivo são expressos em geral de modo a criar dois grupos, os otimistas e os pessimistas. O trabalho duro e as dificuldades econômicas provavelmente contribuíram para a insatisfação de muitos colonos. Os conflitos somados ao controle social por Uuskallio parecem ter se iniciado já na chegada dos colonos.

[...] No fim do tempo seco, a terra ficou seca e dura. Os mais preguiçosos não conseguiram completar a tarefa. Uns conversavam aqui, outros acolá em voz baixa. Quem é Nykanen que quer trabalhar com afinco? Parecia que ele queria fazer todo o trabalho sozinho. Mas a conversa continuava. Jokinen estava bravo. No dia anterior, o sol tinha queimado suas costas de tal forma que não dormiu à noite. Expressou alto o que todos pensavam: – Nós viemos para trabalhos forçados? Neste calor, virar esta terra dura? Eu não fazia isto na Finlândia, por que aqui tenho que fazer? E ainda, a comida é ruim,

insuportável mesmo. Qual é o pagamento? Onde está o meu lote? (VALTONEN, 1996:37).

A continuidade da colônia enquanto empreendimento coletivo se vincula ao engajamento de alguns dos pioneiros, como Suni. Ao retornarem à Finlândia, Hildén narra as impressões de como seu pai se sentia em relação a Penedo, para onde sempre desejava retornar, em oposição a sua mãe.

[...] Papai se correspondia com Uuskallio regularmente. Ele sentiu e compreendeu as dificuldades de Penedo e especialmente a falta de recursos humanos. ‘– O que eu faço aqui? Meu lugar é em Penedo e naquela luta que os amigos estão enfrentando lá. Minha obrigação é voltar para lá e fazer tudo o que puder para a nossa causa justa e sagrada.’ Muitas lágrimas foram vertidas e em 1933 papai viajou outra vez para Penedo. (HILDÉN, 1989:61).

Suni fala sobre o que considera ser o seu lugar, onde estaria unido a seus amigos por uma causa que considera “justa e sagrada”. Entendemos que Uuskallio estaria entre eles, já que os dois se correspondiam e Suni parece ter aderido ao projeto de Uuskallio intensamente. Eva diz que “muitas lágrimas foram vertidas” porque sua mãe ficou na Finlândia com os filhos, já que ela preferia estabelecer-se definitivamente na Europa, onde sua educação seria garantida. “No sítio da Vila de Verão, a natureza com todo o seu esplendor desejou boas-vindas e havia muito trabalho esperando. Mas o ambiente entre os finlandeses não era dos melhores. As grandes provações e a incerteza do futuro tinham exigido o seu tributo. Algumas pessoas tinham ficado tão desanimadas e deprimidas que já não tinham vontade de trabalhar” (HILDÉN, 1989:61). Em 1933, quando retorna a Penedo, Suni constata que muitos dos finlandeses haviam desanimado, dos quais grande parte retornaria à Europa. Mesmo que houvesse divergências ideológicas, Suni entende que os desafios foram muitos para que os colonos se mantivessem aderentes à causa colonial.

Depois que os pessimistas e bebedores de café foram embora, o ambiente ficou muito melhor. Esses pessimistas e lamentadores faziam muito barulho. A perturbação acabou. Agora, os idealistas e otimistas ganhavam nas conversas que faziam antes e depois das refeições. A vida era agitada antes com os renegados que tinham quebrado sua promessa de não beberem café e cachaça. Irmão Uuskallio sabia que muitos tomavam cachaça e vinho Olga que era feito de suco de laranja. E, depois com a ressaca, não queriam trabalhar. Tendo ido embora os irresponsáveis, o ambiente harmonioso voltou (VALTONEN, 1998:37).

Nilo chama de “pessimistas e bebedores de café” os que retornaram à Finlândia, quando o “ambiente harmonioso” voltou a Penedo. Aqui, é difícil entender se está sendo honesto ou sarcástico, já que considerar que mantinham-se em Penedo os otimistas evidencia certo romantismo ou idealismo. Em geral sua visão irônica dividia o grupo étnico entre pessimistas e otimistas, cujos primeiros seriam excluídos para o “círculo de fora”, como diz ter acontecido com ele, por não concordarem com os preceitos e normas estabelecidos como base para as interações sociais. Essa cisão não era avaliada pelos brasileiros, que viam o grupo de forma coesa e integrada. Apesar de afirmar terem voltado os contrários aos ideais ele próprio manteve-se no Penedo, e diz ter sido assim por inviabilidade financeira de retornar à Finlândia (VALTONEN, 1998).

### **3.4 Clube finlandês e sauna: o “turismo finlandês”**

Já citamos o caráter do desenvolvimento dos arraiais na região da Paraíba Nova,<sup>94</sup> inicialmente marcado pelo ritmo das fazendas, e distante do efeito civilizador encontrado nas cidades litorâneas ou naquelas da rota do ouro. Tal exclusão estimulou que os vilarejos se tornassem autosuficientes, e fossem relativamente independentes das cidades (BARCELLOS, 2012). Dessa forma, a herança rural da cultura local imbrica-se na construção da identidade penedense, principalmente nos primeiros anos da colônia, quando a lida com a terra e a produção agrícola era a atividade principal dos imigrantes. Finlandeses e brasileiros remanescentes das épocas anteriores – que ocupavam o território da fazenda e ali continuaram – se encontraram no Penedo. Alguns dos brasileiros trabalharam na terra como empregados dos finlandeses, obedecendo as ordens e os métodos de cultivo por eles trazidos, que incluíam adubação e drenagem da terra (HILDÉN, 2013).

O cotidiano dos colonos mineiros estabelecidos na parte alta do Penedo exibe certo paralelo com o projeto original finlandês, por constituir-se de um modo de vida bastante sustentável, embora tenha se formado involuntariamente como parte de um legado tradicional rural, ao contrário da vida inicial dos finlandeses. Os saberes tradicionais da serra da Mantiqueira eram refletidos nesse grupo de colonos brasileiros, enquanto os finlandeses foram aos poucos abandonando a cultura agrícola ao conformar um Penedo receptivo a visitantes que buscavam descanso próximo à natureza, nas décadas de 1940 e 1950. Os colonos mineiros, caipiras que se estabeleceram no alto do Penedo na década de 50, faziam roça de milho, feijão e amendoim, além de hortas. Seu Avelino Miguel de Paiva (1999), um dos que vivia da roça e da criação de animais diz, ao ser questionado sobre os finlandeses: “Os finlandeses? A gente falava com eles mas eles tinham uma vida separada da nossa. Às vezes nós vendíamos uma mercadoria pra eles, tinha o Olavi que caçava com a gente, mas só. Mas eu vi esses finlandeses todos aí bem pobres. Depois a maioria enricou, mas eu lembro de alguns deles quando só tinham um caco de bicicleta.”

As terapias naturalistas, os artigos artesanais e a atração exercida por características consideradas exóticas conformadas a partir do *habitus* finlandês no Penedo são alguns dos elementos do “enriquecimento” de que fala o Seu Avelino. Harry Bertell, por exemplo, chegou a fazer bengalas para vender usando os moirões da fazenda (VALTONEN, 1998), antes da comunidade transformar-se em atrativo turístico. As mudanças nos padrões culturais originais dos pioneiros na colonização têm relação com a peculiaridade finlandesa articulada à ideia de criação de uma nova sociedade, fundamentada em ideais utópicos. Configuraram-se no Penedo práticas sociais oriundas de um *habitus* finlandês, como a sauna, e outras resultantes do processo de estabelecimento e socialização do grupo migrante, como foi com o Clube Finlandês, que tornou-se o principal espaço de socialização entre finlandeses e brasileiros em Penedo, existindo até os dias de hoje.

#### **3.4.1 A sauna**

A sauna<sup>95</sup> é um elemento bastante importante para o povo finlandês; foi citada por todos os que escreveram e falaram sobre suas vidas – em Penedo e na Finlândia –, e exerce função socializadora. Seu uso une os finlandeses de forma quase totalizante, principalmente fora da Finlândia, como denominador cultural dominante. Ela representa quase o oposto das

<sup>94</sup> Barcellos analisa, no Vale do Paraíba, durante a República, “o processo de transferência da autoridade da Casa e da Igreja ao binômio Estado/Mercado” (2012:7).

<sup>95</sup> O banho de sauna, originalmente finlandês, consiste num ambiente aquecido a lenha, onde os indivíduos se aquecem em grupo e em geral nus, e posteriormente se molham no chuveiro frio ou nos lagos e rios naturais.

rixas narradas em Penedo, pois a primeira sauna construída no Penedo – a primeira do Brasil – foi possivelmente usada por todos os imigrantes, independente de quais fossem suas disputas<sup>96</sup>. A sauna – ali reconfigurada, já que nenhuma estrutura mantém sua função estética *ad eternum* – em Penedo tornou-se o atrativo principal de um turismo rústico, bem como tornou-se um elemento de coesão ao haver reunido os imigrantes, indo além do papel que tem na Finlândia mas constituindo elemento cultural escolhido como símbolo de uma identidade finlandesa nos trópicos.



**Figura 17.** Penedo na década de 1970. Fonte: Institute of Migration, Turku.

O pessoal combinava com brasileiros sim, tinha muitos amigos que frequentavam sauna aqui, ajudavam. Até a mãe do Raul teve sauna pública e tinha algum dia umas 100 pessoas tomando sauna e pulando no ribeirão, entre as décadas de 50 e 60. Ainda em 1965 tinha muita gente, aí eu e Raul estávamos namorando, ajudávamos a lavar aquelas toalhas no ribeirão,

<sup>96</sup>“Se você vir dois finlandeses abraçados, separa que é briga”, era um ditado de Penedo nos anos 60, segundo a descendente de suecos Marie Goränsen (2013).

fervia-se com soda caustica os sacos brancos que minha sogra dava pras pessoas sentarem. Tinha a sauna das mulheres e a dos homens. Acho que uns iam pelados, e depois ia com a toalha ali na beira do ribeirão.



**Figura 18.** Sauna finlandesa em Penedo, 1952.  
Foto: Jorma Pohjanpalo Fonte: Institute of Migration, Turku.

Eeva Hohenthal (2013) fala sobre o uso da sauna por moradores, descendentes de finlandeses e turistas e demonstra que suas significações são constantemente reatualizadas. Para os brasileiros não era comum tomar banho nu e a sauna era uma novidade, mas esse costume foi sendo difundido e hoje em dia os moradores da região já encaram como um elemento participante de sua rotina o método do banho de sauna e o fato de que os finlandeses costumam estar nus.

A maioria das famílias finlandesas de Penedo considera essencial o banho de sauna. Segundo Anneli (2013), “a sauna limpa corpo e alma.” E conforme descreve o ex-presidente finlandês Viinikka: “Na sauna eu relaxo fisicamente e revigoro mentalmente. A calma atmosfera cria harmonia. Para mim, a vida sem a sauna seria completamente impossível.” (VIINIKKA *apud* TAIPALE, 2013:307). Se a vida sem a sauna seria impossível a um finlandês, entendemos o porquê de sua proeminente posição em Penedo. Ali ela foi construída com madeiras tropicais e o eucalipto passou a ser utilizado como aromatizador do ambiente, no lugar da tradicional folha de bétula finlandesa. Seu funcionamento foi um dos elementos atrativos para o início do turismo.

Há mais de duas milhões de saunas na Finlândia – suficientes para acomodar cada finlandês, mesmo se quisessem ir todos ao mesmo tempo! Apesar da sauna ser originalmente um fenômeno rural, a tradição se espalhou para as cidades há tempos, inicialmente na forma de saunas públicas e posteriormente como instalações privadas em habitações urbanas. Hoje em

dia saunas são construídas até em apartamentos pequenos de um quarto (VIINIKKA *apud* TAIPALE, 2013:306).

Se existem tantas saunas na Finlândia, essa tradição foi evidentemente transferida por um processo migratório externo, donde se afere que no Penedo ela também exerceu função essencial no processo de congregar os colonos em torno de um encontro e prática cultural da qual não abririam mão.

A sauna está presente em todas as áreas da cultura finlandesa, tanto na ciência quanto na arte; existem cerca de 20 teses de doutorado e centenas de publicações sobre os efeitos psicológicos e medicinais da sauna, além dela ser tema de música e artes visuais, é mencionada dezenas de vezes no épico nacionalista *Kalevala*, e praticamente todo importante escritor finlandês descreveu o banho da sauna (VIINIKKA *apud* TAIPALE, 2013:306).

Ao fazer-se presente tão intensamente na cultura finlandesa, a sauna tornou-se conhecida dos brasileiros e dos visitantes de Penedo. Nos anos 50, uma hóspede da pensão de Dona Hiljia, diz que “a sauna era atrás da casa, com banho no ribeirão das pedras, então cristalino e com peixinhos. Nos acostumamos a ver, com a maior naturalidade, finlandesa pelada pulando no ribeirão” (PRAÇA, T. 1996:8). Aqui, a sauna ainda era a de cada família, cuja pensão abrigava hóspedes que se deparavam com as práticas exóticas de um povo europeu estabelecido em diferente ambiente. Relatos de brasileiros parecem ter herdado elementos utópicos ao narrar episódios desse encontro inter étnico.

Acho que era madrugada também e estávamos na velha sauna de sua casa que ficava na beira do rio. De repente, Suni “invade” a sauna com um balde de água. Com aquela voz que parecia provir não sei de que regiões mais profundas do corpo e que às vezes dava impressão de morder e estraçalhar as palavras, começa a repetir, ao mesmo tempo em que deitava água no forno, qualquer coisa como “vamos transformar isto no inferno (CARVALHO, 1995:2, grifo do autor).

Após a chegada da eletricidade, os turistas aumentaram em número, e assim também a importância da sauna. Ela deixou de ser um elemento de cada pensão familiar e tornou-se pública, a fim de receber maior número de visitantes, e também gerando maior lucro financeiro. “Em 1971, chegou em Penedo a estrada asfaltada e a eletricidade. O turismo aumentou. Meu irmão falou para mim: “Não transpira mais. Deixa os outros transpirarem.” Fui à Finlândia e comprei três fornos de sauna diferentes. Fiz três saunas públicas. Também outros cinco finlandeses fizeram fornos de sauna” (VALTONEN, 1998:3). A referência ao ato de transpirar faz aqui uma dupla menção, ao ato de trabalhar, que faz suar, e ao banho de sauna, onde a pessoa sua. O irmão de Nilo sugere que ele abra um negócio de sauna, onde as pessoas suariam em seu lugar, assim não precisaria trabalhar tanto.

### 3.4.2 O clube finlandês

Alguns lugares da memória são particularmente ligados a uma lembrança, e o clube funcionou como representação do território finlandês em Penedo, um lugar privilegiado dessa memória. Era onde os imigrantes se sentiam à vontade fora de sua casa e recebiam os brasileiros como em sua própria terra, evidenciando diferentes costumes e práticas. Dessa forma, o clube passou a significar o território finlandês, e de tão recorrente na memória dos imigrantes, fomos levados a interpretá-lo como peça chave na reconformação de uma

identidade finlandesa nos trópicos, ao evidenciar o que é próprio de um grupo étnico e colaborar no processo de afirmação dessa etnicidade, em novo território.

A guerra na Europa acabou com a venda das mudas de laranjeiras. Até aí todos tinham as suas plantações e se vendiam mais ou menos 100.000 mudas, enxertadas, anualmente. [...] Depois do fracasso, começaram a criar galinhas. Alguns trabalharam em algum tipo de artesanato. Asikainen fazia chapéus, chinelo, etc, de bucha. Ulla e Brusi teciam passadeiras. Os criadores de galinhas resolveram formar uma associação e construir uma casa para as reuniões e também para a venda dos produtos. Toivo Sipilä doou o terreno. [...] Na véspera de São João, 1943, foi inaugurada, mas não chegou a ser exatamente aquilo para o que fora planejada. Tornou-se o nosso lugar de festas. Por causa disto, os sócios religiosos se ofenderam e se retiraram (AMPULA, 1996:26).



**Figura 19.** Danças folclóricas no quintal da casa grande da fazenda.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

Aqui o declínio de venda de mudas é dado como motivo principal para a ascensão de novas formas de reprodução social e econômica; como cada indivíduo cuidava de seu próprio negócio, as mudas não pertenciam à coletividade, mas funcionavam em regime de venda cooperativo. Dessa forma, seguiu-se a criação da cooperativa de avicultores, atividade vista como uma alternativa à venda de cítricos. Mas a venda de ovos não perdurou por não oferecer a lucratividade esperada e logo a construção tornou-se o clube finlandês, cujos bailes foram também motivo para desavenças em relação ao consumo de álcool. Eeva Hohenthal (2013) diz que como sua família era adventista, não costuma frequentar o clube, porque não apoiavam “bebedeira”.

Ao nos encontrarmos com os entrevistados, a primeira lembrança que vem à tona é o clube finlandês, fundado em 1943 e provavelmente a marca do encontro dos finlandeses e dos brasileiros que ali se instalavam ou passavam férias. Em Penedo, onde não havia igreja, o clube é presente nas falas e nos escritos recorrentemente, muitas vezes com letra maiúscula, como que representando algo importante.

No clube havia muita bebida – nove entre dez finlandeses vão nos confirmar o quanto seu povo aprecia o álcool – e desde sua fundação até os dias de hoje seu horário é o mesmo, de 21h às 0h (HILDÉN, 2013). Durante e após o declínio do projeto comunitário utópico, ele exerceu papel importante na convivência social dos imigrantes e dos brasileiros do entorno, moradores ou turistas. Ali Uuskallio manteve seu papel social proeminente, executando breves sermões nas festas de Natal ou comemorações festivas.

O encontro dos finlandeses com alguns brasileiros gerou intercessões culturais fortes. Frederico de Carvalho (meu avô paterno), brasileiro estabelecido ali a partir dos anos 50, fala em artigo sobre Toivo Suni e expõe símbolos que se relacionam aos elementos pertencentes à noção de identidade finlandesa no Brasil. “Uma tal força de contemplação, que somava ao espírito o vigor do próprio corpo, e que a este ligava a própria terra, vegetal, mineral, por invisível cordão, uma tal força só poderia ter como objeto o enigma, a esfinge: decifra-me ou te devoro” (CARVALHO, 1995:2).

Frederico inadvertidamente, ao referir-se a Suni, retoma o que Kropotkin (1885) havia dito sobre o caráter do povo finlandês, sua conexão inelutável à terra e aos elementos da natureza, e a capacidade contemplativa inerente à valorização de uma existência simples, diferente de outros povos europeus, que desvalorizavam a vida camponesa e junto à natureza. “Certa noite estávamos no bailezinho dos sábados, o pequeno baile que um dia me fez tentar fixa-lo como símbolo de tudo aquilo que é triste sabermos um dia, como tudo, também desaparecerá” (CARVALHO, 1995:2).

Onde ficará esta noite gelada,  
Esta noite tão funda e coroada de estrelas?  
Onde ficarão as polkas de terras distantes  
E os alegres amigos dançando sua alegria solta?  
Onde ficará este rio sob a lua  
E as vozes e violões que sobem na noite?  
Onde ficará, meu Deus, o amor,  
Onde ficará, meu Deus, o amor marcado  
Nesta noite tão funda e coroada de estrelas?  
(CARVALHO, 1995:2).

Mesmo brasileiro, Carvalho se mostra herdeiro de um sentimento nostálgico e de valorização do que romanticamente foi o clube, e que não mais será em um futuro breve. Ele também parece ideologicamente permeado por uma nostalgia estrutural (HERZFELD, 1997). Aqui, o clube finlandês representa “o símbolo de tudo aquilo que é triste sabermos um dia, como tudo, também desaparecerá.”

O clube parecia não somente significar um pedaço da Finlândia para os colonos, mas um lugar de trocas e certa horizontalidade para os brasileiros, incluídos como parte desse acontecimento que soava democrático ao abrigar uma multiplicidade de gêneros, idades e nacionalidades. Seu poema expressa a alegria das danças finlandesas e de um encontro entre amigos que juntos valorizam a natureza e a música. Demonstra também a preocupação com um futuro em que as coisas não mais serão como antes, se pergunta o que acontecerá com o baile finlandês. Frederico é mais um dos que relata a importância de tal manifestação e interação social, legitimando a nostalgia relacionada às utopias e à manutenção de um projeto coletivo diferenciado.

Primeiro o violino de Markkula, no meio do baile, em cima do banco. Bebêramos muito. E ao fim de tudo, caminháramos na noite sem eletricidade para a casa de Suni. [...] Mas que eram impressionantes e expressivos, disto estou certo. E mais: se não era Sibelius era folclore, pois só a voz do povo se assemelha a voz de Deus, no caso a voz do Deus da alma musical da Finlândia (CARVALHO, 1995:3).

Frederico evidencia a conexão dos finlandeses com a música, e parece referenciar a expressão espontânea recriada em Penedo a partir de uma cultura popular mantida oralmente por séculos. Anneli (2013), imigrante mais tardia, dos anos 50, nos relatou que na Finlândia existe música para tudo, para um pássaro que chega e para o sol que aparece. Surge também nas manifestações culturais da colônia uma identidade étnica mantida e recriada a partir da tradição oral, confirmando a importância do *Kalevala* para seu povo.

Três imagens, caros amigos, que me pareceram muito representativas de Toivo Suni, pelo menos do Suni que eu conheci. O repouso, a paz aparente, minada por uma inquietação profunda, que o fazia peregrinar pela agricultura, pela música, pela filosofia, pela pintura, esta última forma de conhecer as coisas e a si mesmo pela qual se melhor exprimiu; a segunda, já revelando o começo de desespero pela impotência diante da vastidão, do mistério, do absurdo da vida; lembro-me de que ele falou do filho morto na guerra na noite do violino; a terceira, já a reta final do desespero (CARVALHO, 1995:3).

A primeira imagem com que Frederico enxerga Suni referencia as diversas facetas dos finlandeses identificadas por Kropotkin: a simplicidade, a paz de espírito, o repouso, mas ainda uma inquietação que o torna desperto para as questões pertinentes da vida, quer sejam a arte, a filosofia ou a agricultura (que representa também a natureza). A segunda e a terceira rememoram o horror da guerra e explicam uma fé cega em busca da utopia tropical e do resgate da harmonia entre os indivíduos, que simboliza a vinda para Penedo. Suni acreditava no projeto difundido por Uuskallio e defendeu a construção de um paraíso (lembremos que sua casa se chamava vila de verão), sintetizando a busca de uma colonização cujos principais elementos permeavam também o discurso de Frederico. A herança das utopias imigratórias se reflete em Frederico e em relatos de brasileiros que se articulavam ao projeto, e que se consolidou enquanto formação social penedense, muitas vezes tendo como símbolo o clube.

Um salão tosco e pequenino. O retrato de um violinista pintado por Eila. Num painel grande dançavam Sipila, Maya e outros. Janelas sempre abertas. Além da porta, alguma senhora finlandesa recebia à entrada. Na vitrola, o Sr. Aksel Lehtola se revezava entre os discos e a dança. De repente tudo parava e, no respeito ao silêncio, o velho violinista iniciava suas músicas antigas. Ouvia-se e dançava-se. Às vezes algum cachorro procurava seu dono entre os pares. Espaço. E quanto espaço para se pular e rodar à volta dos toscos bancos (PRAÇA, T. 1996:8).

Proprietária de casa de veraneio em Penedo, nos anos 50, Talitha narrou como via o acontecimento do baile aos sábados, onde os finlandeses exerciam cada um diferente função, entre a música, a dança e o serviço aos clientes. Eila pintava os quadros que decoravam o salão, e que ainda hoje estão lá, apesar da profecia de Frederico de que o futuro levaria o que foi o baile finlandês para longe. Nota-se aqui, para além das relações de poder, a capacidade do baile de integrar os colonos e os visitantes, que, a exemplo de Talitha, também se

emocionavam ao serem parte do acontecimento. Além dos discos, a música dos violinos, o silêncio e respeito parecem religá-los a sua pátria, simbolizada nas velhas canções.

O velho violinista, já trôpego, procurava alguma dama para dançar. E ninguém se rogava a carregá-lo nas polcas. A correia do motor falhava e a música começava a desafinar. Alguém corria na casa do motor e voltava tudo ao normal. As crianças cresciam com o baile. Pequeninas, estavam lá, ensaiando seus passos. E aos sábados, quanta vezes descíamos todos, de carro uns, a cavalo outros, porque não ir ao baile era frustração (PRAÇA, T. 1996:8).

O papel do baile era também o de educador de uma identidade étnica, evidenciando o “nós finlandeses” e os “outros brasileiros”, que visitavam, tomavam parte, mas continuavam a serem os hóspedes enquanto o espaço do clube era dos finlandeses, regido por suas maneiras e práticas sociais.



**Figura 20.** Trajes típicos vistos no quintal da casa grande da fazenda, provavelmente em 1979, por ocasião da comemoração dos 50 anos da colônia. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Desde cedo se começava a pensar quem iria no carro de quem. Lotação esgotada, descímos da Fazendinha para as polkas e mazurcas. Os carros caminhavam devagarinho para acompanhar as crianças no passo da cavalaria. Amarrados os cavalos próximos ao clube, entrávamos todos naquela festa colorida. Lá não se ia só dançar. Ia-se também ver os amigos ou rever as fisionomias dos finlandeses que aprendemos a amar. Finlandeses havia com quem nunca se havia falado, mas o fato de vê-los sempre nas suas danças, seus tipos sadios e fortes, seus passos firmes e ritmados, sua língua tão diferente, nos aproximava em afeto de sorrisos ou cumprimentos leves (PRAÇA, T. 1996:8).

A comunicação não só pela fala mas pelo ritual, pela dança, evidencia o papel exercido pelo lugar do clube finlandês e seu baile aos sábados. Talitha narra os visitantes que vinham do alto do Penedo para os quais o baile era imperdível. Todos esses brasileiros, jovens, adultos e crianças, aprenderam as danças finlandesas no baile, sendo essa tarefa quase unânime nesse período, entre os anos 50 e 60, antes da luz elétrica, quando os visitantes ainda não eram em maior número que os finlandeses.

E havia um ritual por nós todos esperado. Ver o Sr Lehtola dançar. Ser convidado a dançar com ele ou com Sipila (os então maiores dançarinos). Observar os passinhos gentis de dona Lidi. A dança paradoxalmente etérea e majestosa do corpo bem torneado de Eila. A figura profética de Suni sentado. Mais tarde, a entrada em bando das meninas do Sr. Toivo<sup>97</sup>. O baile era uma festa em família. Família finlandesa que se encontrava para brindar a semana de trabalho. Família brasileira que a eles se unia em sentimento de respeito por sua coragem, suas conquistas, suas danças, seus trabalhos, suas artes (PRAÇA, T. 1996:8).

Além das tarefas corriqueiras de trabalho, alguns dos finlandeses eram exímios dançarinos, e se assim se integravam aos visitantes, de tal modo que Talitha diz esperar o momento da dança do Sr. Lehtola. Essa integração é simbolizada no fato de que o baile era para ela “uma festa de família”. Apesar da romantização de sua fala, evidencia-se aqui que as disputas não se tornavam mais relevantes do que o encontro e a celebração conjunta.

O clube tinha no baile um fato social. Ali se sabiam as novidades, ali se faziam negócios, se combinavam construções, se pediam conselhos sobre plantas. Ali dançavam todos juntos. Várias classes sociais, idades sem existir. Jovem, adulto, velho, criança, todos dançavam juntos. Era a dança pela dança. Ir a clube era como ir à casa do amigo. Sem preocupações. Ser sempre recebido. Chegar às vezes cansado e voltar feliz como se visse parentes há muito não vistos. E de volta, devagar, pela estrada, acompanhado os cavalos que subiam, as canções lá deixadas enchiam o caminho ao frio do céu estrelado (PRAÇA, T. 1996:8).

A manutenção de uma visão idealizada do grupo imigrante demonstra que os ideais utópicos trazidos pelo projeto dominante ultrapassaram suas fronteiras, sendo utilizados pelos brasileiros na descrição dos modos de ser dos colonos, que aparecem aqui integrados e em harmonia, na representação de Penedo para os brasileiros. Em relação à permanência das danças folclóricas especialmente em Penedo, Helena Hildén (2013) nos disse que:

Era o que se dançava não só na Finlândia, mas na Europa, em 1929, quando vieram para cá, trouxeram aquelas bolachonas e decidiram fazer um baile. E aqui, por algum motivo estranho aquilo se preservou, continuaram dançando aquelas danças que já pararam de dançar há muito tempo na Finlândia. Os finlandeses que vêm para cá, “o que que é isso? Eu nunca vi isso na minha vida, eu sou finlandês, mas eu nunca vi isso”.

---

97 Este, o Toivo dentista, finlandês pai de quatro filhas, “as loirinhas do Penedo”. Sua família estabeleceu-se em Penedo em 1951.



**Figura 21.** Martti Aaltonen fantasiado de bailarina, Penedo, década de 1970.

Fonte: Institute of Migration, Turku.

A importância do clube em Penedo parece ter relação com o que se conformou enquanto espaço social no Brasil, expressando a conjunção entre o caráter especificamente finlandês das danças folclóricas e as interações entre finlandeses e brasileiros. A facilidade com que os brasileiros as aprenderam e introduziram seus trejeitos foi também decisiva ao tornar o baile um encontro que atuasse enquanto caldeirão cultural.

### 3.5 Heranças Utópicas e a Representação de uma Identidade Coletiva

A representação da identidade finlandesa foi apropriada e re-conformada pelas novas gerações e pelos que ali se estabeleceram posteriormente. Eles herdaram um histórico de conflitos, mitos e a ideia de congregação entre os “patrícios”, mantendo uma retórica que

opunha finlandeses a não-finlandeses. Disputas são narradas em paralelo à comunhão retratada no clube finlandês ou na sauna, onde o encontro social unia esses imigrantes em torno de um mesmo território. Eila enumera: “hoje, 04.02.97 somos 43 nascidos na Finlândia, nem metade mora no Penedo. É o crepúsculo de uma Colônia de idealistas, que deu em pizza, como diz Boris Casoy. Nós, os sobreviventes, nos tornamos iguais aos nossos antepassados, os primatas. Ter ideais, neste mundo, não dá pé” (AMPULA, 1996:33). Em sua opinião, “ter ideais não dá pé”, embora em 1997, quase 70 anos após a fundação da colônia, ainda existam 43 nascidos na Finlândia, e possivelmente o dobro de descendentes. Dentre eles, a maioria chegou após 1929, embora tenha herdado a composição de um espaço social “finlandês” no Brasil cujas categorias remetem uma identidade partilhada. A narrativa social dominante sobre os finlandeses de Penedo é aquela que remete ao projeto de Uuskallio e seus conterrâneos.

Uuskallio escreve para Pennanen em 1934: “Devagarzinho estamos caminhando das dificuldades para a liberdade. Tivemos contratempos econômicos tão grandes que muitos ficaram cansados das lutas contínuas, e, desanimados, desistiram de tudo. Isso é humano e compreensível. Imigração é uma experiência penosa, há tantas coisas para aprender. Podemos alegrar-nos porque Penedo ainda está indo firme e uma parte dos pioneiros continua enfrentando as provações com firmeza, fé e confiança no sucesso” (HILDÉN, 1989:63).

Os desafios enfrentados são expressos quando ele diz o quanto ainda há para aprender no processo de imigração, uma experiência “penosa”. O aprendizado demonstra que as representações são produto de uma cooperação, e mesmo que a elaboração do empreendimento ficasse a cargo de poucos, sua execução é realizada pela parte dos pioneiros que resolveu ficar em Penedo e enfrentar os desafios na consolidação de uma nova ordem social. Uuskallio continua:

[...]Quanto à produção de enxertos, estamos no ponto onde há muito mais demanda que oferta. Fomos obrigados a desistir de uma parte do fornecimento por falta de produção suficiente. A qualidade dos enxertos é boa, só precisamos aumentar a produção. O outro ramo de negócio, a pousada que abrimos no ano passado, oferece possibilidades. A Casa Grande está se transformando num lugar de descanso para os moradores das grandes cidades. Os hóspedes estão satisfeitos com sua estadia em Penedo” (UUSKALLIO *apud* HILDÉN, 1989:63).

Apesar do questionário preenchido e da expectativa em relação à premissa moral e comportamental dos participantes, quando estabelecidos em Penedo a preocupação de Uuskallio versava sobre quais seriam os modos de reprodução social possíveis para a manutenção econômica da colônia. Sua fala evidencia a queda da venda de cítricos e a possibilidade de que a pousada por eles criada na sede da fazenda se tornasse atividade lucrativa, onde os “moradores das grandes cidades” se encontravam “satisfeitos”. Uuskallio pode não ter sido o profeta que acreditava, mas acabou sendo uma espécie de profeta do que se tornaria Penedo, um centro turístico que recebe visitantes das “grandes cidades”.

### 3.5.1 Estabelecidos e recém-chegados

Uma parcela de finlandeses chegou após a fundação da colônia e estabeleceu-se em Penedo ou arredores. Existem ainda alguns “finlandeses” nascidos no Brasil, que são parte do

grupo de “estabelecidos”, porta-vozes de um acontecimento passado, que remetem à herança e à incumbência de manutenção dos modos de ser finlandês nos trópicos.

A colônia, que de 1929 a 1942 simbolizou um projeto marcadamente coletivo liderado por Uuskallio, foi gradualmente se modificando. Portanto, a colônia narrada em 2013 amplia as fronteiras do que foi em 1929, inserindo todos os finlandeses e descendentes que vivem em Penedo hoje, mesmo que tenham chegado mais tarde ou se estabelecido nos arredores de Penedo, sem vínculo ao projeto original utópico. Escolhemos abordar aqui três dessas vozes, Eeva Hohenthal (2013), Anneli Turunen (2013) e Helena Hildén (2013)<sup>98</sup>, de modo relativamente breve, a fim de ilustrar o entrelaçamento de narrativas e experiências que constroem a noção de uma identidade finlandesa em Penedo.

### Eeva Hohenthal

Nascida na Finlândia, Eeva veio para Penedo em 1937, aos três meses. Fez a viagem de navio, o que levou um mês. Seus pais viviam em Varkaus, próximo a Turku, e tinham a intenção de emigrar principalmente pelas ameaças de nova guerra. Seu pai era professor de matemática e a mãe tinha sido sua aluna.

“A colônia tinha começado em 29 aqui, mas eles tinham conhecido as pessoas, o Sipilä na Finlândia já. Aí eles vieram porque os outros falaram pra vir. Meu pai queria ir pra Austrália, mas o visto estava demorando, aí ele pediu pro Brasil. Aí chegaram os dois vistos, o do Brasil antes, e ele decidiu vir pra cá. Saíram por causa das ameaças de guerra. Em 1940 já entrou em guerra a Finlândia”. Aparentemente, foi Sipilä quem os estimulou a virem ao Brasil. O fato da família de Eeva ter pensando em ir para Austrália evidencia o intenso movimento emigratório que ocorria na Finlândia de então. Sua família, como algumas das estabelecidas posteriormente a 1929, não integrava a colônia, mas morava nos arredores de Penedo, no Marechal Jardim, onde ficava a estação de trem, local mais próximo ao rio Paraíba. Apesar de viverem ali, mantinham relação com os finlandeses distantes a cerca de dez quilômetros, em Penedo. A iminência da guerra aparece aqui como fator importante para a saída do país. Mais tarde Eeva retornou à Finlândia: “Eu voltei com dez anos, e fiquei um ano porque minha mãe fazia um tratamento lá, de *kuhnir*, tratamento com água. Tinha sanatório com tratamentos de argila, água, vapores, massagens. Mas a minha mãe tinha anemia e não curou ela não”. Mesmo alheia ao projeto colonial, sua mãe se tratava com *kuhnir*, tendência na tentativa de curar inúmeras enfermidades, como a anemia.

A família produzia principalmente frutas em seu sítio, e seu pai adquirira uma mercearia em Resende, onde vendia seus produtos e outros que comprava em Pindamonhangaba. “Leite a gente comia, minha mãe fazia muita comida com leite, arroz doce finlandês, coalhada no forno, pão com arroz”. O uso do leite ratifica que o produto era bastante usual entre os finlandeses e que a falta dele implicava uma mudança drástica de costumes. Sua família comia carne, mas de forma branda, criavam ou compravam frango dos vizinhos e poucas vezes consumiam carne vermelha.

Em relação a trabalho, ela diz que vendia suas frutas em Resende, antes do *boom* do turismo em Penedo. “Lidei com lavoura muito tempo, mais de 20 anos, desde pequena e depois de casada. Fiquei 10 anos com lavoura, separei do primeiro marido e fiquei com Raul. Aí continuamos muito com trator, arando terra e plantando frutas. Tinha 1200 pés de laranja. Eu sempre vendia de casa em casa, e tinha pontos da cidade que eu ficava”. Utilizando as frutas que produziam, Eeva passou a produzir geleias que vendia em seu carro aos turistas de Penedo. Mais tarde, ela e Raul mudaram-se com os filhos para Penedo e abriram um artesanato, que existe até hoje e é provavelmente o mais antigo de Penedo. Ainda hoje o

<sup>98</sup> Segundo Soile Viitaniemi, Penedo foi conhecido como o “vale das mulheres”, pois elas seriam trabalhadoras e fortes. Em 2013, notamos que são elas as remanescentes mais atuantes.

mantém ao lado de seu marido, Raul Bertell, filho de Godofredo Bertell, o massagista mais conhecido da colônia<sup>99</sup>.



**Figura 22.** Placas turísticas em Penedo  
Fonte: Institute of Migration, Turku.

### Anneli Turunen

Anneli vivia em Vaanta, próximo a Helsinki, onde hoje se localiza o aeroporto da cidade. Seu marido era mecânico e tinham ali uma pequena fazenda. Vieram a Penedo em 1958, atraídos por Katri, irmã de seu marido e casada com Seppo, irmão de Eeva Hohenthal. Instalaram-se no sítio onde viviam Eeva e seu cunhado, e mais tarde alugaram, no bairro jardim das rosas, próximo às fronteiras da fazenda Penedo, a casa de Marti Kuurki, que havia voltado à Finlândia. Logo depois compraram um terreno no mesmo bairro.

Sobre as impressões de chegada no Brasil, ela tem em comum com Uuskallio o deslumbramento. “Primeira vista que vi lá no mar, achei paraíso, fora do normal, essas montanhas, tão lindas, que na Finlândia não tem. Até hoje adoro o Rio, lindo, muito bonito. E o povo do Rio também, é muito bom e fácil de se comunicar”. Mesmo na década de 50, Anneli se sentiu chegando no paraíso. Para ela, a Finlândia – para onde nunca voltaram definitivamente – é boa para esquiar, e seu marido não se “dava com o frio”. Apesar dessa adaptação inata, Anneli se considera finlandesa, ensinou o idioma aos filhos, e mesmo quase trinta anos após o estabelecimento da colônia, diz que todos falavam finlandês em Penedo na década de 60, ainda que uma minoria deles fosse de origem sueca, como a família Bertell.

<sup>99</sup> A família Bertell participou do projeto colonial desde os primórdios, tendo Armas Fagerland participado da procura da fazenda, em 1927.

Em relação à colônia, repete o que se ouve tradicionalmente, que muito se reclamou da administração coletiva, e que houve muitos erros. “Eu não gosto de falar nada em meu nome, porque começam a falar, o que que ela sabe, que chegou depois? Muitos desses primeiros mesmo que participaram, que conheceram a história total, acharam que foram muitos erros, e reclamaram. Reclamaram bastante e por isso acabou a Colônia”. Quando diz “erros” ela não cita Uuskallio mas entendemos que os “erros” são atribuídos a ele, de quem ela não quer falar. Apesar de ter ouvido tantas histórias e participado do que socialmente se configurou como Penedo a partir da imigração utópica, ela não quer opinar sobre a colônia ou sobre Uuskallio.

Se hoje a colônia representa todos os finlandeses, naquela época era informada pelos que participaram do projeto coletivo. Em razão de sua chegada posterior, Anneli não se sente autorizada a opinar. “Eu cheguei em 1958, dez anos depois do fim da colônia. Eu conversava muito com eles, estava tão interessada em história total. Colônia mesmo, falaram, durou 8 anos, quando todo mundo comeu junto assim. Depois cada um fez sua casa e seu terreno, mas continuava colônia”.

A forma com que explica o fim da vida coletiva, mas a manutenção enquanto “colônia” evidencia a manutenção de elementos tidos como finlandeses e as interações sociais integrantes de uma comunidade que tinha em seus pares a legitimação de uma identidade étnica diferenciada. Lydia (Reiman) lhe contou sobre a melhoria de vida após a dissolução do projeto colonial, dessa forma ela mesma intuiu as dificuldades vividas pelos pioneiros no Penedo, vividas ou narradas por terceiros.

Anneli se sente bastante conectada com a música e as danças e diz que “Liisa Uuskallio era trabalhadora. Cantava bonito, já longe a gente ouvia a voz tão forte. Naquele tempo eles fizeram um coral, cantavam muito, a família Bertell também tinha voz bonita”. Lisa é por muitos citada como o “esteio” de Penedo, uma mulher que cuidava da casa, da saúde e ainda artista, pintora e cantora. O coral já no navio em 1927 é citado por Uuskallio. A música em conjunto era uma prática entre os colonos, e confirmava a tradição oral finlandesa. Anneli fala de modo superlativo sobre a quantidade de canções existentes na cultura finlandesa da qual ela se sente parte. “Faz falta agora que não tem mais pessoas que cantam. Raul [Bertell] canta bem, músicas antigas finlandesas. Finlandês tem tanta música cantada, tanto, tanto, tanto, nem sei quanto. Eu aprendi desde pequenina, até hoje eu canto sozinha. Tem música para tudo, quando vejo um pássaro me lembro de uma, e muitas para Natal”.

Em seu relato de 2013 notamos a nostalgia com que relembrava os velhos tempos, como as pessoas que cantavam antes e que não estão mais aqui. A prática de canto, dança e interação entre os finlandeses parece ter diminuído gradativamente, por diversos motivos: mortes, mudanças e enfraquecimento das raízes nas novas gerações, mais adaptadas às práticas socioculturais brasileiras. Ela é mais uma dos que nos dizem, ao serem questionados sobre Penedo, que o clube era o mais importante. “Naquele tempo<sup>100</sup> eu encontrava todos no Clube, todo mês tinha festa especial para aniversariantes, com café e pulla, no domingo, aniversário ou reuniões. Nesse tempo tinha muita festa a fantasia, mais que uma vez por ano. Porque todo mundo animou fazer, tinha 50, 60 finlandeses, cada um fazia um pouquinho”.

---

<sup>100</sup> Ela se refere às décadas de 50 e 60, quando havia uma razoável quantidade de finlandeses remanescentes da colônia, entre 50 e 100.



**Figura 23.** Liisa Uuskallio em frente ao monumento erguido por ocasião da celebração dos 50 anos da Colônia finlandesa de Penedo, em 1979. Fonte: Institute of Migration, Turku.

Em momento posterior ao estabelecimento coletivo controlado, o café não se mostra mais como um problema, e se confirma a tradição de consumo do pão finlandês (*pulla*) com a bebida. O modo com que fala do convívio dá a entender que havia uma harmonia social, onde cada um dos integrantes contribuía para o bem-estar de todos. O fato de haver muitas festas parece simbolizar o fim dos tempos difíceis de um passado próximo. Tal modo de narrar o que se passou relaciona-se à nostalgia estrutural (HERZFELD, 1997) que integra um narrativa sobre o que não existe mais, e que muitas vezes condiciona um discurso, especialmente em relação a um grupo étnico minoritário e suas práticas.



**Figura 24.** Placas turísticas e chegada da luz elétrica na atual rodovia Rubens Mader, próxima à entrada de Penedo. Fonte: Institute of Migration, Turku.

“Apesar de serem todos de diferentes partes, no clube éramos todos como uma família. Eu estava tão bem vinda. Claro que tem uma coisa ou outra, mas eu sentia como uma família reunida. Muito importante, como um pedaço de Finlândia, até hoje. Agora é menos mas tem ainda uma coisa boa. Eu adoro o clube até hoje”. Para ela, que sente a diferença dos tempos, o clube de antes e o clube de hoje já não são o mesmo, mas ainda representam um pedaço da Finlândia. Apesar de estar tão adaptada ao Brasil, a conexão com o território e a cultura finlandesa são muito importantes. A reunião dos finlandeses no clube era sentida como “uma família”, evidenciando a função de reforço da identidade étnica (BARTH, 1995) finlandesa. “Finlandeses vêm aqui e nunca viram essas danças, aí eu ensino. Eu sei que eles não dançam mais lá. A única que eles dançam ainda lá é essa *rumpa*. Aqui é mas *yenka* e *polka*”. Essa identidade em Penedo é própria dali, e traz orgulho. Se Anneli ensina as danças folclóricas aos finlandeses, a prática pertence aos finlandeses de Penedo, e ainda sim integra a cultura tradicional finlandesa, que pode não ser corrente na Finlândia de hoje, mas estimula uma ponte entre a identidade finlandesa do Brasil e aquela da Finlândia, reiterando o caráter finlandês aqui demarcado através de determinados elementos étnicos.

“Eu sentia muito bem no Clube, estava cheio de finlandeses. Agora não tem, né? Agora estou às vezes sozinha, uma finlandesa única. Tinha gente de Resende, as mesmas pessoas sempre, e turistas também.” Entre os finlandeses de Penedo e os brasileiros a relação era desigual: os primeiros eram pertencentes a esse local e autorizados a transmitir o conhecimento das danças. Os brasileiros vinham ver, aprender e observar a forma como o baile acontecia. “Tanta gente querendo aprender dança finlandesa. Uma pessoa de qualquer idade, e assim funciona a mais que um ano, toda quarta-feira, treino. Quem nunca dançou, pode ser 60 anos, 20 anos, qualquer idade. Quem gosta aprende, é bom porque brasileiro aprende fácil. Tem gente que vem do Rio, para aprender a dança”. Em Penedo, Anneli, apesar de ter chegado quase 30 anos depois da fundação da colônia, mantém-se como a tradicional professora de dança, em lugar que foi inicialmente ocupado por Laura Suni, que por sua vez passou o fim de sua vida na Finlândia, para onde tantas vezes, em oposição ao marido, quis retornar.

### **Helena Hildén**

“Minha mãe veio para cá com meus avós para participar da colônia, só que eles não ficaram aqui, foram e voltaram da Finlândia sete vezes. Depois acabaram ficando aqui contra a vontade por causa da guerra [Segunda Guerra Mundial] na Finlândia, mas depois minha mãe me contava que quando acabou a guerra ela não queria mais ir embora, ela se casou e tudo isso”. Helena Hildén é neta de Laura e Toivo Suni, o casal que mais vezes retornou à Finlândia e de volta a Penedo, por divergências ideológicas. Helena é filha de Eva<sup>101</sup> Hildén, que chegou pequena a Penedo e deixou suas memórias em livro. Eva se casou e morou fora de Penedo por muitos anos, mantendo contato frequente com a comunidade.

“Eu não nasci em Penedo, nasci no Rio de Janeiro. Meu pai trabalhava lá. Meu pai é finlandês mas ele não veio para Penedo, ele veio depois da guerra por outros motivos. Eu vivi no Rio passando férias em Penedo sempre porque minha avó morava aqui”. Seu pai, finlandês fora do contexto colonial, é um dos exemplos de outros finlandeses que chegaram a Penedo após 1929. Helena, mesmo nascida e criada no Rio, identifica-se como finlandesa aos turistas que chegam no museu de sua avó, hoje administrado por ela.

Os primórdios de turismo rústico são acentuados para marcar o improviso e a falta de recursos presentes nesse momento, à diferença do que se vê hoje. As mulheres recebiam os hóspedes e faziam de tudo para que se sentissem bem, encontravam espaço e possibilidades culinárias a fim de viabilizar o ganho econômico. “Minha avó contava que no carnaval quando vinha muita gente dava o próprio quarto e dormia debaixo da mesa da sala ou na sauna. E eu digo que nessa época as mulheres praticamente que assumiram o sustento da casa, porque elas se viravam”.

“Naquela época era pensão completa, café da manhã, almoço e jantar. Tinham que fazer comidas boas com o que tinha: tem taioba, então hoje vai ser taioba, o que aparecesse era usado para alimentar as pessoas”. A pensão completa vivida dentro das casas de família tornava a convivência entre turistas e finlandeses bastante próxima, de modo que os primeiros passavam a indicar Penedo aos amigos e familiares, conformando o turismo como alternativa à produção agrícola, e que pouco a pouco tomou o espaço socioeconômico da comunidade imigrante. “E com isso conseguiram melhorar um pouco, porque ficaram numa situação bastante precária, porque a terra não rendia o que eles tinham que ter e não tinham mais dinheiro pra nada, e foi aí que começaram a transformar o Penedo em turismo”.

De fato, a concepção da possibilidade de receber hóspedes existia desde o projeto inicial de Uuskallio, que pretendia construir um sanatório onde seriam oferecidos tratamentos

---

<sup>101</sup> Eva foi quem fundou o primeiro e único museu de Penedo, o Museu da Eva, atual Museu Finlandês.

naturais e estadia próxima à natureza. A própria família de Uuskallio fundou sua pousada, tendo sido Lisa a responsável pela pousada no casarão, a primeira de Penedo. A manutenção das práticas, tanto no que concerne ao idioma quanto à dança e encontro no clube, segundo ela, são ainda mantidas enquanto tais na década de 60, diferente do que Helena acredita se ver hoje, quando os elementos culturais parecem estar desaparecendo. Sua avó, Laura Suni, era portadora de um conhecimento, e quem os utilizava eram os próprios finlandeses pioneiros, diferente de hoje. Aqui, os pioneiros parecem mais autorizados a transmitir e usufruir de formas culturais próprias de seu grupo.

“Para mim, ele é bem diferente do que o clube que eu frequentava em 1960: o clube era nosso, não dos finlandeses, mas nosso dos penedenses. Todo mundo que morava em Penedo sábado à noite ia ao clube. Era uma mistura de brasileiros e finlandeses, mas não todas as classes, os mais pobres não iam, ia um ou outro, mas não era muito não”. O clube de hoje não reúne tantos finlandeses – que não existem em grande número em Penedo – nem dispõe do prestígio do passado, quando “todo mundo que morava em penedo (...) ia ao clube.” Ao dizer que os mais pobres não iam, Helena demonstra que o ambiente “democrático” do clube tinha suas limitações. “E não tinha grupo folclórico, não precisava. As pessoas não iam para ver um show, as pessoas iam dançar, e todo mundo sabia dançar, ninguém ficava sentado. E era criança, velho, mulher com mulher, até homem com homem eu vi dançando no clube. Se ia para dançar. E se chegassem uns turistas, como as pousadas eram familiares, o dono da pousada arrastava todo mundo para lá: “Não, você vai dançar sim!”

O clube era então a maior atração para os turistas, que vinham aprender a dançar e vivenciar uma nova experiência, não passiva, como a de hoje, mas interativa. Quando diz que não tinha grupo folclórico, já que todos dançavam, entendemos que hoje em dia a necessidade de um grupo que apresente as danças como espetáculo renovou o significado do clube para os turistas. Se antes, se dançava e interagia com os finlandeses de modo a fundar amizades e relações mais estreitas, hoje existe um espaço maior entre os que dançam no baile e os que vão assistir a um espetáculo.

“E aí que surgiu também o artesanato, porque algumas tinham trazido os teares da Finlândia, faziam tapetes. O hóspede dizia: “ai que lindo.” “quer comprar, eu vendo.”, começaram a vender também o artesanato, década de 40 ou 50, por aí”. Os artesanatos evidenciam também a tensão entre o “nós” dos finlandeses e os “outros” brasileiros (ELIAS, 1987). O produto criado pelos finlandeses exercia certo fascínio aos que estão de fora, aos “outros” e contribui no sentido de criar uma atmosfera propícia para o turismo, já que a sauna, o clube e os produtos artesanais, como tapetes e velas, são elementos novos para os visitantes, bem como a diferente dinâmica social dos finlandeses de Penedo.

“Onde arranjassem trabalho eles iam, de preferência no Rio ou São Paulo que era perto e continuavam vindo a Penedo no fim-de-semana. Foi a época que debandou um pouco. A Eila foi massagista, minha avó foi massagista, várias foram massagistas no RJ. Tinha umas 4 ou 5 finlandesas trabalhando no palácio do Getúlio Vargas, como empregada. Minha mãe era babá da neta do Getúlio”. A saída dos finlandeses não os desconectou completamente da colônia. Godofredo Bertell foi massagista no Rio durante certo período, retornando à colônia quando pôde estabelecer-se enquanto massagista no hotel de sua família. Dessa forma, a referência em geral continuava a ser Penedo, para onde os finlandeses retornavam sempre, e onde permaneciam caso a conjuntura econômica os permitisse. “Quem tinha dinheiro ficou aqui, ou quem conseguiu construir uma pensão ficou com a pensão, ou os que arranjaram emprego em Resende foram trabalhar, porque aí acabou essa parte da agricultura, não tinha mais. As famílias plantavam alguma coisa mas não viviam mais disso”. O motivo principal para a saída dos finlandeses estabelecidos em Penedo para cidades maiores foi a busca por oportunidades de trabalho.

Helena acredita que as gerações que se sucederam muitas vezes não valorizam sua identidade étnica, de outro modo o clube e o museu finlandês hoje em dia teriam mais frequência dos filhos e netos de pioneiros. “Eu sei que tem muitos descendentes que nunca puseram o pé aqui dentro, não sabem que existe o museu. Não sabem nada sobre a sua família e não estão interessados. Viraram brasileiros e esqueceram que tiveram um avô finlandês. O grupo dos que resistem aqui são poucos. [...] As pessoas esquecem suas raízes”. A resistência do museu finlandês, para Helena, representa a manutenção de uma identidade contrastante, que se afirma frente à brasileira. Quando diz que todos esquecem suas raízes e viram brasileiros, ela confirma a ideia de apagamento de características étnicas que não são parte dos elementos culturais brasileiros.

Apesar de defender a manutenção dessa identidade, Helena questiona a liderança de Uuskallio. “Já velho, ele não parecia um líder. Como é que aquela pessoa convenceu trezentas pessoas a virem para cá? Eu não iria até a esquina com ele”. Ao ponderar a capacidade de liderança de Uuskallio, ela põe em cheque todo o processo de colonização utópica ocorrido, sem, no entanto, deixar de validar a ideia de uma identidade própria finlandesa, cuja manutenção estaria diretamente relacionada à participação dos descendentes dos finlandeses de Penedo.

\*

Neste último capítulo quisemos entrelaçar diferentes falas e ponderações em relação à colônia a fim de esboçar relações de poder, conflitos e disputas que colaborassem no sentido de enquadrar a re-conformação de uma identidade étnica finlandesa, a partir da qual se evidencia o sentido de pertencimento dos colonos. Essa identidade emerge das representações desse pertencimento, que atravessam questões étnicas, linguísticas, religiosas e nacionais, com as quais tentamos trabalhar neste texto. Mais alguns elementos colaboraram na direção dessa atualização identitária, como a natureza, a sauna e o clube finlandês.

Em síntese, denominadores culturais comuns articulados a renovações culturais advindas de um novo ambiente foram aqui entrelaçados no sentido de configurar o que substancia “ser finlandês” em Penedo, a partir de um *habitus* partilhado e reconfigurado em Penedo.

## CONCLUSÕES: PRINCÍPIOS UTÓPICOS E OS FRUTOS PENEDESES

Essa pesquisa propôs abordar o processo de reconformação da identidade finlandesa nos trópicos através das narrativas, práticas e diferentes modos de reprodução social do grupo finlandês em território brasileiro, a partir de 1929. A análise partiu do contexto histórico finlandês e do fenômeno das emigrações utópicas, do qual, consideramos, o projeto de Penedo faz parte. Em seguida argumentamos brevemente acerca do contexto regional brasileiro e de algumas das imigrações utópicas aqui estabelecidas, para em seguida abordarmos a transferência dos finlandeses, e a negociação de normas presentes na esfera do projeto ideal de colonização.

Foi preciso reconfigurar a figura do imigrante para que ele fosse pensado além da concepção generalista de uma identidade nacional diferenciada em busca de ascensão social. Portanto, o termo utopia, mesmo que não de modo unívoco, atendeu ao princípio de compreender os significados próprios dos pioneiros ao empenharem-se em longa jornada a destino desconhecido. Como bem identificado por Peltoniemi, além da crença no “retorno à natureza”, dentre as características encontradas na Colônia Penedo estavam elementos relacionados à religião, ao anarquismo, à presença de um agente político (BARTH, 1995), às atividades coletivas de moradia e alimentação, bem como a crença em novas formas de educação infantil. Seus fazeres e discursos indicam valores e propósitos que entrelaçam indivíduo e comunidade, evidenciando que um não se contrapõe ao outro, mas que existem em diálogo. Os finlandeses se dividem entre os pioneiros e os migrantes que vieram após o empreendimento coletivo, além dos descendentes de ambos, que ainda hoje falam sobre o que passou e interpretam seu sentido.

Os significados dos relatos utilizados pela pesquisa, ao serem traduzidos de material oral ou escrito, adquiriram sentido *a posteriori*, elaborados também a partir de influências do que foi retido e retrabalhado pela memória em relação às condições sociais de ambos os cortes temporais. Ao trabalhar com experiências vividas em um tempo passado, estive ciente de que os discursos sobre elas são também uma apropriação e remodelação de quem os cita (GINZBURG, 1991) mas não por isso deixam de ter valor.

Dos elementos que constituem o legado de uma nação estão a memória do passado, o desejo de viver em conjunto e a perpetuação da mesma herança cultural (HALL, 1989), cujos elementos acreditado terem emergido nos discursos e nos fazeres dos migrantes, tanto em 1929 quanto nos dias de hoje, reconfigurando o sentido dado à Colônia Penedo. A análise dos discursos relativos aos acontecimentos e às pretensões do projeto colonial fazem sentido ainda hoje, quando herdeiros dos imigrantes vivem um Penedo e uma herança do que um dia foi a colônia. Apesar de não me debruçar sobre o momento contemporâneo de Penedo, suas características se manifestam nas entrevistas recentes, e evidenciam que o dito hoje adquire novos sentidos e demonstra as conexões entre passado e presente.

Tal exercício interpretativo foi realizado essencialmente a partir da análise dos discursos sociais que compunham uma tessitura social e a partir dos significados atribuídos aos “ditos” dos discursos, à parte da generalização atribuída à imigração utópica finlandesa em Penedo e seu projeto hegemônico. Ao retratá-los, tentei reconstituir como se delineou a imagem de uma existência posta em discurso através da linguagem escrita ou oral. Se por vezes pareço ousada na tentativa de interpretá-los, foi mais no intuito de legitimar a participação de cada um deles no projeto, do que no de desmontar suas estratégias.

Em função da dificuldade, já explicitada, de se percorrer a construção da identidade finlandesa na Colônia Penedo de modo amplo, desenvolvi uma abordagem que jogasse luz sobre o caráter específico dessa migração. O resultado foi um texto híbrido que se localiza

entre relato histórico e estudo cultural, revelando características de uma identidade em transição através de autoatribuições e narrativas de si e do outro.

Desse modo, a partir de um quadro aproximado do processo de reconformação das identidades finlandesas em Penedo – através das trajetórias de vida e dos relatos acerca de seu estabelecimento– a hipótese central tratava do reflexo das teorias utópicas relacionadas à natureza e à saúde nas representações que informam a própria noção de identidade cultural para diversos dos agentes participantes da colônia. Aqui, os temas de nutrição e saúde funcionaram como dispositivos em torno do projeto utópico e são relevantes para os processos de agência individual, tensionados a partir de alguns dos dogmas desse projeto colonizador.

Como hipótese secundária intuí que elementos de uma identidade finlandesa bastante influenciada pelas utopias vigentes na colônia seriam vistos nas demais gerações, cujo discurso foi também informado pelo estabelecimento e atualização do projeto colonial de 1929. Pudemos notar essa herança nas entrevistas utilizadas no último capítulo, cujas falas se posicionam como guardiãs do legado e do que significa a colônia hoje, atualização do que foi em 1929 através das mudanças espaço-temporais ocorridas. A relação entre o projeto utópico e a identidade finlandesa em Penedo passa principalmente pela questão ambiental. Nota-se que o discurso dos finlandeses de hoje e seus descendentes em geral retoma a questão da manutenção da natureza e das problemáticas em relação à água, à infra estrutura e à sobrevivência de Penedo. Ainda hoje, é recorrente o tema do reflorestamento feito pelos pioneiros, que encontraram um território de pastos e de pouca mata e o reconfiguraram.

Considerando o contexto de então, quando o Brasil sofria um processo modernizador, os finlandeses expressavam uma reação à Europa industrializada, e constituíam a onda de emergência utópica também pela vontade de escapar do controle político e religioso. Dessa forma, o grupo liderado por Uuskallio não seria o único a viabilizar estratégias alternativas à reprodução de uma industrialização que implicava a saída do campo e o enchimento das cidades. Ali, não imperava a lógica do favor ou a herança desigual de uma sociedade escravocrata. Apesar do controle social exercido por Uuskallio, cujas dinâmicas de poder se davam em torno da questão da saúde e demais normas utópicas, havia a manutenção de uma autonomia individual, da ética do trabalho protestante e da igualdade entre indivíduos. Dessa forma, entendemos que se diferenciam as dinâmicas dessa comunidade imigrante daquela mais geral da sociedade brasileira da época, articulada sobre favores e privilégios pessoais<sup>102</sup> (CANCLINI, 1989).

As características étnicas finlandesas, citadas por Kropotkin (1885) colaboraram no sentido de que eles, enquanto grupo, fossem capazes de valorizar uma vida simples e contemplativa junto à natureza. A essa análise se soma a constatação de que estiveram submetidos ao controle russo ou sueco durante longo período, o que fez emergir a luta nacionalista, a partir da qual entendemos também a pouca valorização dada à aristocracia pelos participantes da colônia. O grupo étnico finlandês mobilizou-se a partir da influência de um agente político (BARTH, 1995), cujo projeto ideal de sociedade determinou as fronteiras e relações ali engendradas.

Os finlandeses migrantes agenciavam o contraste entre “nós” e “os outros”, evidenciando uma alteridade que acentuou as diferenças culturais entre brasileiros e finlandeses. Por sua vez, cabe relembrar que neste processo os finlandeses migrantes também constroem um outro: os finlandeses não migrantes, que ficaram no país natal, e dos quais, ao menos em projeto, este “nós” dos finlandeses migrantes utópicos, buscava se diferenciar. O fluxo cultural desse grupo foi abordado a fim de se pensar o processo de estabelecimento nos trópicos, de como organizou-se socialmente e retrabalhou denominadores culturais comuns.

<sup>102</sup> Apesar da Semana de Arte Moderna de 1922, a sociedade brasileira em geral mantinha suas referências europeias, tanto que o grupo de artistas modernistas brasileiros se via isolado (CANCLINI, 1989).

A identidade finlandesa em Penedo foi tanto resultado da influência de uma concepção ideológica singular – difundida como parte do projeto tropical – quanto da localização dos finlandeses em oposição aos brasileiros, conformando uma estrutura social em que se colocam o “nós” em oposição aos “outros” presentes no mesmo contexto. Essa identidade contrastiva (OLIVEIRA, 1976) foi também construída de modo a perpetuar a legitimação de uma diferença étnica que funciona no sentido de afirmar determinadas práticas e também no que concerne a peculiaridades finlandesas, que mais tarde atraíram a atividade turística. Dessa forma, a identidade representa o conjunto de categorias fluidas e em constante construção que conformaram o modo como esses imigrantes se viam, agiam e se localizavam enquanto grupo étnico (OLIVEIRA, 1976). Ela aqui compreende repertórios que mesclam renovações das práticas a ações tradicionais. Ou seja, ao mesmo tempo em que tensiona romper com as condições modernas de então, presentes no contexto finlandês e associadas à produção industrial e ao novo modo de vida citadino, logra perpetuar elementos tradicionais e ultrapassados, como as danças folclóricas.

Ainda que os imigrantes expressassem características anti-modernas, como a orientação espiritual protestante e a moral sexual severa, elas em si diferiam da forma tradicional brasileira, marcadamente católica. Nas falas de Frederico Carvalho e Talitha Praça nota-se o prestígio do povo europeu para brasileiros nascidos na década de 20, ao demonstrarem o culto a uma ideologia estética externa, legitimada pela alta cultura, considerada verdadeiramente moderna, enquanto o Brasil da época tentava livrar-se da herança vista como selvagem, a fim de alcançar esta modernidade.

O projeto emigratório utópico de Penedo apresenta traços posteriormente vistos nos ideais ecologistas da década de 1970, mais de quarenta anos após o empreendimento. A ascensão do movimento ecologista estimulou a renovação da ideia de utopia, aqui entendida como o desejo por mudança, sem se prejulgar sua possibilidade de realização efetiva (CASTORIADIS e COHN-BENDIT, 1981), pois tratou da relação primordial do homem com a natureza, e resgatou muitas das crenças de autores utopistas, os quais inspiraram agentes políticos como Uuskallio e outros finlandeses que rumaram ao novo mundo.

Historicamente, os países em desenvolvimento tendem a direcionar-se a um desenvolvimento nacional que siga o paradigma das nações centrais, enquanto essas tendem a legitimar seu modelo de desenvolvimento (CASTORIADIS e COHN-BENDIT, 1981). Excepcionalmente, na Colônia Penedo – e em outros exemplares dessa onda de emigração utópica – os migrantes rumaram ao sul subdesenvolvido em busca de um outro desenvolvimento, que não o do paradigma dominante, mas que indicasse a busca por alternativas.

Por fim, a busca pela construção de uma comunidade autônoma e igualitária implicou a existência de indivíduos autônomos que a constituíssem, assim cada um dos participantes da colônia teve um papel importante a desempenhar frente à expectativa dos organizadores de que comungassem de ideais similares na construção de um outro modo de vida nos trópicos. Nesse sentido, se o indivíduo constitui sua *psyché*, a qual, juntamente com sua fabricação social, é responsável pelas manifestações e recriações de si e de sua sociedade (CASTORIADIS, 1981:69), a Colônia Penedo existiu a partir da constituição de cada indivíduo, e vice-versa; os indivíduos se conformaram à medida em que conformou-se a comunidade (ELIAS, 1987), e os modos de vida e as identidades aí forjadas estiveram em constante interação e modificação.

## BIBLIOGRAFIA

- AMPULA, E. **Eila, memórias.** Fortaleza: Mimeo, 1997.
- ARDHIS \_\_\_\_\_. **II Seminário sobre o Vale Fluminense – Paraíba Nova.** Resende: ARDHIS (Academia resendense de História), 2012.
- BARCELLOS, M. **São José do Campo Bello, povoamento e pecuária.** Caderno 3. Itatiaia: Instituto Campo Bello. 2012. Introdução.
- BARTH, F. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- \_\_\_\_\_. Etnicidade e o conceito de cultura. In: **Antropolítica.** Niterói: n. 19. 2005. p. 15-30.
- BARTHES, R. O mito, hoje. In: BARTHES, R. **Mitologias.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.131-178.
- BECKER, H. **Segredos e truques da pesquisa.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERTELL, R. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.
- BOBBIO, N.; MATEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política.** Trad. Carmen C. Varrialle, Gaetano Loiai Mônaco, João Ferreira, Luis Guerreiro Pinto Cacais, Renzo Dini. Brasília: UnB, 2004
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Lisboa: Difel, 1989, p. 59-74.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CAMPANELLA, T. A cidade do sol. IN: BRUNO, G; GALILEI, G; CAMPANELLA, T. **Os Pensadores.** Traduções de Helda Barraco, Nestor Deola e Aristides Lôbo. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. p. 12-90.
- \_\_\_\_\_. **Culturas híbridas.** 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000. p.17-67.
- CASTORIADIS, C.; COHN-BENDIT, D. **Da Ecologia à Autonomia.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- COELHO NETO, J. T. **O que é utopia.** São Paulo: Abril Cultural. Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos, nº 47)
- COSTA, R. da; KOJO, P. **Assim é a Finlândia.** Helsinki: Editora Otava. 1985.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs I**. São Paulo: Editora 34, 1995. p. 1-9.

ELIAS, N. **Estabelecidos e Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 19-40.

FAGERLANDE, A. A. **Fazenda Penedo, Uma colônia finlandesa no Brasil**. Penedo, Itatiaia: Mimeo. 1998.

FAGERLANDE, S. M. R. **Penedo: uma utopia finlandesa**. Rio de Janeiro: Editora Baluarde, 2013.

FELICI, I. **A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi**. Campinas: Cadernos AEL, Vol. 5, No 8/9, 1998.

GEERTZ, C. **A intepretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1973. p. 20-24

GEUS, M. **Ecological Utopias - Envisioning the Sustainable Society**. Utrecht: International Books, 1999. p. 15-103.

GINZBURG, C. O inquisidor como antropólogo. In: GINZBURG, Carlo. **Micro-História e Outros Ensaios**. Lisboa: Difel, 1991. p. 203-214.

GORÄNSEN, M. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora. 1987.

HERZFELD, M. **Cultural Intimacy: social poetics in the Nation-State**. New York/London: Routledge. 1997. p. 1-60.

HILDÉN, E. **A saga de Penedo: a história da Colônia Finlandesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira Ed, 1989.

HILDÉN, H. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho

HOBSBAWN, E; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

HOHENTHAL, E. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.

KROPOTKIN, P. Finland: a Rising Nationality. In: KROPOTKIN, Peter. **The Nineteenth Century**. March, 1885. pp. 527-546. Disponível em: <[http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist\\_Archives/kropotkin/Finland/Finland.html](http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/Finland/Finland.html)>. Acesso em 13/09/2013.

KLINGER, D. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 1-84.

LACROIX, J. **A utopia, um convite à filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1996. p. 9-108.

LÄHTEENMÄKI, O. Caminhada de oito léguas no Penedo. In: AICHINGER, T. (org). **50 anos de Penedo**: a Colônia Finlandesa – 1929-1979. Penedo: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos.1979. p. 21-30.

LOBATO, M. **Os doze trabalhos de Hércules** – 2º tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. p. 204-217.

MELKAS, E. **Virkamiehetä viininviljelijäksi Villaricaan** – B.W. Heikel (1879-1954) ja Exotica Fruit Company Paraguayssa. In: Aavan Meren Tuolla Puolen – Tutkielmia siirtolaishistoriasta. Turku: Yleinen historia, 1996.

\_\_\_\_\_. **Kaikkoavat paratiisit**: Suomalaisten siirtokuntien aatteellinen tausta ja perustamisvaiheet Brasiliassa ja Dominikaanisessa tasavallassa n. 1925 – 1932. (Paraíso que se perdem de vista – Fundamentos ideológicos e fases da fundações das colônias finlandesas no Brasil e na República Dominicana nos anos 1925-1932). Turku: Sirtolaisuusinstitutti, 1999.

\_\_\_\_\_. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.

MORE, T. **A utopia ou O tratado da melhor forma de governo**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

OFFE, C. A atual transição histórica e algumas opções básicas para as instituições da sociedade. In: PEREIRA, L. C. B.; WILHEIM, J., e SOLA, L. (org.). **Sociedade e Estado em transformação**. São Paulo/Brasília: Editora Unesp/Enap, 1999. p. 119-145.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. p. 1-53

PELTONIEMI, T. **Kohti Parempaa Maailmaa**. Suomalaisten ihannesiirtokunnat 1700-luvulta nykypäivään. Otava : Helsingissä Kunstannusosakeyhtiö.1985. p.122-141.

\_\_\_\_\_. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho

PINTO, P. G. H. da R. **Árabes no Rio de Janeiro**: uma identidade plural. Rio de Janeiro: Editora Cidade Viva. 2010.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212.

PRAÇA, G. **O sonho do agricultor filósofo**. História e estórias de Penedo. Penedo, Itatiaia: Edição independente. 2006.

\_\_\_\_\_. **Trem parador**. Rio – Mantiqueira. Penedo, Itatiaia: Edição independente. 2012.

\_\_\_\_\_. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.

- SANTOS, M. Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método. In: SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Editora Vozes. 1982. p. 9-22.
- SILVA, G. M. da. Falanstério do Saí: uma experiência utópica em Santa Catarina. In: **Santa Catarina em História**, vol.1, n.1, Florianópolis: UFSC , 2007.
- SIMONET, D. **O Ecologismo**. Lisboa: Moraes Editores. 1981.
- SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Introdução. p. 54-60.
- SIPILÄ, T. Instantâneos da vida penedense. In: AICHINGER, T. (org). **50 anos de Penedo: a Colônia Finlandesa – 1929-1979**. Penedo, Itatiaia: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos. 1979. p. 36-39.
- SÖDERLING, I. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.
- TAIPALE, I. (org). **100 social innovations from Finland**. Finlândia, SKS, 2013. p. 86
- TOLSTOI, L. **Cristianismo e anarquismo**. Rio de Janeiro: editora Achiamé. 2009.
- TURUNEN, A. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.
- UUSKALLIO, A. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.
- UUSKALLIO, L. Primeiras impressões. In: AICHINGER, T. (org). **50 anos de Penedo: a Colônia Finlandesa – 1929-1979**. Penedo, Itatiaia: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos. 1979. p. 11-18.
- UUSKALLIO, T. **Na viagem em direção à magia do trópico**. Helsinki: Otava, 1929.
- VALTONEN, N. Compra da fazenda. In: AICHINGER, T. (org). **50 anos de Penedo: a Colônia Finlandesa – 1929-1979**. Penedo, Itatiaia: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos. 1979. p. 31-35.
- \_\_\_\_\_. Vislumbres e ocorrências. In: AICHINGER, T. (org). **50 anos de Penedo: a Colônia Finlandesa – 1929-1979**. Penedo, Itatiaia: Gráfica Escola Profissional Lar dos Meninos. 1979. p. 40-45
- \_\_\_\_\_. **Sonho do Paraíso – Acontecimentos dos finlandeses no Brasil**. Penedo, Itatiaia: Editora Gráfica do Patronato. 1998.
- VIITAMIENI, S. 2013. Entrevista concedida a Lila Almendra Praça de Carvalho.
- WEBER, M. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da Sociologia Compreensiva (volume 1). Brasília, D.F: Editora da Universidade de Brasília, 1991. p.139-198.
- WHATELY, M. C. **O café em Resende no século XIX**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 1987.

## PERIÓDICOS

AVELINO DE PAIVA, M. de. Na nossa serra, há pouco tempo, uma aldeia de outro mundo. Entrevista concedida a Gustavo Praça. **O Ponte Velha**, Penedo, n. 37, ano 4. fevereiro 1999. p. 4-5.

CARVALHO, F. Uma sugestão para o seu fim de semana. **O Globo**, Rio de Janeiro, 31 out. 1968. Matutina, Turismo, p. 6.

\_\_\_\_\_. Uma sugestão para o seu fim de semana. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 nov. 1968. Matutina, Turismo, p. 6.

\_\_\_\_\_. Uma Fome de Rude Campônio. **Nariz da Índia**, Penedo, set./out. 1995. p. 1-3.

PRAÇA, T. Há 35 anos, um baile finlandês! **Nariz da Índia**, Penedo, jul./ago. 1996. p. 8